



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ**  
**Universidade de Fortaleza – UNIFOR**  
**Vice-Reitoria de Pós-Graduação - VRPG**  
**Centro de Ciências da Saúde - CCS**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

---

**Flora Mattos Dourado de Mesquita**

**A Experiência da Religiosidade/Espiritualidade em Lésbicas, Gays e Bissexuais da Cidade de  
Fortaleza-CE**

The Experience of Religiosity/Spirituality in Lesbians, Gays and Bisexuals in Fortaleza-Ce

**Fortaleza - CE**

**Julho, 2017**



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ**  
**Universidade de Fortaleza – UNIFOR**  
**Vice-Reitoria de Pós-Graduação - VRPG**  
**Centro de Ciências da Saúde - CCS**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

---

**A Experiência da Religiosidade/Espiritualidade em Lésbicas, Gays e Bissexuais da  
Cidade de Fortaleza-CE**

The Experience of Religiosity/Spirituality in Lesbians, Gays and Bisexuals in Fortaleza-Ce

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade.

Orientadora: Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes.

**Fortaleza – CE**  
**Julho, 2017**

Ficha catalográfica da obra elaborada pelo autor através do programa de geração automática da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza

---

MESQUITA, FLORA .

A Experiência da Religiosidade/Espiritualidade em Lésbicas,  
Gays e Bissexuais da Cidade de Fortaleza-CE / FLORA MESQUITA.  
- 2017  
89 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade de  
Fortaleza. Programa de Mestrado em Psicologia, Fortaleza,  
2017.

Orientação: NORMANDA MORAIS.

1. ESPIRITUALIDADE. 2. RELIGIOSIDADE. 3. GAY. 4. LÉSBICA.  
5. BISSEXUAL. I. MORAIS, NORMANDA. II. Título.

---



Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade

Dissertação intitulada *“A experiência da religiosidade/espiritualidade em Lésbicas, Gays e Bissexuais da cidade de Fortaleza-CE”*, de autoria da mestranda **Flora Mattos Dourado de Mesquita**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

*Normanda Araujo de Moraes*  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes – (UNIFOR) – Orientadora

*Elder Cerqueira Santos*  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos – (UFS)

*Fabio Scorsolini Comin*  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Fabio Scorsolini Comin – (UFTM)

Fortaleza, 24 de julho de 2017.

Visto: *Normanda Araujo de Moraes*  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
UNIFOR

## AGRADECIMENTOS

Hoje eu sou só gratidão.

Antes de entrar no mestrado me falaram para preparar que não ia ter nada de ‘negócio de clínica’, que era metodologia pura, que eu, terapeuta crônica, ia precisar lidar com isso. Acontece que mentiram. Fora o fato de que no consultório encheu de gente trazendo sobre religião, espiritualidade e orientação sexual (que eu achava que era até encomenda), acho que esse trabalho me ajudou a apurar meus ouvidos. Eu não tinha me preparado para isso, mas aconteceu. E sou grata.

Aconteceram tantas coisas nesses dois anos, que não caberiam nas páginas desse trabalho. Agradeço aqui as pessoas fundamentais nessa caminhada, com a certeza de que ninguém escreve uma dissertação e nem cresce sozinho. E acreditem, sou mais forte com vocês!

Primeiro meus pais. Assim, primeiro, primeiríssimo. Pela parceria, pelo amor, por comprarem minhas brigas. Por Regina fazer psicologia, pelo meu pai me trazer notícias que tinham a ver com LGB (apenas fofo). Tenho tanto orgulho de vocês, espero tenham por mim também. Obrigada por estarem sempre por perto, vocês fazem meu mundo um lugar mais quentinho.

Normanda, menina, o que dizer? Obrigada por apostar em mim (foi uma honra). Obrigada por sua coragem, seu riso fácil, pela generosidade com que espalha o conhecimento, como quem sabe que o destino do conhecimento é ir, que ele não é nosso (ainda bem, já pensou que despropósito?). Obrigada por gostar de orientandos felizes. Ah, e também por fazer vista grossa para minha caneca intrusa no PPG. Acho que generosidade é bem sua palavra. Obrigada!

Aline! Me sinto com tanta, mas tanta sorte de ter tido você por perto. E admiro demais, feito você fosse uma irmã maior. Esse trabalho não ia ser o mesmo sem você, eu mesma não ia ser a mesma sem você. Sua energia de vida é linda, obrigada por dividir!

Andrea Marília, segurou uma onda para mim, hein, amiga? Tanto amor por você, obrigada sem fim!!!

De tudo fica um pouco, fica em mim um pouco do bom humor de Sara, da inteligência de Rebeca (ai, tomara!), da doçura de Mariana (e de Maryanna também), do afeto e do abraço de Fátima, do desejo da produtividade de uma Mykaella, da presença de Brenna, de Socorro querida, de Raphaelly (você promete menina, vá lá cumprir!), da intensidade de Isadora, e da

voz baixinha e cheia de coisa pra dizer, da outra Isa. Do cheirinho de PUC que Erika traz quando vem, de Dani (e seu super charme), de Diana e sua disposição para a mudança.

Obrigada por serem LESPLEXOS e ficarem mais que um pouco!

Sabe, um dia, Elder disse (e olha que nem foi pra mim): “Isso é só um mestrado”. Eu achei incrível já entrar no programa com esse *spoiler!* Queria dizer para ele que vivi um monte: nadei, corri, escalei, mergulhei, surfei, me encontrei com amigos (comigo também) e amei. Nada parou (tá! teve uns dias que sim, mas vamos focar no todo, não é mesmo?). Mas agradeço o lembrete antecipado, obrigada!

Agradeço, ainda, a presença de Fábio na minha banca. Obrigada por fazer da ciência, literatura. É uma honra tê-lo por aqui!

Especialmente, agradeço a meus entrevistados, por sua disponibilidade e entrega desse pedaço tão íntimo da vida, obrigada por compartilhar.

E, por fim, agradeço à FUNCAP pelo fomento a esta pesquisa.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Religiosidade/Espiritualidade como Fator de Risco e/ou como Fator de Proteção	24
Tabela 2. Médias e desvio - padrão das variáveis idade, tempo de relação, coabitação, renda individual e renda familiar	37
Tabela 3. Média e desvio-padrão das variáveis R/E, Satisfação com Suporte Social e Homofobia internalizada	39
Tabela 4. Comparação do suporte social e da homofobia internalizada entre os grupos de baixa, média e alta R/E	41
Tabela 5. Correlações entre as variáveis sociodemográficas, R/E, Suporte Social e Homofobia Internalizada	44
Tabela 6. Regressão Linear para análise das variáveis independentemente associadas à R/E	45
Tabela 7. Caracterização dos participantes	52



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Diagrama de fluxo dos artigos selecionados pelos critérios de exclusão e inclusão	18
Figura 2. Dendograma da separação em 3 classes fornecidas pelo programa IRAMUTEQ a partir dos discursos dos participantes	57
Figura 3. Nuvem de palavras	71

## RESUMO

A Dissertação objetivou compreender a experiência da religiosidade/ espiritualidade (R/E) em lésbicas, gays e bissexuais (LGBs). Para isso, foram realizados três estudos. No Estudo I, levantou-se a produção científica (nacional e internacional) sobre a experiência religiosa/espiritual de LGBs. A revisão incluiu as bases SciELO, PePSIC, LILACS, IndexPsi, PsycINFO, PUBMED e E-journals e o período de 2005 a 2015. Dentre os 58 artigos analisados, predominaram de estudos norte - americanos, empíricos, transversais e qualitativos, cujo foco eram as estratégias de integração R/E e homossexualidade, além da *R/E como fator de risco e/ou proteção*. No Estudo II, investigaram-se os fatores relacionados à R/E de 181 gays e lésbicas de Fortaleza, CE (M = 31,28 anos de idade; DP = 7,75). Os instrumentos avaliaram características sociodemográficas, níveis de R/E, suporte social e homofobia internalizada; e estatísticas descritivas e inferenciais foram calculadas no SPSS. Verificou-se que a maioria dos participantes se disseram engajados em alguma religião formal ou espiritualidade; que eles tendem a se concentrar nos grupos de média e alta espiritualidade; que a R/E se correlaciona positivamente à idade, tempo coabitação e satisfação com o suporte social – família e intimidade, e negativamente à renda; e que o aumento da idade e a satisfação com suporte social- intimidade, estiveram mais fortemente associados à R/E. No Estudo III, descreveram-se as concepções e práticas religiosas/espirituais de 10 LGBs (entre 19 e 55 anos), com vinculações a distintas filiações religiosas (católica, evangélica, espíritas, candomblecista e espiritualista). Para isso utilizou-se uma entrevista com pergunta disparadora para coleta de dados e o software Iramuteq nas análises. Constatou-se que os participantes consideram a R/E como uma dimensão importante em suas vidas; diferenciam uma dimensão da outra; reconhecem a importância da família de origem na sua vivência religiosa/espiritual; e mencionam diversas estratégias de integração (e.g. saída do armário seletiva; utilização da rede de apoio social; e mudança na percepção/foco, dentre outras) da R/E e sua orientação sexual. Corrobora-se a importância de se pesquisar a experiência religiosa de LGBs, tanto pelo lugar de destaque que essa dimensão assume em suas vidas, quanto pela presença (ainda) marcante da homofobia contra essa população.

Palavras-chave: religiosidade, espiritualidade, LGBs, orientação sexual

## ABSTRACT

The present Dissertation aimed to better understand the experience of religiosity / spirituality (R / S) in lesbian, gay and bisexual people (LGBs). Therefore, three studies were carried out. On the First Study, the scientific production (national and international) towards the religious / spiritual experience of LGBs was raised. The review included the SciELO, PePSIC, LILACS, IndexPsi, PsycINFO, PUBMED, and E-journals databases, from 2005 to 2015. Of the 58 articles analyzed, the empirical, cross-sectional and qualitative studies were predominant. R / S integration strategies and homosexuality, as well as R / S as a risk and / or protection factor. In Study II, the R / S -related factors of 181 gays and lesbians from Fortaleza, CE (M = 31.28 years of age, SD = 7.75) were investigated. The instruments evaluated sociodemographic characteristics, R / S levels, social support and internalized homophobia; Descriptive and inferential statistics were calculated in the SPSS. The findings pointed that most participants were engaged in some formal religion or spirituality; That they tend to focus on middle and high spirituality groups; That R / S correlates positively to age, cohabitation time and satisfaction with social support - family and intimacy, and negatively to income; And that increased age and satisfaction with social-intimacy support were more strongly associated with R / S. In Study III, the religious / spiritual conceptions and practices of 10 LGBs (between 19 and 55 years), memberships on different religious affiliations (Catholic, Evangelical, Spiritist, Candomblé and Spiritualist) were described. For data collection, an interview with a triggering question was used, and the analyzes were probed by the Iramuteq software. The results revealed that participants consider R / S an important dimension in their lives; differentiate one dimension from the other; recognize the importance of the family of origin in their religious / spiritual experience; and mention several strategies for integration (eg, selective outness, social support network, and change in perception / focus, among others) of R / S and their sexual orientation. It provides evidence to the importance of researching religious experience of LGBs, both, for the relevance that this dimension takes on in their lives, and for the (still) marked presence of homophobia towards this population.

Keywords: religiosity, spirituality, LGBs, sexual orientation

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS</b>	01
<b>LISTA DE FIGURAS</b>	02
<b>RESUMO</b>	03
<b>ABSTRACT</b>	04
<b>INTRODUÇÃO</b>	07
<b>I – ESTUDO I: A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA/ESPIRITUAL DE GAYS, LÉSBICAS E BISEXUAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA</b>	16
1.1. Método	16
1.2. Coleta de dados	16
1.3. Resultados e Discussão	17
1.4. Considerações Finais	30
<b>II – ESTUDO II: FATORES RELACIONADOS À RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM GAYS, LÉSBICAS E BISEXUAIS</b>	32
2.1. Objetivos	32
2.1.1. Objetivo Geral	32
2.1.2. Objetivos Específicos	32
2.2. Método	32
2.2.1. Delineamento	32
2.2.2. Participantes	32
2.2.3. Instrumentos	33
2.2.4. Procedimentos de Coleta de Dados	34
2.2.5. Procedimentos de Análise de Dados	35
2.2.6. Procedimentos Éticos	36
2.3. Resultados e Discussão	36
2.4. Considerações finais	46
<b>III – ESTUDO III: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS RELIGIOSAS/ESPIRITUAIS DE GAYS, LÉSBICAS E BISEXUAIS</b>	48
3.1. Objetivos	48

3.1.1. Objetivo Geral	48
3.1.2. Objetivos Específicos	48
3.2. Método	48
3.2.1. Delineamento	48
3.2.2. Participantes	48
3.2.3. Instrumentos	49
3.2.4. Procedimentos de Coleta de Dados	49
3.2.5. Procedimentos de Análise de Dados	49
3.2.6. Procedimentos Éticos	50
3.3 Resultados e Discussão	50
3.4 Considerações Finais	72
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	75
<b>REFERÊNCIAS</b>	78
<b>ANEXOS</b>	88
Anexo A. Aprovação Comitê de Ética - Plataforma Brasil (Estudo II)	89
Anexo B. Instrumentos (Estudo II)	90
Anexo C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo II)	96
Anexo D. Instrumentos (Estudo III)	100
Anexo E. Aprovação Comitê de Ética - Plataforma Brasil (Estudo III)	102
Anexo F. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo III)	103

## INTRODUÇÃO

Em Psicologia, tocou a William James realizar os primeiros ensaios sobre religião, no ano de 1901 (Louceiro, 2007). O psicólogo e filósofo foi responsável pela primeira diferenciação entre o que ele denominou religião institucional e religião experiencial. Enquanto a primeira diz respeito a um conjunto de crenças, valores e atitudes transmitidas geração após geração e mediada por uma instituição; a segunda trata da experiência particular, ou seja, tem a ver com a subjetividade e experiências de contato com uma realidade metafísica. Tal experiência transcendental contribuiria com a atribuição de sentido que se dá à existência, assemelhando-se ao que os teóricos posteriores a William James, chamam de espiritualidade (Taranu, 2011).

Quando se fala em espiritualidade e religiosidade, muitos autores apontam diferenças entre os dois. A religiosidade é definida como um sistema de crenças organizado, com valores morais, crença na existência de Deus- ou Ser superior-, e que convoca as pessoas a formarem uma comunidade e partilharem da mesma fé. A espiritualidade, por sua vez, é considerada como um fenômeno existencial, que pode ser vivenciada dentro ou fora de uma comunidade religiosa formal (Bowland, Foster, & Volsler, 2013; Bruscajin, 2004; Heerman, Wiggins, & Rutter, 2007; Jefries et al., 2014; Louceiro, 2007; Pinto, 2009; Tan, 2008; Walsh, 2005).

Segundo Guerriero (2005), os indivíduos acostumaram-se a identificar religião/religiosidade com a religião institucional, tal como descrita por William James, pois essa é a tradição histórica da nossa sociedade. O autor chama atenção para a inclusão da religiosidade que se produz a partir de um sem número de sistemas de crenças que desempenham a mesma função de atribuir sentido à vida. Ora, todos eles procuram organizar e estruturar a vida em sociedade e a vida subjetiva, ao promover esperanças de viver num mundo mais justo e tornar suportáveis as adversidades (Guerriero, 2005).

Devido à presença significativa da religiosidade e espiritualidade na vida das pessoas, de tempos em tempos a ciência se propõe a lançar luz sobre os mistérios que cercam esse fenômeno. Algumas dessas tentativas trataram o fenômeno da fé e os fiéis como ligados a um mundo de ilusões (Guerriero, 2005), entendendo a religião como um tipo de conhecimento pré-científico e irracional (Bruscajin, 2004). A ciência moderna, com o discurso de que a racionalidade científica assolaria os enganos da fé, agiu de forma a desmerecer a complexidade do fenômeno religioso.

Baseado no pressuposto da ciência moderna se acredita que, muitas vezes, as crenças somente se sustentam quando não temos explicações quanto aos fenômenos vividos, isto é,

quanto mais a ciência progredisse, e promovesse elucidacões sobre o desconhecido, mais afastaria qualquer explicacão sobre-humana dos eventos da vida (Guerriero, 2005). Esse movimento atingiu também a psicologia, que se distanciou dos fenômenos religiosos/espirituais com a intenção de conquistar a respeitabilidade e credibilidade de ciência (Bruscagin, 2004). Por outro lado, outros estudos buscaram a compreensão racional dos mistérios da fé a partir do universo religioso de quem está dentro da religião, não havendo lugar para questionamentos contrários aos propostos pelos dogmas das religiões em questão (Guerriero, 2015).

À religião, portanto, costumam pertencer questões que escapam à razão, tais como a fé, os milagres, o poder místico da oracão, além de necessidades sociais pontuais das pessoas que compõem aquele determinado grupo religioso, como a construçã de creches, ensino de alfabetizacão, prestacão de serviços odontológicos e médicos, reforma na casa de fiéis, dentre outros (Zamora & Kuenerz, 2008).

Zamora e Kuenerz (2002) concordam que a visã da ciência moderna acerca dos processos religiosos e espirituais reduziriam o entendimento de religião/espiritualidade a um erro cognitivo. As autoras enxergam a religião como o meio de construçã de sentidos, considerando os aspectos de complexidade que envolvem o fenômeno, ou seja, compreendendo que a nossa rede de significacões favorece o sentido de continuidade da vida e o sentido que os sujeitos têm de si mesmos.

A pós- modernidade alude à impossibilidade de que tudo o que existe pode ser conhecido. Os significados construídos socialmente têm lugar importante nessa maneira de se fazer conhecimento. Sendo assim, a reaproximacão dos estudos da relaçã espiritualidade e religiosidade com a vida, volta a fazer sentido. Psicologia e religiosidade/espiritualidade dizem de aspectos reais da experiêcia humana, e nenhuma precisa ser detentora do monopólio da compreensã dessas experiêcias.

A religião tem passado por intensas alterações desde a segunda década do século XX. Anterior a esse período, a religião era tida como única instituiçã de referêcia de valores, conduta e relacionamento com o sagrado. A década de 1960 foi um divisor de águas referente a formas únicas de acessar estes elementos, uma vez que emergiu a ideia de uma “Nova Era”. Este movimento surgiu da necessidade de lidar de forma diferente com o corpo, o sagrado, a natureza e o cosmos, e tinha como objetivo a integraçã com o todo, apresentando uma visã holística da existêcia (Siqueira, 2013).

Com o movimento de secularizacão, fruto da modernidade, a partir do qual o prestígio das igrejas e outras instituições religiosas e a influêcia da religiosidade sobre os homens vai

diminuindo, era de se esperar que a religiosidade sucumbisse (Portella, 2006). No entanto, de acordo com Albuquerque (2008), ao discorrer sobre pesquisas do Datafolha<sup>1</sup> acerca da religião e seus indicadores numéricos, verifica-se que o interesse pelo mundo religioso persiste.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), em termos de filiações religiosas, os católicos sempre foram maioria da população brasileira. Em 1970, havia 92% de católicos e 5% de evangélicos, sendo que estes números passaram para 74% e 16% no ano 2000. Sobre a presença da religiosidade no Brasil, em estudo realizado em 2011, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), sob a Coordenação de Marcelo Neri, 94% da população brasileira declarou ter alguma religião e, destas, cerca de 20% se tratava de religião evangélica e quase 70% da população considerava-se católica (Neri, 2011). Contudo, é percebido o declínio demográfico de três religiões tradicionais: o catolicismo, o luteranismo e a umbanda; somado ao crescimento de evangélicos e de pessoas que se declaram sem religião (Pierucci, 2004). Os números apresentados pelo IBGE (2010), por exemplo, mostram que 86,8% dos brasileiros se autodeclaram como cristãos, sendo que 64,6% são católicos; 22,2% evangélicos; 2,7% outras religiões; 2% espíritas e 0,3% Candomblé e Umbanda. Entende-se, assim, que esse elevado número de pessoas que se denominam religiosas no país reflete uma realidade na qual ser religioso, ou se dizer religioso é ainda considerado como muito importante para os brasileiros.

O fato é que a religião, a espiritualidade e o misticismo não desapareceram, mas se apresentam em uma existência com fronteiras borradas (Portella, 2006; Siqueira, 2013). Tais fronteiras podem ser exemplificadas pela oferta de novas formas de conexão com o sagrado (capelas virtuais, velas virtuais, pedidos de oração e aconselhamento espiritual *on line*), até formas mais particulares de se viver a espiritualidade, sendo esta crescentemente individualizada, privada, voluntária, e não um legado de herança familiar (Sbardelotto, 2012).

Considerando a inter-relação da religiosidade/espiritualidade com a realidade de muitas pessoas, sabe-se da presença de formas de viver a partir de um quadro de valores oferecidos pela religião. Esses valores funcionam como base para a compreensão de eventos da vida e o sentido que se atribui aos mesmos. A pessoa religiosa/espiritualizada se baseia na

---

<sup>1</sup> Datafolha: é um instituto independente de pesquisas do Grupo Folha, conjunto de empresas coligadas do qual o jornal Folha de S. Paulo faz parte. Atualmente, um dos mais importantes institutos de pesquisa de opinião do Brasil. Link da pesquisa <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/inde06052007.htm>



ideia de uma realidade espiritual, e suas experiências vindas daí fazem diferença na forma como experimentam e compreendem o mundo, sua identidade e interação com os outros (Bruscagin, 2004). A partir desse pertencimento ao grupo pode ser gerada uma disposição a comportamentos semelhantes ao comportamento do grupo (Marques et al., 2011; Zamora & Kuenerz, 2008).

Alguns dos valores tradicionais religiosos oferecem uma estrutura moral de referência clara com relação a comportamentos, dizendo respeito, por exemplo, à vivência da sexualidade, sobre quem deve vive-la, como, quando e com que finalidade. Consequentemente, a religião também legisla sobre a homossexualidade, aqui entendida como predominância de pensamentos, sentimentos e atração emocional e sexual por pessoas do mesmo sexo (Cohen & Savin-Williams, 2014).

Ainda hoje, para algumas igrejas, a homossexualidade é vista não só como pecado, mas também como doença que precisa e tem cura, a despeito do posicionamento da ciência sobre a temática. As principais organizações e documentos nacionais e internacionais vinculados à saúde, como a *American Psychology Association* (APA), a Organização Mundial de Saúde (OMS), Conselho Federal de Psicologia (CFP), e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), por exemplo, não compreendem a homossexualidade como uma psicopatologia, mas como uma das possibilidades de vivência afetivo-sexual humanas (Mesquita & Perucchi, 2016). Na contramão do que as Organizações e Associações de Psicologia têm definido acerca da homossexualidade, verifica-se que 80 países ainda criminalizam o sexo homossexual (Mesquita & Perucchi, 2016). Os países mulçumanos e islâmicos estão entre os que possuem as punições mais severas para o ato, através de prisão perpétua, condenação à morte, amputação de membros e apedrejamento. Na doutrina católica, por sua vez, Valle (2006) afirma que mais recentemente essa doutrina, no que concerne à pastoral, como o aconselhamento e a interpretação das escrituras, passou a demonstrar uma atitude mais complacente sobre a homossexualidade. No entanto, essa interlocução se dificulta pela herança do patriarcado que prevalece na vida eclesiástica.

Supõe-se assim, a partir de um recorte ocidental, judaico-cristão, que há uma grande rejeição a gays, lésbicas e bissexuais na seara religiosa. Essa rejeição está presente não somente da comunidade em geral dirigida a eles, mas, muitas vezes, deles próprios contra si mesmos, principalmente quando cresceram sob determinados dogmas que versam sobre a abominação da homossexualidade pela religião (Wilkerson et al., 2012). Inclusive, tem-se verificado que o preconceito acerca da homossexualidade tem transposto a esfera religiosa e ganhado força na política nacional, por meio da criação da chamada “frente parlamentar

evangélica”, constituída de diferentes igrejas e partidos políticos. Esses políticos, filiados a denominações religiosas específicas, têm encabeçado a militância contra a aprovação de temáticas referentes aos direitos da população LGBT, como por exemplo: o Projeto de Lei da Câmara (PLC) 122/2006, projeto que visa criminalizar a discriminação motivada unicamente na orientação sexual ou na identidade de gênero da pessoa discriminada; a proposta da união civil homossexual pelo judiciário; e a Resolução do Conselho Federal de Psicologia que se posiciona contra as terapias de conversão sexual (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2013). Mas, naturalmente que essas manifestações ganham espaço no congresso nacional devido à própria característica conservadora do congresso e da sociedade que o elege e não apenas do poder desta específica frente parlamentar (Trevisan, 2013).

Estudos brasileiros acerca do tema religiosidade/ espiritualidade de gays, lésbicas e bissexuais são encontrados predominantemente na área da sociologia. Entre os estudos, verifica-se uma tendência de abordarem duas temáticas: a visão das instituições religiosas acerca da homossexualidade (e.g. Busin, 2011; Carvalho, 2014; Machado, Barros, & Piccolo, 2010; Vilaça & Oliveira, 2015); e, principalmente, a realidade das igrejas inclusivas no Brasil (e.g. Ferreira & Silva, 2015; Jesus, 2010; Natividade, 2010; Nunes, 2013; Souza, 2013), discutindo questões de gênero, flexibilidade para a diversidade sexual e organização eclesial nessas instituições. Além disso, tais estudos tendem a se basear eminentemente em revisões de literatura e em pesquisas etnográficas.

Para Mesquita e Perucchi (2016) há nas instituições cristãs brasileiras quatro tipos de conduta acerca dos homossexuais: a rejeição à homossexualidade, considerando que esta é pecado e antinatural; a acolhida, desde que os homossexuais reconheçam e se empenhem em modificar seu comportamento, a saber, celibato ou mudança de orientação sexual; a postura de aceitação da conduta homossexual, mas a considerando inferior ao modo de vida heterossexual; e, por fim, os que defendem que ambas as formas de sexualidade são legítimas. Estas últimas, possivelmente, se tratam das igrejas conhecidas como inclusivas.

No Brasil, as igrejas inclusivas são um fenômeno recente, datando do final dos anos 90, quando alguns grupos articulavam discussões acerca de religiosidade e homossexualidade em suas igrejas de origem. A partir daí, no início dos anos 2000, surgiram diversas denominações religiosas inclusivas no Brasil (Jesus, 2010). Essas igrejas lidam com a diversidade sexual e, para além de trazerem novas interpretações das escrituras, elaboram estratégias políticas em luta dos direitos humanos para gays, lésbicas, bissexuais e transexuais.

Em Fortaleza existem cinco igrejas inclusivas, todas evangélicas. Desde a Igreja da

Comunidade Metropolitana (ICM), que chegou a Fortaleza em 2006, de herança americana, e que luta pelos direitos humanos desde 1968, até a Igreja Cidade Refúgio (CR), iniciada mais recentemente, no ano de 2015 (Freitas, 2016). Por vezes, neste trabalho, citamos a doutrina cristã especificamente, isso se dá devido à quantidade de artigos encontrados que se relacionam à mesma. No entanto, amparados por Furtado (2014), independentemente de quem não for cristão ou religioso, inconscientemente está marcado pela ideologia cristã que reinou por tanto tempo na sociedade.

Conforme já mencionado, a religião e a espiritualidade podem de fato desempenhar importantes papéis na vida das pessoas. Tais papéis podem se manifestar, em geral, de duas formas, como fatores de risco ou fatores de proteção. São fatores de risco eventos adversos ou circunstâncias associadas com resultados psicossociais negativos (Morais, 2009). Por exemplo, a predisposição de jovens fiéis praticantes ou criados na religião a comportamentos sexuais de risco, posto que iniciativas de programas pós abstinência não apresentam informações acerca de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e HIV/AIDS, dificultando sua prevenção por parte dos jovens do estudo (Cerqueira-Santos, 2008; Cerqueira-Santos, 2008)

Em acréscimo, quando se trata do contexto vivenciado por gays, lésbicas e bissexuais (GLB<sup>2</sup>), o posicionamento homofóbico de algumas religiões (Dahl & Galliher, 2012), e os conflitos gerados por possíveis dissonâncias cognitivas entre orientação sexual e os preceitos religiosos podem ser considerados como fator de risco à saúde mental (Bowland, Foster, & Volsler., 2013; Tan, 2008), de modo que podem contribuir para estados emocionais negativos, favorecendo também comportamentos de risco associados a HIV e outras DSTs (Wilkerson, Smolenski, Brady, & Rosser, 2012), além do aumento dos níveis de ideação/ tentativa de suicídio entre homossexuais com crenças religiosas (Gibbs & Goldbach, 2015; Lytle, De Luca, Blosnich, & Browson, 2014).

Os fatores de proteção têm o efeito oposto, eles aumentam as chances dos indivíduos de se adaptarem/ajustarem positivamente diante de circunstâncias adversas (Morais, 2009). Walsh (2005) afirma que as ligações religiosas e outros laços culturais muitas vezes trazem amplos recursos para as pessoas, incluindo recursos educacionais e de apoio social. A autora considera que ter fé e um senso maior de propósito e de sentir-se útil, pode ser importante

---

<sup>2</sup> Neste estudo optou-se por trabalhar com gays, lésbicas e bissexuais, por considerar que estas populações se identificam como homossexuais. As pessoas *trans* (travestis e transexuais) tanto podem assumir a orientação sexual homossexual, como heterossexual, de forma que se entende que o estudo dessa população escapa à finalidade do presente estudo.

para sustentar a esperança, o conforto e o enfrentamento das experiências adversas (Walsh, 2005). Com relação aos fatores de proteção da religiosidade/espiritualidade e a população de gays, lésbicas e bissexuais, a literatura sinaliza que fazer parte de uma congregação inclusiva-que são instituições religiosas assim designadas por compartilhar sexualidades para além das heterossexuais (Jesus, 2010) - pode amortecer o impacto da homofobia (Gattis, Woodford, & Han, 2014), e auxiliar na aceitação de sua orientação sexual (Cavnar, 2014).

Conforme visto, portanto, enquanto que para muitas pessoas, a religião e espiritualidade são uma fonte de bem-estar, segurança, sentido de vida e senso de pertencimento; para outras pessoas, a religião pode exercer uma influência negativa, seja aumentando o sofrimento de gays, lésbicas e bissexuais que não se veem contemplados em seus parâmetros morais e de conduta ou aumentando comportamentos de risco para DSTs e HIV/AIDS, por exemplo (Walsh, 2003).

Diante do contexto heteronormativo vigente na sociedade e frequentemente projetado por várias instituições religiosas, bem como a abertura inclusiva de algumas dessas instituições, e considerando a vivência religiosa/espiritual individual vivida por gays, lésbicas e bissexuais (GLB), o objetivo geral desta pesquisa foi compreender a experiência da religiosidade/ espiritualidade em gays, lésbicas e bissexuais. Para alcançar este objetivo, esta Dissertação é composta de três estudos, com objetivos diferentes, mas complementares, a saber:

*Estudo I- A experiência religiosa/espiritual de lésbicas, gays e bissexuais: uma revisão integrativa de literatura:*

Realizou-se uma revisão integrativa de literatura, com o objetivo de delinear a produção científica sobre a experiência religiosa/espiritual de gays, lésbicas e bissexuais (GLB), a partir da sua própria percepção a respeito das suas experiências religiosas/espirituais. A revisão integrativa busca reunir, sintetizar e refletir acerca dos resultados dos estudos encontrados acerca do tema em questão (Costa & Zoltowski, 2014). A opção pela realização de uma revisão integrativa da literatura sobre a religiosidade/espiritualidade em GLB foi motivada pela proposta de se caracterizar a literatura nacional e internacional, de forma a se mapear a produção científica sobre a temática em questão.

*Estudo II- Fatores relacionados à religiosidade/espiritualidade em lésbicas, gays e bissexuais:*

Trata-se de um estudo de corte transversal, de caráter quantitativo, em que se investigou os fatores relacionados à religiosidade/espiritualidade em gays e lésbicas da cidade de Fortaleza, CE. Esse estudo é parte do projeto mais abrangente, intitulado “Resiliência em famílias constituídas por casais do mesmo sexo: Um estudo sobre fatores de risco, fatores de proteção e ajustamento psicossocial”, realizado em três cidades brasileiras (Fortaleza, Aracaju e Uberaba), o qual foi contemplado pelo Edital Humanas (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq) em 2014 e pelo Edital Complementar de Pesquisa (Fundação Edson Queiroz) em 2016, sob coordenação da professora Normanda Araujo de Moraes.

No presente dissertação, apenas foram contemplados os dados referentes à cidade de Fortaleza e questões quanto à caracterização sociodemográfica dos participantes, as escalas de religiosidade/espiritualidade, homofobia internalizada e satisfação com o suporte social. Em acréscimo, é importante mencionar que a autora desta dissertação integrou a equipe do projeto de pesquisa mais amplo e participou ativamente da coleta de dados na cidade de Fortaleza.

Sobre a avaliação da religiosidade/espiritualidade proposta nesse estudo, é importante mencionar que não há consenso na literatura sobre a mesma. Marques e Aguiar (2014) encontraram diferentes categorias de escalas demonstrando que religiosidade e espiritualidade não são elementos que podem ser sobrepostos, uma vez que envolvem variáveis relativas a crenças, atitudes, orientação religiosa, desenvolvimento da fé, fundamentalismo, relação com a morte, envolvimento com a congregação e satisfação com a própria religiosidade e com a vida. Para os autores citados, espiritualidade e religiosidade devem ser medidos a partir de escalas específicas (Marques & Aguiar, 2014).

Em contrapartida, verificou-se na literatura que ambos os construtos incluem aspectos cognitivos, de sentido da vida, relações sociais, valores, papéis, dimensão biológica, de personalidade e autoconhecimento (Taranu, 2011). Por partilharem essas características, religiosidade e espiritualidade são utilizadas muitas vezes como um construto único (Cerqueira-Santos & Koller, 2009; Fleck, Borges, Bolognesi, & Rocha, 2003; Koller, Cerqueira-Santos, Moraes, & Ribeiro, 2005). A utilização de ambas em um único construto serviu como diretriz adequada em duas importantes pesquisas. Na primeira, investigou-se – por meio *World Health Organization Quality of Life- Spirituality, Religion and Personal Beliefs as Components of Quality of Life* ([WHOQOL-SRPB]; Fleck et al., 2003) - os níveis de espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais e sua relação com qualidade de vida. No segundo estudo, desenvolvido por Cerqueira-Santos (2008), avaliou-se a relação entre

comportamento sexual e religiosidade/espiritualidade em adolescentes brasileiros. Em ambos estudos, embora se considere as diferenças entre os dois conceitos, mostrou-se ser possível a avaliação da religiosidade/espiritualidade a partir de um único instrumento, pressuposto com o qual esse projeto de dissertação pretende trabalhar.

*Estudo III- Concepções e práticas religiosas/espirituais de lésbicas, gays e bissexuais:*

Trata-se de um estudo de corte transversal, de abordagem qualitativa, acerca das concepções e práticas religiosas/espirituais de gays, lésbicas e bissexuais. Esse estudo teve como objetivo investigar as concepções e práticas religiosas/espirituais de gays, lésbicas e bissexuais, com vinculações a distintas filiações religiosas (católica, evangélica, espíritas, candomblecista e espiritualista). Acrescenta-se que, embora tenha envolvido participantes de Fortaleza, Ce, para sua realização, a mestranda realizou uma nova coleta de dados, contactando participantes diferentes que não haviam participado do Estudo 2.

Acredita-se que a realização desses três estudos (com objetivos e delineamentos distintos) acerca do tema da religiosidade/espiritualidade, poderá se somar aos estudos já existentes (oriundos em sua grande parte da sociologia) e, portanto, contribuir para o aumento da visibilidade das vivências religiosas e espirituais de gays, lésbicas e bissexuais. A forma encontrada para compreender essa vivência foi enfatizar a própria perspectiva de gays, lésbicas e bissexuais acerca de sua própria experiência religiosa/espiritual, seja no estudo de revisão integrativa (Estudo 1), seja no estudo quantitativo (Estudo 2) ou no estudo qualitativo (Estudo 3) que compõem essa Dissertação.

A problematização acerca da experiência religiosa/ espiritual com sujeitos de orientação sexual não-heterossexuais, se faz necessária no campo psicológico, em que - com frequência -, o profissional psicólogo e o pesquisador são convocados a ocupar posições que devem contribuir para a não patologização da homossexualidade; ao mesmo tempo em que deve fomentar a experiência da religiosidade/espiritualidade como um fator de proteção e não como um fator de risco ao desenvolvimento dessa população. Espera-se, portanto, que a realização de pesquisas e discussões desse tipo possam fomentar possibilidades de transformação social e fortalecer o compromisso de toda sociedade com a garantia dos direitos das minorias sexuais e a promoção da sua cidadania (Mesquita & Perucchi, 2016; Teixeira, 2011).

## **ESTUDO I– A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA/ESPIRITUAL DE LÉSBICAS, GAYS E BISSEXUAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA <sup>3</sup>**

Para nortear e sistematizar a execução da revisão da literatura seguiu-se oito etapas (Costa & Zolowski, 2014): 1) delimitação da questão norteadora; 2) escolha das bases de dados; 3) definição dos descritores para a busca; 4) busca e armazenamento dos resultados; 5) seleção dos artigos pelo resumo, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão; 6) obtenção dos dados dos artigos selecionados; 7) avaliação dos artigos; e 8) síntese e interpretação dos dados.

### **Método**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, a qual busca descrever a produção científica sobre determinado tema de pesquisa, por meio de uma metodologia sistemática de busca, seleção e análise. A revisão permite delinear o estado da arte sobre o assunto em foco e apresentar as possibilidades de novas investigações (Scorsolini-Comin, 2014).

### **Procedimentos de Coleta de dados**

A busca bibliográfica foi realizada nas seguintes bases de dados: SciELO, PePSIC, LILACS, Index Psi, PsycINFO, PUBMED e E-journals. Foram utilizados os seguintes descritores de busca com operadores *booleanos*: “ (homossexual OR lésbica OR gay OR bissexual OR lgbt) AND (religiosidade OR espiritualidade OR fé religiosa OR fé OR psicologia espiritual) ”. Os mesmos descritores foram utilizados na língua inglesa. A pesquisa nas bases de dados aconteceu nos meses de janeiro e fevereiro de 2016. Dessa forma, estabeleceu-se o período entre 2005 e 2015 como referência, com o intuito de mapear as publicações mais recentes, dada as transformações legais, jurídicas, sociais e acadêmicas em relação ao tema da homossexualidade nos últimos dez anos.

Na revisão foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos indexados; redigidos nos idiomas português, inglês e espanhol; artigos teóricos e empíricos; e disponíveis em sua versão completa. Posteriormente foram analisados os resumos (*abstracts*),

---

<sup>3</sup> Esse capítulo foi submetido para publicação. Por isso, encontra-se organizado no formato de um manuscrito (método, resultados e discussão e considerações finais), a fim de se permitir a melhor visualização da revisão integrativa da literatura que foi realizada. As referências que o integram são listadas ao final da Dissertação.

e foram excluídos os estudos cujo objetivo tratava do tema da homossexualidade, mas não se relacionava à experiência religiosa/espiritual dos mesmos. Após uma primeira seleção, realizada pelo exame dos resumos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, os artigos foram recuperados por completo e, nesse momento, foram lidos na íntegra. A extração dos dados foi armazenada em planilhas do Excel.

### **Análise de dados**

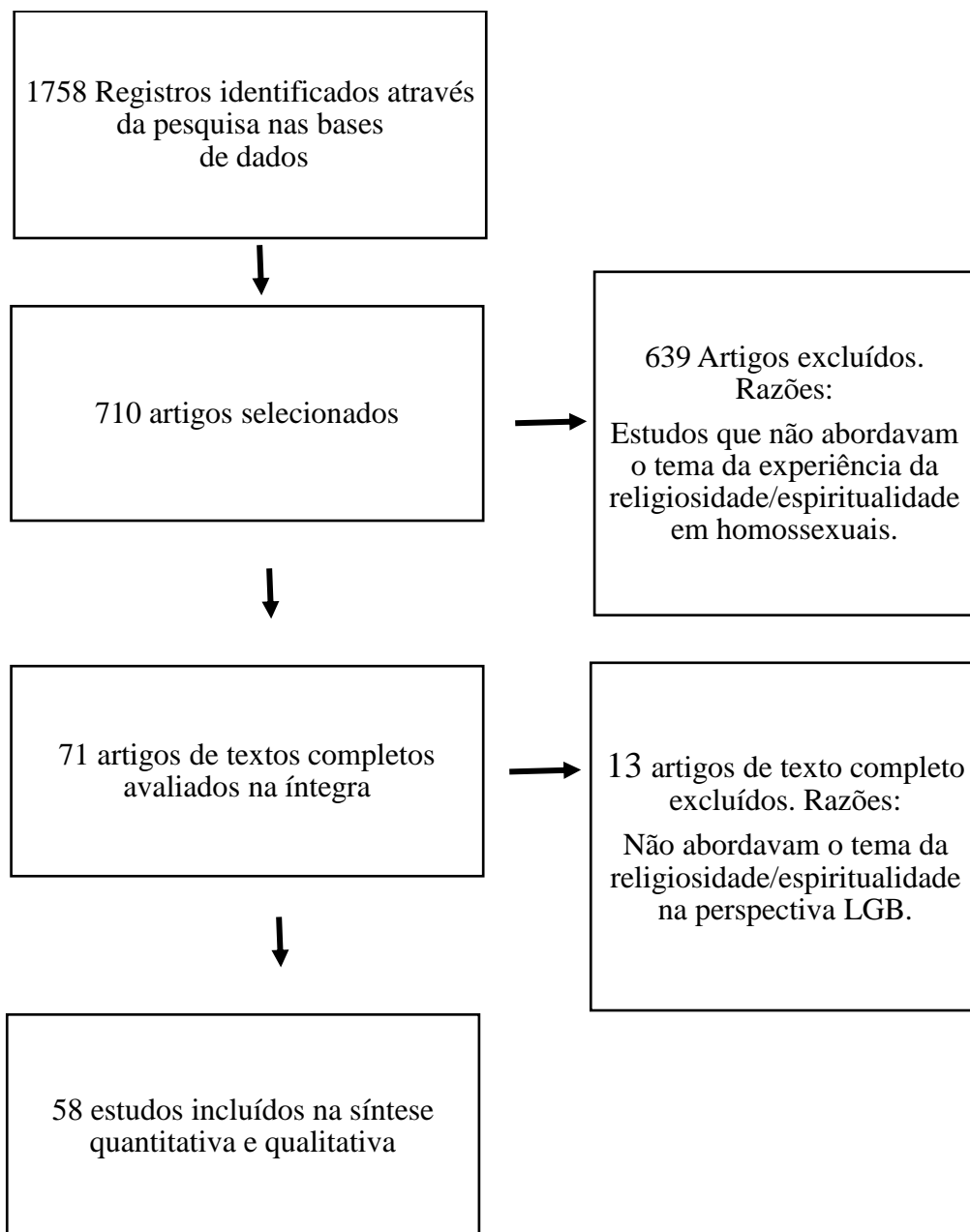
Para a síntese e interpretação dos resultados, realizaram-se dois tipos de análises. A primeira, de natureza quantitativa, buscou caracterizar a produção científica, considerando as questões: ano de publicação; nacionalidade das instituições dos primeiros autores; idioma; tipo de estudo; delineamento; método; amostra/participantes; instrumentos; e categorias de análise.

Na segunda análise, de natureza qualitativa, organizou-se e fez-se uma síntese dos conteúdos temáticos, tal como proposto por Bardin (1977/1995) e somente *a posteriori* mapearam-se quatro grandes categorias de análise: 1) estratégias de integração religiosidade/espiritualidade e homossexualidade; 2) religiosidade/espiritualidade como fator de risco e proteção para LGBs; 3) homonegatividade internalizada; e 4) prática clínica.

### **Resultados e Discussão**

Identificou-se mediante a busca inicial nas bases de dados um total de 1758 estudos. Após a leitura dos resumos aplicou-se os critérios de inclusão e exclusão, restando 710 artigos. Destes, 639 artigos foram excluídos por não abordar o tema da experiência da religiosidade/espiritualidade em homossexuais, além dos estudos repetidos, contemplavam aspectos da vivência LGBT que não eram diretamente ligados aos temas de religião/espiritualidade, como doenças sexualmente transmissíveis, conjugalidade e saúde mental. Os 71 artigos foram lidos na íntegra e desses, 13 estudos foram excluídos após a leitura por não incluírem a perspectiva dos sujeitos LGBs sobre a sua experiência religiosa. Por fim, foram incluídos 58 estudos que compuseram o corpo de análise deste trabalho, sendo: PUBMED (n = 43); E-Journal (n= 8) PsycINFO (n = 5); e LILACS (n = 2). A Figura 1 sintetiza o fluxo da captação de artigos.





*Figura 1.* Diagrama de fluxo dos artigos selecionados pelos critérios de exclusão e inclusão  
*Caracterização Quantitativa das Produções Científicas*

Enfatiza-se que todos os estudos encontrados e analisados foram eminentemente internacionais e redigidos no idioma inglês (n=58). Quanto ao período das publicações, verifica-se que, desde 2005, tem havido um crescente no número destas; de forma que o

maior número de publicações foi verificado em 2015 (n= 19) e 2014 (n = 10). Quanto às instituições de origem dos autores dos artigos, a maioria é proveniente dos Estados Unidos (n = 39), seguida pelo Reino Unido (n = 6) e Austrália (n=4). Não há nenhum artigo de autores oriundos de instituições da América Latina ou do Brasil mais especificamente. Acerca das questões metodológicas foram recuperados 54 artigos empíricos e quatro estudos teóricos. Todos os estudos empíricos apresentaram delineamento transversal. Predominaram as abordagens qualitativas (n = 34) e, em seguida, os estudos quantitativos (n = 19). Apenas cinco artigos utilizaram a abordagem multimétodos. Sobre os instrumentos de coleta de dados, nos estudos qualitativos, foram utilizados, predominantemente, entrevistas estruturadas e semi- estruturadas.

Para a análise dos dados, no geral, realizou-se análise de conteúdo por temas. Nos estudos empíricos quantitativos, sobressaiu-se o uso de escalas e questionários padronizados. O tamanho das amostras/participantes dos estudos variou de 1 a 24626 pessoas. Pesquisas com gays (n= 14), e gays, lésbicas e bissexuais (n = 14) predominaram nesta revisão. Apesar de não ter sido utilizado o descritor transgênero na busca nas bases de dados, sete estudos incluíram esta população ao lado de gays e/ou lésbicas e/ou bissexuais (e.g. Bradshaw et al., 2015; Dehlin et al., 2015; Gibbs & Goldbach, 2015; Mavhandu-Mudzusi & Sandy, 2015).

### *Caracterização Qualitativa das Produções Científicas*

A análise qualitativa dos estudos teve como critério a classificação dos artigos que abordavam o conjunto de temas relacionados às experiências religiosas/ espirituais de lésbicas, gays e bissexuais, destacando-se os seus principais resultados. Ofereceu-se, ainda, uma perspectiva crítica do material revisto, evidenciando os pontos fortes, bem como os limites e direções para futuras investigações.

Quatro temas emergiram da análise qualitativa. São eles: 1) Estratégias de integração religiosidade/espiritualidade e homossexualidade (n= 28); 2) Religiosidade/espiritualidade como fator de risco e/ou proteção para LGBs (n=22); 3) Homonegatividade internalizada (n= 4), e 4) Prática Clínica (n=4).

### *Estratégias de integração religiosidade/espiritualidade (R/E) e homossexualidade*

Via de regra, lésbicas, gays e bissexuais atravessam um período de auto aceitação e validação de sentimentos quanto à sua orientação sexual, quando esta é deparada. Essa passagem tende a ser mais complicada quando esses indivíduos cresceram em contextos religiosos que professam que a homossexualidade é imoral e indesejada. Ainda que essa

passagem possa levar a um distanciamento da vida religiosa, verificou-se que a religiosidade segue tendo papel importante na vida de LGBs (Tan, 2005).

Sendo assim, a literatura tende a visibilizar dois movimentos nessa população. O primeiro diz respeito à elaboração de diferentes formas para facilitar o convívio harmonioso entre orientação sexual e vida religiosa/espiritual. O segundo diz respeito à eleição de formas de vida que confirmam que a convivência pacífica entre religiosidade/espiritualidade e homossexualidade é inviável. A essas diferentes estratégias utilizadas pela população LGB para lidar com as dimensões da R/E e a orientação sexual, nomeia-se “estratégias de integração”. Nessa revisão foram identificadas oito estratégias, descritas na sequência:

A primeira estratégia é *saída do armário seletiva*. Ela ocorre quando os indivíduos homossexuais acreditam que a congregação na qual participam não seja ciente de sua orientação sexual e, assim, preferem manter a orientação sexual em segredo nesse contexto para fugir de uma possível discriminação (García, Gray-Stanley, & Ramirez-Valles, 2008; Jeffries et al., 2014; Liboro & Walsh, 2015). Além disso, pretendem evitar consequências indesejadas socialmente, como perda de emprego e consequências relacionadas à família, não desejando serem fonte de desonra, desgraça, vergonha e constrangimento (Figuroa & Tasker, 2013; Liboro & Walsh, 2015).

A segunda estratégia de integração refere-se à utilização da *rede de apoio social*, visto que a aceitação da família e/ou amigos aliviariam o fardo de uma religiosidade apreensiva e abrandaria a culpabilização (Figuroa & Tasker, 2013; Shilo, Yossef, & Savaya, 2015; Stamatoulakis & Nearchou, 2015). Conhecer outros pares na mesma situação, em alguns casos através de grupos de apoio *online*, foi considerado como uma rede de ajuda àqueles que se sentiam únicos em seu conflito de identidade (Lalich & Mc Laren, 2010; Siraj, 2012).

A participação em *igrejas inclusivas* ou com pessoas de dentro da congregação que não percebiam a homossexualidade como problemática, representa a terceira estratégia de integração identificada nos estudos (Bowland et al., 2013; García et al., 2008; Itzhaky & Kissil, 2015; Jeffries et al., 2014; Wood & Conley, 2014). Essa estratégia se mostrou uma saída eficiente para muitos sujeitos, uma vez que as igrejas inclusivas são aquelas nas quais as sexualidades não heterossexuais (LGBs) são compatibilizadas com as religiosidades cristãs, ou seja, não julgadas como moralmente inferiores ou pecado. Essas igrejas são majoritariamente evangélicas (Jesus, 2010).

A quarta estratégia denomina-se *mudança na percepção/foco*. Nela estão inseridas quatro formas significativas de mudança de percepção/foco, seja sobre a teologia, religião, homossexualidade e congregações religiosas, a saber:

a) *Ressignificar a teologia e apresentar uma escuta seletiva*: forma como muitos indivíduos LGBs começaram a fazer uma nova leitura das escrituras, que em geral eram utilizadas como argumentos contra a homossexualidade (Bowland et al., 2013; Ganzevoort, van der Laan, & Olsman, 2011; Stamatoulakis & Nearchou, 2015);

b) *Focar em aspectos positivos da religião*: consiste em priorizar uma visão de Deus como amoroso, em detrimento de Deus punitivo, e diferenciando sua relação com Deus da relação com a instituição da igreja (Bowland et al., 2013; Ganzevoort et al., 2011; García et al., 2008). Para este fim, estudar teologia a fundo foi importante (Stamatoulakis & Nearchou, 2015).

c) *Compreender a homossexualidade como uma luta interna providenciada por Deus*: ideia de que Deus os teria “feito” homossexuais por alguma razão, o que justificaria seus desejos e vivências homossexuais, desculpabilizando-os (Kubicek et al., 2009; Siraj, 2012).

d) *Perceber as instituições religiosas como falhas*: quando a decisão dos sujeitos das pesquisas foi permanecer nas congregações, ainda que estas apresentassem aspectos de discriminação para as opções sexuais LGBs, sua estratégia foi perceber e se relacionar com a instituição como sendo falha, levada a cabo por pessoas falhas e até mesmo hipócritas. Ao perceberem o ambiente com esse olhar crítico, sentiam-se aliviados da pressão de não serem perfeitos aos olhos dessa comunidade (Bowland et al., 2013; Kubicek et al., 2009; Liboro & Walsh, 2015).

Outros fiéis LGBs optaram pelo *ativismo religioso*, quinta categoria de integração identificada nessa revisão de literatura. O ativismo refere-se à ação de transformar a igreja de dentro para fora, posicionando-se a favor das causas LGBs e sendo exemplos de liderança nas próprias igrejas, transformando a visão de quem as frequenta acerca da homossexualidade (Bowland et al., 2013).

Muitos homossexuais descritos nos estudos acreditam que a homossexualidade é pecado e que religião e homossexualidade são dois mundos difíceis ou mesmo impossíveis de conciliar. Além disso, creem que a revelação da orientação sexual pode levar ao ostracismo em suas comunidades e famílias de origem. Sendo assim, optam pela sexta estratégia de integração, qual seja a *manutenção de uma das identidades - a identidade religiosa ou a homossexual*. As formas encontradas para este fim foram duas:

a) optar por abandonar a afiliação religiosa, preservando a identidade homossexual (e.g. Itzhaky & Kissil, 2015; Jaspal, 2012; Jeffries et al., 2014; Lalich & McLaren, 2010; Wood & Conley, 2014); ou b) manter a identidade religiosa em detrimento da orientação sexual ou tentativa de supressão desta (e.g. Kissil & Itzhaky, 2015; Siraj, 2012; Trammell,

2015; Wood & Conley, 2014), seja por meio da terapia de conversão sexual (Figuroa & Tasker, 2013; Ganzevoort et al. 2011; Itzhaky & Kissil, 2015; Lalich & McLaren, 2010) ou do casamento heterossexual (Itzhaky & Kissil, 2015; Lalich & McLaren, 2010; Kissil & Itzhaky, 2015).

As terapias de mudança de orientação sexual e casamento heterossexual foram sugeridos a partir da busca de aconselhamento com os superiores, na esperança de que ambas as estratégias revertessem a homossexualidade. Além disso, como estratégia de supressão da orientação homossexual, foram realizados rituais de limpeza e/ou ações para compensar um possível mau comportamento que fez com que a homossexualidade recaísse sobre eles (Itzhaky & Kissil, 2015), além do exorcismo (Ganzevoort et al., 2011).

Em conjunto, essas estratégias podem apresentar tentativas bastante extremas de integração da R/E. Em um ponto encontra-se o abandono da afiliação religiosa para que se possa viver a homossexualidade livremente; e em outro, tentativas de abafar ou suprimir a orientação homossexual, uma vez que a dimensão religiosa/espiritual tem primazia na vida dessas pessoas.

A sétima e penúltima estratégia de integração da religiosidade/espiritualidade e a orientação sexual é nomeada de *negação*. Implica, por exemplo, em manter-se estudando e focar na carreira para não ter que lidar com as obrigações religiosas e culturais, como casar e ter filhos (Itzhaky & Kissil, 2015; Jaspal, 2012; Kissil & Itzhaky, 2015; Lalich & McLaren, 2010). Além disso, implica na tendência de atribuir o desejo homossexual a forças externas, ao invés de identifica-los como inerentes a si (Til beaumont, 2015).

Por fim, a oitava estratégia de integração identificada foi a realização de *práticas espirituais individuais*, tais como oração, meditação e leitura de material religioso (García et al., 2008; Love, Bock, Jannarone, & Richardson, 2005). Nesse caso, as práticas espirituais parecem relacionadas eminentemente a uma jornada pessoal, desvinculada de uma vivência coletiva (grupal) e também política, de luta pelos direitos LGBs.

### *R/E como fator de risco e/ou proteção para lésbicas, gays e bissexuais*

Essa categoria sumariza e discute os artigos que têm como fio condutor a descrição da religiosidade/espiritualidade como fator de risco e/ou proteção, e de que forma esses fatores se manifestam na vida de LGBs.

A R/E desempenham um papel importante na vida de muitas pessoas, podendo ocupar um lugar de referência quanto à segurança, fortalecimento da autoestima e suporte social. Características individuais e da rede de apoio (familiar e comunitária) podem atuar como fatores de proteção na vida de indivíduos LGBs porque diminuem o impacto que as adversidades (e.g. homofobia) podem ter sobre suas vidas. São esses fatores, portanto, que explicam como indivíduos reagem de forma diferente quando submetidos às mesmas situações adversas (Cowan, Cowan, & Schulz, 2009).

No entanto, a R/E também pode se apresentar como fator de risco quando, por exemplo, lésbicas, gays e bissexuais fazem parte de alguma religião ou têm uma vivência espiritual que condena sua orientação sexual, gerando uma dissonância cognitiva e causando intensa turbulência emocional (Dahl & Galliher, 2012). Nesse caso, a R/E funciona como um fator de *risco* porque potencializa a ocorrência de desfechos negativos ou indesejáveis que comprometem a saúde, bem-estar e relacionamentos sociais do indivíduo (Cowan et al., 1996).

A Tabela 1 descreve exemplos de estudos que tratam da R/E como um fator de risco (potencializando resultados desenvolvimentais adversos) e/ou como um fator de proteção (diminuindo a probabilidade de resultados adversos acontecerem). Dessa forma, têm-se os seguintes desfechos: aumento ou redução de ideação/tentativa de suicídio; aumento ou redução no engajamento em comportamento sexual de risco, como a exposição ao HIV/AIDS; aumento do estresse religioso; melhora na aceitação da orientação sexual; aumento do estigma e isolamento social ou aumento do sentimento de pertencimento/suporte social; aumento da depressão/sentimentos de inadequação ou sua diminuição e melhora no manejo de situações difíceis da vida.

Tabela 1.

*Religiosidade/Espiritualidade como Fator de Risco e/ou como Fator de Proteção*

<b>Fator de Risco</b>	<b>Fator de Proteção</b>
Aumento da ideação/tentativa de suicídio (e.g Gibbs & Goldbach, 2015; Kralovec et al., 2012; Lytle et al., 2014)	Redução da ideação/tentativa de suicídio (Kralovec et al., 2012)
Aumento no engajamento em comportamento sexual de risco/exposição a HIV/AIDS. (e.g Watkins et al., 2015)	Redução no engajamento em comportamento sexual de risco/exposição a HIV/AIDS e uso de drogas. (e.g Foster et al., 2011; Hatzenbuehler et al., 2012).
Elevação do estresse religioso (e.g Dahl & Galliher, 2012; Mavhandu-Mudzusi & Sandy, 2015; Mbetbo, 2013)	Melhora na aceitação da orientação sexual (Cavnar, 2014; Dahl & Galliher, 2012)
Aumento do estigma e isolamento (Mavhandu-Mudzusi & Sandy, 2015; Siraj, 2012)	Aumento do sentimento de pertencimento/suporte social (Hamblin & Gross, 2014; Tan, 2005)
Aumento da depressão/sentimentos de inadequação (Dahl & Galliher, 2012; Mavhandu-Mudzusi & Sandy, 2015)	Diminuição da depressão/ melhora no manejo de situações difíceis da vida (Dahl & Galliher, 2012)

Os estudos ressaltam que pertencer a minorias sexuais (Lytle, De Luca, Blosnich, & Brownson 2014), bem como a homonegatividade internalizada presente no contexto religioso (Gibbs & Goldbach, 2015) aumentam a chance de ideação suicida. Além disso, a presença do estigma fomentado pela igreja pode provocar baixa autoestima, criando uma atmosfera de silêncio gerada sobre as questões sexuais de homens que fazem sexo com homens (HSHs), deixando-os vulneráveis aos comportamentos sexuais de risco e ao contato com a transmissão do HIV/AIDS (Watkins et al., 2015).

Em ambos os casos (seja para a ideação suicida ou comportamentos sexuais de risco), a rotulação e estigmatização podem ter efeitos negativos naqueles que são rotulados, sendo o impacto ainda maior quando advém dos grupos que deveriam oferecer suporte e salvaguardar seus direitos (Dahl & Galliher, 2012; Mavhandu-Mudzusi & Sandy, 2015). Por outro lado, também se encontrou estudos que mostram que o engajamento em igrejas inclusivas ou práticas religiosas diminui os índices de ideação/tentativa de suicídio (Kralovec et al., 2012) e reduz o envolvimento sexual com

múltiplos parceiros, diminuindo comportamentos sexuais de risco, tal como maior exposição ao HIV/AIDS, e uso de drogas (Foster et al., 2011; Hatzenbuehler, Pachankis, & Wolff, 2012).

O estresse religioso, por sua vez, acontece quando há dissonâncias cognitivas entre R/E e a homossexualidade. Nesse caso, a pressão internalizada das expectativas alheias sobre o caráter pecaminoso da homossexualidade tende a gerar sofrimento nos indivíduos LGBs (Mbetbo, 2013; Siraj, 2012). Por outro lado, a participação nos rituais xamânicos, do Santo Daime e do *Ile ale efu l'ase*, por meio da ingestão do Ayahuasca<sup>4</sup>, ajudou os participantes da pesquisa a integrarem melhor sua sexualidade e se dizerem mais confortáveis com sua orientação sexual (Cavnar, 2014).

Tan (2005) identificou que altos índices de bem-estar espiritual em homossexuais funcionam como fator de ajustamento, contribuindo para melhora na aceitação da própria orientação sexual, aumento da autoestima e sentimento de pertencer a uma comunidade. Esses desfechos sugerem que um maior autoconhecimento, aceitação das diferenças e conseguir incorporar os valores religiosos podem auxiliá-los a serem pessoas mais justas, honestas e compassivas (Dahl & Galliher, 2012).

O engajamento em igrejas inclusivas também foi considerado fator de proteção para diminuição da depressão e aumento do sentimento de pertencimento e suporte social (Gattis, Woodford, & Han, 2014); ao passo que crescer ou pertencer a comunidades religiosas que rejeitam a homossexualidade teria o efeito oposto, aumentando os índices de depressão e de sentimentos de inadequação (Dahl & Galliher, 2012; Mavhandu-Mudzusi & Sandy, 2015). Conforme se pode perceber, a participação em comunidades religiosas pode representar um fator de risco e/ou de proteção, dependendo da forma como ela encara/concebe a homossexualidade, mas também de como os indivíduos LGBs percebem sua participação nela. Ademais, salienta-se a importância de não se perder de vista o aspecto espiritual presente na religião, reduzindo a ideia de suporte religioso ao pertencimento grupal (Hamblin & Gross, 2014).

Os resultados dos estudos sugerem que quando os sistemas de fé e orientação

---

<sup>4</sup> A ayahuasca é uma infusão vegetal psicoativa da Amazônia. Tipicamente, provoca poderosas visões, assim como alucinações em todas as demais modalidades de percepção. Essas experiências geralmente se associam a *insights* pessoais, ideias intelectivas, reações afetivas e experiências espirituais e místicas profundas. Também se observam alterações dos parâmetros básicos da experiência – identidade pessoal, conexão com o mundo exterior e temporalidade (Shannon, 2002)



sexual colidem, e quando a família e os contextos sociais não são favoráveis, eles podem desafiar a construção de um sentimento positivo de identidade LGB, funcionando como verdadeiros fatores de risco. No entanto, é importante considerar que a perspectiva quanto a esses fatores deve ser processual (Cowan et al., 1996), dependendo, portanto, de variáveis individuais, desenvolvimentais e de contexto, que podem exacerbar o risco ou favorecer a proteção (Sowe, Brown, & Taylor 2014). Dessa forma, ainda quando os contextos pareçam induzir ao risco, uma vivência religiosa/espiritual positiva pode se mostrar como suporte eficiente e gerador de crescimento.

### *Homonegatividade internalizada (HI)*

O termo homonegatividade contempla os aspectos sexistas do preconceito relativo à população LGB, considerando que para além da aversão à orientação sexual, está presente uma percepção engessada e normatizadora dos papéis de gênero (Gato, Carneiro, & Fontaine, 2011). *Por homonegatividade internalizada*, portanto, entende-se o autodesprezo que lésbicas e gays poderiam sentir por si próprios. Este foi o termo utilizado nos quatro artigos que compõem essa categoria.

Em um grupo de homens que fazem sexo com homens e que se auto declaram cristãos, verificou-se que os maiores índices de HI estão relacionados a uma menor frequência de revelação da homossexualidade (“saída do armário”), bem como ao estabelecimento de estados mentais negativos e a comportamentos sexuais de risco (Wilkerson et al., 2012). Segundo os autores, a exposição ao ensino religioso que condena a homossexualidade, contribui para o aumento da HI e, conseqüentemente, diminui a frequência de “saídas do armário”.

De forma semelhante, a exposição à religiosidade – islâmica, cristã e judia – é considerada preditora de maior sentimento de vergonha e homofobia internalizada para LGBs; sendo que a magnitude dessa relação é tanto maior quanto mais importante forem os paradigmas religiosos para essas pessoas (Melazde & Brown, 2015)

Barnes e Meyer (2012) confirmam os achados anteriores, ao relacionar saúde mental com afiliação religiosa e homofobia internalizada. Os resultados de sua pesquisa confirmaram a hipótese geral de que nas religiões nas quais a orientação sexual LGB não é bem-vinda verifica-se maior grau de homofobia internalizada entre seus adeptos. No entanto, ao contrário do que hipotetizaram, curiosamente não houve correlação significativa entre religiões não inclusivas e mal-estar psicológico.

Além disso, os autores apontaram grande adesão dos pesquisados LGBs a permanecerem nas instituições religiosas em que estão inseridos desde a infância, ainda que se trate de instituições não inclusivas e até com postura discriminatória acerca dos homossexuais. Esta escolha se dá diante do conforto espiritual e apoio comunitário sentido pelos sujeitos e que lhes são difíceis de descartar (Barnes & Meyer, 2012).

Acerca da relação entre R/E, comportamentos sexuais de risco e HI de homens (negros americanos) que fazem sexo com homens (HSHs), verificou-se que religiosidade e espiritualidade se associaram de forma diferente à HI. Enquanto os sujeitos com alta religiosidade apresentavam índice mais elevado de HI, aqueles com alta espiritualidade demonstravam maior aceitação de sua orientação sexual, corroborando a importância de que as dimensões religiosidade e espiritualidade devam ser vistos como construtos diferentes (Smallwood et al. 2015).

Os estudos analisados nesta categoria avançam sobre a compreensão da presença e dos efeitos da HI na vida de gays, lésbicas e bissexuais que vivenciam a R/E. Verificou-se que viver em contextos que internalizam desde cedo que o ideal social é heteronormativo pode gerar nos homossexuais um autoconceito negativo e influenciar sua vida religiosa/espiritual. No entanto, os efeitos da homofobia internalizada para a vivência da religiosidade e da espiritualidade parecem ser diferentes, influenciando mais negativamente a primeira do que a segunda dimensão.

### *Prática clínica*

A R/E configura-se como uma dimensão importante da constituição psíquica dos sujeitos. Sendo assim, quando essa demanda chega à clínica psicológica, merece especial atenção dos psicólogos. Porém, é preciso prudência para que as crenças pessoais do terapeuta não influenciem negativamente o processo de desenvolvimento do paciente que ali se encontra. Ainda que ambos, paciente e terapeuta, compactuem das mesmas crenças religiosas/espirituais, deve-se considerar que as formas de vivenciar a religião/espiritualidade se dão de formas muito particulares, de acordo com cada indivíduo que as experimenta (Henning-Geronasso & Moré, 2015).

Esta categoria apresenta apenas 4 artigos, que, apresentados a seguir, descrevem aspectos-chave da prática clínica na visão de LGBs que vivenciam e/ou têm demandas acerca de sua religiosidade/espiritualidade relacionadas à orientação sexual. Importante sublinhar que todos os artigos nesta categoria são de origem norte americana, contemplando, portanto, experiências desse contexto, no qual terapias de conversão (ou

reorientação) sexual são permitidas até então. No Brasil, a partir da Resolução 001/1999, os psicólogos são proibidos de colaborar com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 1999).

Um primeiro estudo investigou especificamente as formas em que o aconselhamento/terapia contribuíram para os esforços de desenvolvimento de identidade de clientes LGBs relacionados com R/E. Os participantes do estudo relataram experiências de aconselhamento positivas e negativas a partir de como foi conduzida a questão da identidade sexual e identidade religiosa/espiritual pelo conselheiro (Goodrich et al., 2015).

Com relação às experiências negativas, os participantes relataram perceber que alguns terapeutas não tinham muito treinamento nem conhecimento da importância das identidades sexual ou religiosa/espiritual em sessão; não demonstravam disponibilidade emocional; se comunicavam a partir de vieses pessoais sobre questões sexuais ou religiosas/espirituais; e, ainda, causaram danos com os esforços de uma terapia de conversão sexual. Em contrapartida, muitos participantes relataram terapeutas que foram acolhedores, autênticos e abertos. Muitos dos participantes se identificaram com os terapeutas em termos de identidades sexuais, religiosas/espirituais ou políticas, e tiraram benefícios dessa identificação (Goodrich et al., 2015).

Ainda sobre o relacionamento terapêutico, o estudo de Bowland et al. (2013) enfocou a perspectiva de gays e lésbicas cristãos - que consideram que fizeram bem a integração entre religiosidade e orientação sexual- acerca das habilidades desejadas para o terapeuta que trabalhe com demandas religiosas/ espirituais e de orientação sexual. Dentre estas, citam-se: ter consciência de si, lidar com suas próprias questões e lutas internas; ter perspectiva histórica, considerar que a depender da geração em que cresceu e saiu do armário, as respostas sociais são variáveis; e ter atitudes de não julgamento; não limitar a pessoa à sua orientação sexual.

Foram identificados artigos específicos sobre terapia de reorientação sexual, isto é, processos clínicos que anunciam um tratamento de mudança de orientação sexual, de homossexual para heterossexual. Um dos estudos examinou preditores (reações familiares, meio social e fundamentalismo religioso) da participação dos sujeitos nesse tipo de tratamento. Os resultados encontraram que as reações familiares, fundamentalismo religioso e auto identificação como pessoas espiritualizadas, seriam preditoras do engajamento em terapias de conversão sexual. O maior índice de predição

se deu a partir da religiosidade e espiritualidade (Maccio, 2010). O autor acredita que aqueles com valores religiosos conservadores podem ter dificuldade em conciliar suas crenças e sua orientação sexual do mesmo sexo. Tal dissonância pode resultar em sua tentativa de alterar sua sexualidade.

A associação da espiritualidade como preditor para a realização de terapia de conversão sexual foi um achado inesperado, explicada pelas hipóteses de que os sujeitos que se consideraram espiritualizados podem ainda manter os valores fundamentalistas de uma religião que outrora participaram, ou mesmo que atenderam a terapias de conversão sexual à época do engajamento em uma religião organizada. O artigo (Maccio, 2010) pontua ainda que assistir a esse tipo de terapia pode causar danos aos sujeitos na medida em que a necessidade para mudar a orientação sexual ou identidade tem a ver com obter a aceitação de outros, colocando de lado os próprios processos de auto aceitação e autoestima, que podem gerar emoções negativas e vivências limitadas de si mesmo.

Em outro estudo sobre a terapia de conversão sexual foram analisados os esforços de mudança de orientação sexual por 1.612 indivíduos que são membros atuais ou antigos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – mórmons (Bradshaw et al., 2015). Os fatores associados às tentativas de mudança de orientação sexual incluíram níveis mais elevados de contato com a religião ortodoxa desde a infância e baixo índice de aceitação pelas famílias, além de comunidades pouco inclusivas. Os participantes, ao demandarem como objetivo na terapia a mudança da orientação sexual, relataram baixa eficácia para quase todos os métodos.

No entanto, alguns resultados benéficos foram encontrados quando- durante o processo terapêutico com esse objetivo de conversão sexual- houve a aceitação de atração pelo mesmo sexo e, conseqüentemente, redução da depressão e ansiedade. Os resultados fundamentam a conclusão de que a orientação sexual é altamente resistente às tentativas explícitas para a mudança e que esses tratamentos são relatados em grande número como ineficazes ou prejudiciais pelos participantes.

Percebe-se que os artigos trazem a busca de terapia/aconselhamento por gays, lésbicas e bissexuais que vão de acordo com os contextos e paradigmas de cada um, e de cada contexto no qual estão inseridos. Como exemplo, temos os participantes que reconhecem a orientação sexual como parte da identidade e aqueles que a veem - ou que a sociedade/religião/família consideram - como um comportamento que pode ser alterado, a ponto de buscar terapia de conversão da orientação sexual.

Um aspecto em comum dos artigos é a necessidade de um manejo respeitoso no sentido de evitar imposições a partir de imperativos pessoais, culturais e religiosos seja por parte do terapeuta, dos padres e pastores a quem esses sujeitos buscam. Alguns autores discutem que a maior dificuldade que o profissional enfrenta ao entrar em contato com a religiosidade (e orientação sexual) de seu cliente é a de lidar com seus próprios preconceitos. Dessa forma, a consideração das crenças do sujeito exige que o profissional ganhe distância das representações que traz em si sobre ambas as questões. O papel do psicólogo seria permitir a análise, o questionamento e o acolhimento para novas experiências generativas de crescimento (Cambuy, Amatuzzi, & Antunes, 2006).

### **Considerações Finais**

Este estudo teve como objetivo apresentar um panorama da produção científica, nacional e internacional, acerca da experiência religiosa/espiritual de GLBs, considerando o período de 2005 a 2015.

Verificou-se um crescimento em número da produção científica a partir do ano 2014 em torno desta temática. No geral, predominam os estudos internacionais, sobretudo norte-americanos, empíricos, transversais e qualitativos. Os instrumentos de coleta mais utilizados foram entrevistas em estudos qualitativos e escalas e questionários padronizados em estudos quantitativos e multimétodos. Sobre os participantes, prevalece o número de estudos que investigam a religiosidade/espiritualidade exclusivamente de gays e, em segundo lugar, de gays, lésbicas e bissexuais.

Sobre os principais temas de investigação científica, predominaram os estudos acerca das estratégias de integração religiosidade/espiritualidade e homossexualidade, seguidos pelos estudos com foco na *religiosidade/espiritualidade como fator de risco e/ou proteção para LGBs*. Dessa forma, verificou-se que - quando há uma dissonância cognitiva entre o paradigma da religião e a orientação sexual -, LGBs religiosos/espirituais se utilizam de estratégias para que sua orientação sexual e vida espiritual/religiosa convivam harmoniosamente, ou elegem vivenciar um aspecto em detrimento do outro. Nesse processo, as características individuais e a forma como as comunidades religiosas encaram a homossexualidade, norteiam se a

religiosidade/espiritualidade funcionará como entidade protetiva e/ou de risco na vida dessas pessoas.

Uma das principais limitações desta revisão refere-se à existência de poucos estudos relacionados especificamente à espiritualidade, enquanto que grande parte tratava da relação dos participantes de instituições/culturas religiosas específicas. Além disso, devido à necessidade de um recorte da população, não se utilizaram como descritores outras minorias sexuais, como os transgêneros, que são da maior importância e merecem ser investigados em seus aspectos religiosos e espirituais.

Diante de uma literatura majoritariamente internacional, este artigo busca contribuir com a literatura nacional acerca da descrição e compreensão da experiência religiosa/espiritual de gays, lésbicas e bissexuais. Em termos de estudos futuros, sugere-se a realização de pesquisas empíricas (quantitativas e qualitativas) que investiguem as estratégias de integração da religiosidade/espiritualidade utilizadas por gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros, com base nas categorias de análise aqui sistematizadas e em outras que venham porventura surgir.

## **ESTUDO II: FATORES RELACIONADOS À RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM LÉSBICAS, GAYS E BISSEXUAIS**

### **Objetivo Geral:**

Verificar fatores associados à religiosidade/espiritualidade de lésbicas, gays e bissexuais de Fortaleza, CE.

### **Objetivos Específicos:**

- Caracterizar sociodemograficamente os participantes;
- Comparar o nível de religiosidade/espiritualidade entre participantes com diferentes características sociodemográficas (idade, renda, escolaridade, etc.).
- Identificar os níveis de religiosidade/espiritualidade, homofobia internalizada e satisfação com o suporte social;
- Comparar o nível de religiosidade/espiritualidade por grupos com diferentes graus de homofobia internalizada e satisfação com o suporte social;
- Verificar a correlação entre variáveis sociodemográficas, religiosidade/espiritualidade, homofobia internalizada e satisfação com o suporte social;
- Identificar as variáveis independentemente associadas à religiosidade/espiritualidade.

## **Método**

### **Delineamento**

A pesquisa teve um delineamento transversal, quantitativo e analítico.

### **Participantes**

Participaram 181 gays e lésbicas da cidade de Fortaleza- CE. Os participantes

foram selecionados de forma não probabilística e por conveniência a partir dos seguintes critérios de inclusão: 1) autodeclarar-se gay, lésbica e bissexual; 2) vivenciar uma relação amorosa há pelo menos 1 ano ou estar em uma relação conjugal (ou união estável) há, pelo menos, seis meses<sup>5</sup>; 3) coabitar com o/a cônjuge; e 4) ter idade mínima de 18 anos.

Por outro lado, foram excluídos os casos com as seguintes características: 1) idade inferior a 18 anos; 2) não coabitar com o parceiro/a há pelo menos 6 meses; 3) não ter pelo menos um ano de relacionamento amoroso com o /a parceiro/ a. Os participantes poderiam ou não ter filhos (advindos de relacionamento anterior ou do atual).

## **Instrumentos**

*Questionário sociodemográfico* (Anexo B): composto por 24 questões específicas para os objetivos deste estudo, este questionário buscou caracterizar sociodemograficamente os participantes (idade, sexo, nível socioeconômico, ocupação, coabitação, pretensões à parentalidade, quantidade de filhos, engajamento em organizações LGBT, entre outros).

*Escala de religiosidade/espiritualidade* (Cerqueira-Santos, 2008) (Anexo B): A escala foi desenvolvida na Tese de Doutorado “Comportamento sexual e religioso: um estudo com jovens brasileiros”, de Cerqueira-Santos (2008) que considerou que o construto religiosidade/espiritualidade deveria ter uma única dimensão fatorial para avaliação da religiosidade/espiritualidade. O foco das questões apresentadas no construto versa acerca da vinculação institucional e da crença/espiritualidade (e.g., “*A religião/espiritualidade tem sido importante na minha vida*”; e “*Costumo frequentar encontros, cultos ou rituais religiosos*”). A versão final da escala apresenta 9 itens em forma de escala *Likert*, indo de 0 (nunca) a 4 (sempre). A análise do alfa de *Cronbach* no estudo original resultou em 0,873. Para a população investigada nessa pesquisa, obteve-se um alfa de *Cronbach* de 0,912.

*Escala de Avaliação Homofobia Internalizada – EHI* (Costa, Pereira, & Leal, 2013) (Anexo B): No que concerne à homofobia internalizada utilizou-se a versão adaptada às lésbicas e gays brasileiros (Lira & Morais, submitted). A escala foi desenvolvida inicialmente por Ross e Rosser (1996) para a população de homens gays

---

<sup>5</sup> Esse critério de inclusão era importante tendo em vista o objetivo da pesquisa mais abrangente, a qual também investigava a questão da satisfação conjugal.



com o objetivo de avaliar os níveis de internalização do preconceito contra a população LGB. Posteriormente, a escala foi adaptada e traduzida por Pereira e Leal (2005) para homens homossexuais e bissexuais portugueses, e manteve duas dimensões fatoriais: percepção interna do estigma associado à homossexualidade ( $\alpha = 0,82$ ) e a percepção externa do estigma associado à homossexualidade ( $\alpha = 0,65$ ). Mais recentemente, Costa, Pereira, e Leal (2013) adaptaram o instrumento abrangendo, além de gays e bissexuais, a homossexualidade feminina, incluindo mais um item que se referia, exclusivamente, às lésbicas (item 27: “*Mulheres lésbicas obviamente masculinas fazem-me sentir desconfortável*”). Seguem alguns itens da escala: “*Homens gays obviamente efeminados fazem me sentir desconfortável*”; “*Prefiro ter parceiros/as sexuais anônimos*”; e “*A vida seria mais fácil se eu fosse heterossexual*”, dentre outros.

Após a validação exploratória e fatorial na população do Brasil (Lira & Moraes, submitted), o instrumento composto inicialmente por 27 itens (versão de Costa, Pereira, & Leal, 2013), ficou constituído por 19 itens, distribuídos em dois fatores: Percepção Interna do Estigma ( $\alpha = 0,814$ ) e Percepção da Opressão Social ( $\alpha = 0,622$ ). Todos os itens são redigidos na afirmativa e medidos numa escala *Likert* de 4 pontos, desde 0 – discordo totalmente a 3 – concordo totalmente. Porém, para a análise dos dados, inverteu-se alguns itens do instrumento de forma que quanto maior os níveis da escala, maior a homofobia internalizada.

*Escala de Satisfação com Suporte Social - ESSS (Marôco, Campos, Vinagre, & Pais Ribeiro, 2014)*: Esta escala foi inicialmente proposta por Pais-Ribeiro (1999), aplicada a uma amostra de estudantes portugueses (15 a 30 anos) e avalia a percepção do suporte social em diferentes contextos, na compreensão de que esta percepção é uma dimensão fundamental nos processos cognitivos e emocionais ligados ao bem-estar e à qualidade de vida.

O instrumento foi constituído por 15 itens, distribuídos em quatro fatores: satisfação com os amigos, satisfação com a família, intimidade e atividades sociais. A consistência interna da escala total foi de 0,85. Posteriormente, Marôco et al. (2014) realizaram uma adaptação transcultural entre o Brasil e Portugal desse instrumento e o reduziram para 12 itens, com uma estrutura de quatro fatores: satisfação com amigos ( $\alpha = 0,656$ ), intimidade ( $\alpha = 0,673$ ); satisfação com a família ( $\alpha = 0,649$ ) e atividades sociais ( $\alpha = 0,696$ ).

Os itens estão na forma afirmativa e medidos numa escala de *Likert* de 5 pontos, desde 0 – discordo totalmente a 4 – concordo totalmente. Alguns dos itens do

questionário são: “*Os meus amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria*”; “*Estou satisfeito com a quantidade de amigos que tenho*”; e “*Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos*”; dentre outros. Para a amostra desse estudo (181 participantes GLB), obteve-se uma consistência interna total de 0,823 e os seguintes índices nas dimensões fatoriais: satisfação com amizades ( $\alpha = 0,733$ ), intimidade ( $\alpha = 0,733$ ); satisfação com a família ( $\alpha = 0,853$ ) e atividades sociais ( $\alpha = 0,638$ ).

### **Procedimentos de coleta dos dados**

Antes de iniciar a coleta dos dados propriamente dita, foram aplicados questionários pilotos em quatro casais (dois casais de lésbicas e dois casais de gays que vivem em união estável) na cidade de Fortaleza. Algumas modificações e adaptações foram manejadas pelas pesquisadoras com fins de aprimoramento do instrumento. A principal adaptação realizada foi a inclusão de ambos os gêneros masculinos e femininos, simultaneamente, nos itens das escalas, de forma a contemplar tanto os gays como as lésbicas.

Em seguida, os pesquisadores envolvidos no processo de coleta de dados, alunos de iniciação científica, a presente mestranda e uma doutoranda vinculada ao projeto, foram treinados. Em março de 2015, foi iniciada efetivamente a coleta de dados. Os participantes foram recrutados e convidados a participar da pesquisa através da divulgação em redes sociais e contatos com colegas de profissão das pesquisadoras, a fim de possibilitar o acesso aos mesmos. Ao fazer contato com os participantes, utilizou-se o método *snowball* (bola de neve), para identificar outros potenciais colaboradores.

Os questionários eram autoaplicáveis, mas optou-se por aplicá-los com a presença de algum integrante da equipe de pesquisa, a fim de esclarecer as possíveis dúvidas que pudessem emergir, ou mesmo para fazer os encaminhamentos necessários, caso surgisse alguma demanda para psicoterapia. É importante ressaltar que alguns participantes da pesquisa, mesmo dizendo que aceitariam colaborar com o estudo, acabavam desmarcando ou mesmo se esquivando de encontrar com as integrantes da equipe de pesquisa. Nesses casos, optou-se por entregar os questionários para que eles respondessem na ausência da pesquisadora. Os questionários foram entregues na portaria de suas residências, ou no trabalho, em envelopes lacrados e com um guia de instruções. A partir dessa estratégia, alguns participantes responderam prontamente aos questionários. Poderiam responder ao questionário, ambos os cônjuges (separadamente)

ou apenas um dos membros da díade.

Aos participantes foram explicados os objetivos da pesquisa, esclarecidas algumas questões éticas e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Somente após a anuência é que a coleta de dados teve início. Todos os instrumentos foram autoaplicáveis e o tempo médio de aplicação foi de 30 minutos. Durante a aplicação, a integrante da equipe de pesquisa esteve disponível para retirar quaisquer dúvidas dos participantes.

### **Procedimentos de Análise dos dados**

Os dados de cada participante foram digitados no *Statistical Package for Social Science - SPSS* (versão 22), e submetidos a análises descritivas e inferenciais. Realizou-se o cálculo de estatísticas descritivas (frequência, porcentagem e média) para a amostra total, com foco nas variáveis utilizadas neste estudo: aspectos sociodemográficos, religiosidade/espiritualidade, homofobia internalizada e suporte social.

Para comparar as variáveis sociodemográficas (idade, sexo, renda, dentre outras) com as demais variáveis investigadas (religiosidade/espiritualidade, homofobia internalizada e suporte social), a normalidade de cada variável foi avaliada através do teste *Kolmogorov-Smirnov*. Para explorar as possíveis associações entre os diferentes grupos de religiosidade/espiritualidade e as características sociodemográficas foi utilizada a estatística de qui-quadrado, com a correção de simulação de Monte Carlo (Marôco, 2011). Para análises com mais de duas amostras foram rodadas análises de comparação através da ANOVA.

Foram realizadas análises de correlação entre as variáveis do estudo. Como todas as variáveis apresentaram distribuição normal, foi utilizado o teste de correlação de Pearson. Por fim, foi realizada uma análise de regressão linear para identificar as variáveis independentes associadas à religiosidade/espiritualidade. Para todas as análises, utilizou-se como nível de significância crítico o valor de  $p < 0,05$ .

### **Procedimentos éticos**

O projeto de pesquisa referente ao presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza (Parecer 715.705 – Anexo A). Dessa forma, a pesquisa atende às recomendações bioéticas para pesquisas com seres humanos no que diz respeito à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes foram informados sobre os princípios bioéticos, também sobre os objetivos

e procedimentos do estudo quando convidados para participar voluntariamente da pesquisa, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE consentindo sua participação (Anexo B).

### Resultados e discussão

Entre os 181 entrevistados, 104 eram gays (57,4%) e 77 lésbicas (42, 2%). A Tabela 2 mostra que as idades dos participantes variaram entre 19 e 56 anos, sendo a idade média 31, 28 anos. A média do tempo de relação conjugal dos participantes foi de 5, 27 anos, sendo que o tempo médio de coabitação é um pouco inferior, 4,54 anos. Por fim, trata-se de um grupo com renda média mensal bastante alta, sendo a média de renda individual de R\$ 3.608,50 reais e a renda familiar de R\$ 7.359, 95 reais.

Tabela 2.

*Médias e desvio - padrão das variáveis idade, tempo de relação, coabitação, renda individual e renda familiar*

<b>Variáveis</b>	<b>M (DP)</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Idade	31,28 (7,75)	19	56
Tempo de relação (meses)	63,31 (65,88)	6	432
Coabitação (meses)	54,52 (56,50)	1	240
Renda individual	3608,50 (5071,24)	0	50000
Renda familiar	7359,95 (6738,39)	650	55000

Conforme mostrado na Tabela 3, a maioria dos participantes (85,6%) estava empregada no momento da pesquisa. Trata-se, ainda, de uma amostra com elevado nível de escolaridade, uma vez que 49,7% deles possui ensino superior completo e outros 27,1% possuem pós-graduação. Apenas 21% possui ensino médio completo e 2,2% tinham apenas o ensino fundamental. Mais da metade (69,6%) dos participantes coabitava com seu/sua parceiro/a, e apenas 12,2 tinham filhos.

Conforme os dados coletados, 3, 68,5% dos participantes se disseram engajados em alguma religião formal ou espiritualidade, sendo que 37% se auto definiram como católicos, 14,9% espíritas, 5,5% umbandistas/candomblecistas, 4,4% evangélicos e 1,7% referiram acreditar em Deus. Ainda que a religião católica tenha posicionamentos que podem ser considerados homofóbicos, tal como considerar a homossexualidade

pecado, ou a não celebração de casamento de casais de mesmo sexo, a eleição de dita afiliação religiosa pela maioria dos entrevistados desta pesquisa corrobora a precedência religiosa nacional (IBGE, 2010). No entanto, ainda que na população brasileira em geral, a segunda religião mais presente seja a evangélica, no presente estudo, a religião católica é seguida pela espírita. Esse dado faz sentido, na medida em que concorda com estudos que consideram que a experiência de fé em religiões não cristãs se mostra com menor dissonância cognitiva no que diz respeito à crença e homossexualidade, se apresentando como lugar seguro para a identificação com uma sexualidade não heterossexual (Smith & Homes, 2008).

O alto percentual de participantes que se declaram vinculados a alguma religião no presente estudo (68,5%) é um pouco superior ao percentual (61,7%) encontrado no estudo de Cerqueira-Santos, Silva, Rodrigues e Santos (2016) que utilizou esse mesmo instrumento com a amostra dos participantes homossexuais de Aracaju (n = 94). Além disso, à semelhança dos participantes desse estudo, realizado em Fortaleza, na cidade de Aracaju, as duas religiões mais mencionadas também foram a católica e espírita. No entanto, enquanto em Fortaleza, a terceira religião mais mencionada foi a umbanda/candomblé, em Aracaju os participantes mencionaram a religião evangélica.

Visando comparar o nível de religiosidade com as características sociodemográficas, os participantes foram divididos em três grupos, de baixa, média e alta religiosidade/espiritualidade. Para isso, distribuiu-se proporcionalmente as médias nos grupos, utilizando o critério percentil 0,33, que divide a amostra válida em partes análogas (Cerqueira-Santos, 2008). Ao final, verificou-se que os participantes ficaram assim distribuídos: n = 20 (11%) no grupo de baixa R/E; n = 76 (42%) no grupo de média R/E; e n = 85 (47%) no grupo de alta espiritualidade. É interessante observar que, neste estudo, os participantes (n = 161; 89%) tenderam a se concentrar nos grupos de religiosidade/espiritualidade média e alta. Comparativamente, o estudo de Barnes e Meyer (2012) apontou um baixo engajamento da população de LGB americana em instituições religiosas.

A partir do teste qui-quadrado foram observadas associações significativas entre níveis de religiosidade/espiritualidade em relação às seguintes características sociodemográficas: idade dos participantes [ $\chi^2(6) = 18,001$ ; p = 0,007]; renda familiar [ $\chi^2(6) = 13,752$ ; p = 0,037]; tempo de relacionamento [ $\chi^2(4) = 17,147$ ; p = 0,02] e coabitação [ $\chi^2(2) = 7,606$ ; p = 0,022].

Em relação aos grupos de baixa, média e alta religiosidade/espiritualidade,

chegou-se aos seguintes resultados: o grupo de baixo nível de R/E foi constituído principalmente por pessoas de 18 a 25 anos, que tem renda entre 6 a 10 salários mínimos e que os cônjuges não moram juntos. O grupo de média religiosidade/espiritualidade, por sua vez, não conseguiu apontar diferenças entre os participantes, a não ser ao indicar que nesse grupo tem poucas pessoas que ganham acima de 10 salários mínimos. Por fim, o agrupamento com altos níveis de R/E é formado predominantemente por pessoas entre 34 e 49 anos, com poucos participantes com renda familiar de 6 a 10 salários mínimos, que estão há mais de 120 meses (10 anos) em uma relação conjugal e ainda que coabitam há mais de 120 meses (10 anos) com seus cônjuges.

Não foram encontradas diferenças significativas quanto à religiosidade/espiritualidade e orientação sexual [ $\chi^2(2) = 1,671$ ;  $p = 0,446$ ]; escolaridade [ $\chi^2(6) = 4,424$ ;  $p = 0,626$ ]; trabalho [ $\chi^2(2) = 2,307$ ;  $p = 0,301$ ]; renda individual [ $\chi^2(6) = 8,249$ ;  $p = 0,216$ ]; tempo de coabitação [ $\chi^2(4) = 7,050$ ;  $p = 0,132$ ] e presença de Filhos [ $\chi^2(2) = 3,720$ ;  $p = 0,159$ ].

Os resultados sugerem que, assim como para a maioria dos brasileiros, a dimensão da religiosidade/espiritualidade parece ser importante na vida de gays e lésbicas que participaram da pesquisa. Alguns resultados sugerem que a variação no nível de religiosidade/espiritualidade em função de variáveis como coabitação e vinculação ao trabalho, por exemplo, podem estar relacionadas ao envolvimento dessas pessoas em práticas mais normativas de vida - constituição de família, envolvimento em um trabalho e práticas religiosas/espirituais. No entanto, é importante considerar a existência de um viés na presente amostra, dado que um dos critérios de inclusão desse estudo era o de estar vivenciando uma relação amorosa há pelo menos 1 ano ou estar em uma relação conjugal (ou união estável) há, pelo menos, 6 meses.

Quanto ao nível de religiosidade/espiritualidade, conforme mostra a Tabela 3, verificou-se que os participantes tenderam a apresentar níveis acima da média (2,4). Quanto à satisfação com o suporte social Amizade e Intimidade, os níveis apresentados também podem ser considerados acima da média, visto que a escala varia em 5 pontos, indicando elevada satisfação com o suporte social recebido. Já com relação ao Suporte social Família e Atividades Sociais o nível de Religiosidade/Espiritualidade. Observa-se, entretanto, que os participantes apresentaram baixos índices de homofobia internalizada, com alta percepção da opressão social externa, o que faz sentido a partir da coexistência em um sistema de crenças estabelecido que condena as orientações

sexuais não heterossexuais.

Tabela 3.

*Média e desvio-padrão das variáveis R/E, Satisfação com Suporte Social e Homofobia internalizada*

<b>Variáveis</b>	<b>M (DP)</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Religiosidade/espiritualidade	2,40(0,96)	0	4
SS_Amizade	2,90(0,79)	0,33	4
SS_Intimidade	2,81(0,92)	0	4
SS_Família	2,48(1,11)	0	4
SS_Atividades Sociais	2,16(0,88)	0	4
Percepção Interna_HI	0,93(0,44)	0	2,13
Percepção Opressão_HI	2,16(0,46)	1	3

Em seguida, realizou-se uma ANOVA a fim de se verificar se os grupos de alta, média e baixa R/E se diferenciam quanto às dimensões do suporte social (amizade, intimidade, família e atividades sociais) e da homofobia internalizada (percepção interna do estigma e opressão social). Conforme mostra a Tabela 4, foram observadas diferenças significativas entre os níveis de religiosidade/espiritualidade e as seguintes variáveis: Satisfação com o Suporte Social -Intimidade [F (2,172) = 3,064; p= 0,049] e Satisfação com o Suporte Social- Família [F(2,172)= 4,171; p = 0,018], de forma que se pode concluir que o grupo de pessoas com mais alta R/E é também o grupo com maior suporte social familiar e das relações de intimidade. O Teste *Post-Hoc* LSD revelou que os participantes que tinham elevados níveis de suporte social intimidade apresentavam altos níveis de religiosidade/espiritualidade. Ademais, as pessoas com mais suporte da família também apresentaram valores mais elevados de R/E.

Não foram encontradas diferenças significativas quanto à Satisfação com o Suporte Social - Amizade [F (2,172) = 0,198; p= 0,821], à Satisfação com o Suporte Social - Atividade Sociais [F(2,172)= 0,489; p = 0,614], à Homofobia internalizada - Percepção da Opressão Interna [F (2,172) = 0,716; p= 0,490] e Homofobia Internalizada- Percepção da Opressão Externa [F(2,172)= 1,411; p= 0,247]. A ausência

dessas diferenças destoam da literatura, uma vez que esta tende a mostrar uma associação entre R/E e homofobia internalizada, apontando para uma relação de conflito e frustração entre as minorias sexuais e as organizações religiosas, que levaria a um aumento da homofobia internalizada ou ao afastamento da filiação religiosa e/ou à diminuição e perda da fé (Barnes & Meyer, 2015; Doebler, 2015; Melzede & Brown, 2015; Shilo, Yossef, & Savaya, 2015).



Tabela 4.

*Comparação do suporte social e da homofobia internalizada entre os grupos de baixa, média e alta R/E*

Variáveis	Religiosidade/Espiritualidade			F (2,172)
	Baixa	Média	Alta	
Suporte social (0-4)				
Amizade	2,93(0,82) <sup>A</sup>	2,93(0,79) <sup>A</sup>	2,83(0,73) <sup>A</sup>	0,198
Intimidade	2,61(1,04) <sup>B</sup>	2,80(0,91) <sup>C</sup>	3,15(0,75) <sup>A</sup>	3,064*
Família	2,20(1,05) <sup>B</sup>	2,48(1,12) <sup>B,C</sup>	2,94(1,02) <sup>A</sup>	4,171*
Atividades sociais	2,09(0,76) <sup>A</sup>	2,16(0,89) <sup>A</sup>	2,30(1,06) <sup>A</sup>	0,489
Homofobia internalizada (0-4)				
Percepção interna	0,87(0,47) <sup>A</sup>	0,96(0,43) <sup>A</sup>	0,89(0,42) <sup>A</sup>	0,716
Percepção da opressão	2,15(0,42) <sup>A</sup>	2,11(0,45) <sup>A</sup>	2,27(0,53) <sup>A</sup>	1,411

Nota: Letras diferentes representam diferenças intergrupos com base na ANOVA ( $p < 0,001$ ). \*  $p < 0,05$ . As letras são ordenadas para mostrar o aumento/diminuição desses valores

Na sequência das análises estatísticas, testaram-se a existência de correlações entre as seguintes variáveis: características sociodemográficas (idade, sexo, renda familiar, tempo de coabitação, escolaridade); nível de R/E; suporte social – amizade, intimidade, família e atividades sociais; e a homofobia internalizada – percepção interna do estigma e percepção da opressão social. A Tabela 5 descreve os resultados.

A religiosidade/espiritualidade mostrou-se correlacionada significativa e positivamente em relação à idade ( $r = 0,35$ ;  $p = 0,00$ ), ao tempo de coabitação ( $r = 0,30$ ;  $p = 0,00$ ), à satisfação com o suporte social - intimidade ( $r = 0,18$ ;  $p = 0,01$ ) e suporte social - família ( $r = 0,24$ ;  $p = 0,00$ ). Por sua vez, a religiosidade/espiritualidade revelou-se correlacionada negativamente à renda familiar ( $r = -0,22$ ;  $p = 0,00$ ). Ou seja, a R/E tende a ser mais alta entre os participantes mais velhos, de menor renda familiar, que trabalham, coabitam e mostram-se satisfeitos com as dimensões da família e da intimidade do suporte social. No entanto, é importante mencionar que se trataram de correlações bem fracas (valores variando de 0,00 a 0,19) a fracas (0,20 a 0,39).

Conforme descreve a Tabela 5, todas as dimensões do suporte social (amizade, intimidade, família e atividades sociais) mostram-se correlacionados positivamente entre si, com valores de coeficiente que variam de fracos ( $r = 0,22$ ) a moderados ( $r = 0,46$ ). Sobre a correlação das dimensões do suporte social às variáveis sociodemográficas, verificou-se que o suporte social na família, especificamente, correlacionou-se a positivamente à idade ( $r = 0,18$ ;  $p = 0,02$ ); e negativamente à renda ( $r = -0,17$ ;  $p = 0,04$ ) e escolaridade ( $r = -0,16$ ;  $p = 0,03$ ). Já o suporte social – atividades sociais apenas correlacionou-se positivamente à idade ( $r = 0,17$ ;  $p = 0,02$ ).

Verificou-se, ainda, que todas as dimensões do suporte social (amizade, intimidade, família e atividades sociais) se correlacionaram negativamente (e fracamente) à percepção interna da homofobia, com valores que variaram de  $r = -0,21$  a  $r = -0,32$ . Tal resultado indica que, quanto mais altos os níveis de satisfação com o suporte social, médias mais baixas são encontradas na percepção interna da homofobia. Sugere-se, assim, que a satisfação com o suporte social pode amortecer os efeitos da homofobia, evitando sentimentos de inadequação e baixa autoestima, por exemplo. Além disso, é importante observar que a amostra pesquisada apresentou baixos níveis de homofobia internalizada.

A percepção interna de homofobia apresenta correlação positiva com percepção da opressão social ( $r = 0,15$ ;  $p = 0,04$ ), mostrando que quanto maior a percepção da

opressão social sofrida, maior a probabilidade de o sujeito apresentar conflitos internos entre sua identidade homossexual e o pertencimento na sociedade em que está inserido. Ainda, a percepção interna da homofobia se correlaciona negativamente à renda ( $r = -0,16$ ;  $p = 0,05$ ) e escolaridade ( $r = -0,15$ ;  $p = 0,04$ ).

Estudos apontam que a participação em filiações religiosas que enviam mensagens negativas acerca da homossexualidade, aumentam o grau de homofobia internalizada dos sujeitos (Barnes & Meyer, 2012). No presente estudo, o grau de homofobia internalizada foi baixo, ainda que a maior parte da população estudada pertença a alguma religião formal. Outros estudos apontam que os sujeitos que participam de tais filiações podem integrar de forma saudável a homofobia de cunho religioso de sua comunidade de fé (Kubicek et al., 2009). Não se pôde, no entanto, investigar particularmente a visão das religiões nas quais os participantes estão engajados, acerca da homossexualidade, supondo-se então, que a integração entre religiosidade e homossexualidade é realizada em alguma medida.

Tabela 5.

*Correlações entre as variáveis sociodemográficas, R/E, Suporte Social e Homofobia Internalizada*

Correlação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
<b>1. Idade</b>	1	-0,187*	0,089	0,510**	0,141	0,353**	0,024	0,080	0,187*	0,174*	-0,045	-0,090
<b>2. Sexo</b>	-0,187*	1	-0,306**	-0,267**	-0,115	-0,091	-0,051	-0,063	0,060	0,021	-0,130	0,052
<b>3. Renda familiar</b>	0,089	-0,306**	1	0,083	0,333*	-0,228**	-0,065	-0,010	-0,172*	-0,086	-0,161*	-0,081
<b>4. Tempo de coabitação</b>	0,510**	-0,267**	0,083	1	-0,108	0,304**	0,099	0,024	0,141	0,055	-0,070	-0,039
<b>5. Escolaridade</b>	0,141	-0,115	0,333*	-0,108	1	-0,025	-0,125	0,010	-0,168*	0,066	-0,151*	0,093
<b>6. Religião/espiritualidade</b>	0,353**	-0,091	-0,228**	0,304**	-0,025	1	-0,015	0,182*	0,242**	0,068	0,073	0,082
<b>7. SS_Amizade</b>	0,024	-0,051	-0,065	0,099	-0,125	-0,015	1	0,466**	0,313**	0,353**	-0,251**	-0,035
<b>8. SS_Intimidade</b>	0,080	-0,063	-0,010	0,024	0,010	0,182*	0,466**	1	0,394**	0,370**	-0,220**	0,089
<b>9. SS_Família</b>	0,187*	0,060	-0,172*	0,141	-0,168*	0,242**	0,313**	0,394**	1	0,222**	-0,217**	-0,075
<b>10. SS_Atividades_Sociais</b>	0,174*	0,021	-0,086	0,055	0,066	0,068	0,353**	0,370**	0,222**	1	-0,326**	0,020
<b>11. Percep_Interna_HI</b>	-0,045	-0,130	-0,161*	-0,070	-0,151*	0,073	-0,251**	-0,220**	-0,217**	-0,326**	1	0,151*
<b>12. Percep_Opressao_HI</b>	-0,090	0,052	-0,081	-0,039	0,093	0,082	-0,035	0,089	-0,075	0,020	0,151*	1

Notas: \*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$

A Tabela 6 descreve a regressão linear que foi realizada a fim de verificar a associação existente entre as variáveis independentes (idade, tempo de coabitação, renda familiar, satisfação com o suporte social e homofobia internalizada) com a variável dependente (nível de religiosidade/espiritualidade).

Tabela 6.

*Regressão Linear para análise das variáveis independentemente associadas à R/E*

Variável	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 3			Nota : * p < 0,05; *** p < 0,00 1
	B	SE B	Beta	B	SE B	Beta	B	SE B	Beta	
Idade	<b>,025*</b>	,012	,201	<b>,025*</b>	,012	,208	<b>,26*</b>	,12	,212	N o prim eiro mod elo fora m inser idas as variá veis idad
Tempo Coabitação	,003	,002	0,175	,003	,002	,174	,003	,002	,166	
Renda Familiar	-2,793	,000	-,154	-2,037	,000	-,113	-1,529	,000	-,084	
SS_Amizade				-,152	,112	-,127	-,132	,113	-,110	
SS_intimidade				<b>,220*</b>	,103	,214	,189	,104	,184	
SS_Familia				,131	,76	,154	,146	,078	,171	
SS_Atividades Sociais				-,129	,102	-,112	-,141	,103	-,123	
Percepção interna HI							-,014	,194	-,007	
Percepção Opressão Social							,261	,162	,132	
R <sup>2</sup>	0,355(36)			0,419(42)			0,435(44)			
R <sup>2</sup> ajustado	0,329(33%)			0,372(37%)			0,376(38%)			
F	13,881***			8,759***			7,318***			

e, tempo de coabitação e renda familiar. Este modelo teve uma variância explicada de 33% e mostrou que “idade” foi independentemente associado com religiosidade/espiritualidade. Ou seja, quanto maior foi a idade dos participantes, aumentou a probabilidade de religiosidade/espiritualidade. No segundo modelo foram inseridas as variáveis de satisfação com o suporte social, sendo que a variável de satisfação com o suporte social-intimidade

mostrou-se independentemente associada aos níveis de religiosidade/espiritualidade, apresentando assim uma variância explicada de 37%. No modelo final, foram inseridas as variáveis de homofobia internalizada e a variância explicada aumentou para 38%. Nesse modelo, por sua vez, apenas a variável idade mostrou-se independentemente associada ao nível de religiosidade/espiritualidade. Os resultados desse estudo sugeriram, portanto, que o aumento da idade e a satisfação com suporte social- intimidade, que designa uma percepção de se estar acompanhado e ter com quem contar, exerceram um peso maior do que as outras variáveis testadas, na determinação dos níveis de religiosidade/espiritualidade.

### **Considerações finais**

Este estudo teve como objetivo verificar os fatores associados à religiosidade/espiritualidade de gays e lésbicas de Fortaleza, CE. Ele tem sua relevância sustentada na indagação de visões estereotipadas acerca da vida religiosa/espiritual de gays e lésbicas, que sugerem que a população LGB não se conecta com esses elementos ou que são de menor importância em suas vidas.

A pesquisa revelou que 68,5% dos participantes se disseram engajados em alguma religião formal ou espiritualidade, sendo que a maior parte se auto-declarou católica, espírita, umbandista/candomblé e evangélica. Tal resultado segue uma tendência nacional em mostrar a religião católica em primeiro lugar; mas destoa das estatísticas gerais quando coloca em lugar de destaque a religião espírita e a umbanda/candomblé e, apenas após estas, a religião evangélica. A vinculação dos participantes gays e lésbicas desse estudo às religiões não cristãs pode estar relacionada ao fato destas se mostrarem mais receptivas a pessoas de orientações sexuais não heterossexuais (Smith & Homes, 2008).

Quando divididos em grupos de baixa, média e alta R/E, quase a totalidade dos participantes (89%) tendeu a se concentrar nos grupos com R/E média e alta. O agrupamento com altos níveis de R/E foi formado predominantemente por pessoas entre 34 e 49 anos, com poucos participantes com renda familiar de 6 a 10 salários mínimos, e com maior tempo (mais de 10 anos) de relacionamento conjugal e de coabitação; além de ser o grupo com maior suporte social familiar e das relações de intimidade. Sugere-se, assim, que participantes mais velhos e com maior tempo de coabitação tendem a se vincular mais fortemente à religiosidade/espiritualidade e que, em certo sentido, envolvem-se em práticas mais normativas de vida - constituição de família, envolvimento em um trabalho e práticas religiosas/espirituais, que parecem ter uma certa coerência entre si.

Embora a literatura indique que a população LGB experimenta o preconceito do meio social e das religiões tradicionais (Kubicek et al., 2009), esse estudo mostrou que tais fatores não afastaram os participantes da vivência da religiosidade/espiritualidade. Possivelmente, os desafiou a encontrar novas formas de acesso à essa espiritualidade, mesmo quando dentro de alguma afiliação, como católica, espírita, umbandista, etc.

Em termo das análises de correlação, pôde-se verificar que a R/E tende a ser mais alta entre os participantes mais velhos, que trabalham, coabitam e mostram-se satisfeitos com as dimensões da família e da intimidade do suporte social; e mais baixa entre pessoas de maior renda familiar. A literatura corrobora os primeiros achados, mas destoa no que se refere à relação de renda e R/E, pois não encontrou essa associação (Moreira-Almeida, & Lucchetti, 2016; Moreira-Almeida et al., 2010). Por fim, a análise de regressão mostrou que o aumento da idade e a satisfação com suporte social- intimidade (percepção de se estar acompanhado e ter com quem contar) estão mais associados aos níveis de religiosidade/espiritualidade.

Com base nesses achados, sugere-se que fazer parte de um casal e participar de uma rede de apoio social, pode impactar na diminuição da homofobia internalizada, se comportando como fatores protetivos quanto à percepção e vivência dessa ordem de conflitos internos. A presença do apoio social não só contribui para retirar a homossexualidade do *status* de condição marginal, como influencia o aumento de uma vivência da religião e espiritualidade na vida desses sujeitos.

Como limitações deste estudo, indica-se que o mesmo foi realizado com pessoas de classe média, residente em centros urbanos e de duas orientações sexuais apenas (gays e lésbicas). Além disso, todos os entrevistados viviam uma relação conjugal estável à época da pesquisa. Dessa forma, estudos futuros podem incluir a investigação de pessoas de diferentes estados civil, de outras orientações sexuais (bissexuais e transexuais, por exemplo), de diferentes níveis socioeconômicos e escolaridade, bem como de regiões distintas do país, tanto de áreas urbanas quanto rurais. Podem, ainda, avaliar outras variáveis consideradas importantes, tais como: mudança de religião após a “saída do armário” dos indivíduos; influência da família de origem nas práticas e filiações religiosas dos gays e lésbicas; assim como investigar associações entre religiosidade/espiritualidade e outros aspectos da vida das pessoas LGBs, como conjugalidade, bem estar psicológico, e sexualidade, dentre outros. Todas essas sugestões certamente agregarão ao estado da arte acerca da influência da religiosidade/espiritualidade na vida da população LGBT.

### **ESTUDO III: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS RELIGIOSAS/ESPIRITUAIS DE**

## **LÉSBICAS, GAYS E BISSEXUAIS**

### **Objetivo Geral:**

Compreender as concepções e práticas religiosas/espirituais de lésbicas, gays e bissexuais

### **Objetivos Específicos:**

- Caracterizar a vivência religiosa na família de origem;
- Descrever as concepções acerca do tema religiosidade e espiritualidade;
- Analisar a importância que atribuem aos temas da religiosidade e espiritualidade;
- Identificar as práticas religiosas e espirituais no atual momento de vida;
- Descrever a percepção acerca do processo de integração (ou não) de sua orientação sexual à sua religiosidade/espiritualidade.

## **Método**

### **Delineamento**

Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, com delineamento de Estudos de Casos Múltiplos, o qual busca investigar um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real (Yin, 2010). A opção por essa forma de estudo deve-se ao fato de que estes estudos são percebidos como mais consistentes na compreensão de fenômenos complexos, porque se baseiam em múltiplas estratégias de coleta de dados e podem, inclusive, agregar evidências qualitativas e quantitativas (Böing, Crepaldi, & Moré, 2008). Desta forma, busca-se relatar os casos escolhidos sem descrevê-los individualmente com profundidade, mas utilizando-os como ilustrações na discussão dos tópicos de investigação.

### **Participantes**

Participaram do estudo dez indivíduos, entre 19 e 55 anos, sendo destes, 4 universitários, 3 pós-graduados e 3 indivíduos com segundo grau completo. Todos os participantes eram residentes em Fortaleza, se identificavam como gays (n = 3), lésbicas (n = 4) ou bissexuais (n = 3), e declararam ter a religiosidade/espiritualidade como uma dimensão importante das suas vidas. Quanto às afiliações religiosas, 3 se autodeclararam católicos, 2 evangélicos, 3 espíritas, 1 candomblecista e 1 espiritualizada.

Buscou-se observar os seguintes critérios de inclusão: 1) participantes com idades igual



ou superior a 18 anos de idade; 2) com orientação sexual gay, lésbica ou bissexual; 3) que declararam a religiosidade/espiritualidade como uma dimensão importante das suas vidas; e 4) de diferentes filiações religiosas. Em consequência, foram utilizados como critérios de exclusão: 1) idade inferior a 18 anos; 2) indivíduos transexuais; e 3) indivíduos que não declararam a religiosidade/espiritualidade como uma dimensão importante das suas vidas. Os participantes foram selecionados de forma não probabilística e por conveniência. Mais detalhes acerca do recrutamento dos participantes estão descritos na seção de procedimentos de coleta de dados.

### **Instrumentos**

Para coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, especialmente elaboradas pela autora desse estudo e sua orientadora (ANEXO C) Uma das principais vantagens do uso de entrevistas, ainda que utilize um número reduzido de participantes, é que possibilita o acesso à construção social do fenômeno investigado através da própria voz dos colaboradores. O contato com os participantes constitui a singularidade deste estudo (Cerqueira-Silva, Dessen, & Costa, 2011).

O roteiro de entrevista era composto por 11 questões acerca da caracterização sociodemográfica dos participantes (idade, sexo, escolaridade, renda, estado civil, etc.). Além disso, tinha uma pergunta disparadora que foi utilizada para começar cada entrevista: *“Você poderia me contar um pouco sobre a presença da religiosidade/espiritualidade ao longo da sua vida?”*. A partir de então, a pesquisadora deixou os participantes livres para falar à vontade sobre sua trajetória e experiências religiosas/espirituais. No entanto, foram realizados questionamentos a partir de roteiro de entrevista semiestruturada, conforme a necessidade em aprofundar o diálogo sobre os seguintes temas: diferenças entre religiosidade/espiritualidade (R/E); possíveis conflitos morais R/E e orientação sexual; contexto religioso/espiritual que participa atualmente etc.; a fim de obter informações necessárias para alcançar os objetivos desse estudo.

### **Procedimentos de coleta de dados**

As entrevistas foram realizadas no período de agosto de 2016 a janeiro de 2017, de forma individual, em local, data e horário previamente acertado, de acordo com a disponibilidade e conveniência dos participantes. O tempo de duração das entrevistas variou entre 15 minutos a uma 1h13min, de acordo com a disponibilidade e motivação dos respondentes.

A captação de participantes ocorreu por conveniência e a partir da rede de contatos informal da pesquisadora. Em seguida, utilizou-se o método bola de neve, para se chegar aos demais participantes. Nesse método, cada participante indica outro potencial participante da pesquisa. No entanto, dado o objetivo de incluir na pesquisa, participantes com diferentes filiações religiosas, procurou-se garantir que no método da bola de neve pudessem ser indicados participantes de religiões distintas, como católica, evangélica, espírita, umbandista, candomblecista, espiritualista, etc.

### **Procedimentos de análise dos dados**

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra pela própria pesquisadora. Em seguida, para composição da análise de conteúdo dos dados provenientes das entrevistas, contou-se com o auxílio do programa de informática IRAMUTEQ – *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* – versão 0.7, desenvolvido por Pierre Ratinaud no ano de 2009. O IRAMUTEQ é um software gratuito e com fonte aberta, que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras. O programa ancora-se no *software R* e na linguagem *Python* (Camargo & Justo, 2013).

A presente análise tem como objetivo alcançar diferentes classes através de segmentos de texto (ST) que apresentem vocabulário com similitude entre si e diferenças dos segmentos de texto das demais classes. Cada classe é composta por vários segmentos de texto com classificação de acordo com a distribuição do vocabulário desses segmentos. Desta forma, as classes geradas a partir da classificação hierárquica descendente (CHD) representam o contexto de sentido das palavras e podem apontar representações sociais ou elementos de representação social do objeto em estudo (Cruz, 2016).

Nesse tipo de análise, em que cada texto inserido representa o discurso de um participante, o programa contabiliza as palavras, sua frequência média e reduz as palavras com base em suas raízes. Para fins desta pesquisa também foi utilizado o recurso nuvem de palavras, oferecido pelo *software*.

De acordo com Cruz (2016), apesar do programa oferecer resultados expressivos, estes não são independentes da análise e perspectiva do pesquisador. Desta forma, não se pode confundir o método com o *software* em questão. A análise dos dados é um processo que necessita da experiência e do embasamento teórico do pesquisador, a fim de dar corpo às categorizações propostas pelo IRAMUTEQ. Sendo assim, a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1995), se faz presente a fim de suprir as possíveis lacunas geradas pela categorização

proposta pelo *software*, fortalecendo a definição das categorias de análise.

### **Procedimentos éticos**

Esse estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza sob o CAAE 56839816.8.0000.5052 (Anexo D) A estruturação ética se fundamenta na Resolução no. 466 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), de 12/2012. Assim, após a leitura e esclarecimento da proposta de pesquisa, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo E), autorizando a utilização dos dados para essa pesquisa.

## **Resultados e discussão**

### **Descrição dos Participantes**

A Tabela 7 apresenta uma descrição acerca dos participantes, com informações sobre nomes (fictícios, para garantia do sigilo da identidade), idade, nível de escolaridade, orientação sexual, engajamento em religião/espiritualidade (R/E) e resumo do contexto de R/E e orientação sexual dos participantes.

Tabela 7.

*Caracterização dos participantes*

<b>Nome, idade e escolaridade</b>	<b>Orientação sexual</b>	<b>Engajamento em R/E</b>	<b>Contexto de R/E e orientação sexual</b>
<b>Bernardo, 19, superior incompleto</b>	Gay	Católico	De criação católica, viveu conflitos devido à orientação sexual com a comunidade católica; estes foram sanados diante da troca de comunidade. Sempre soube ser gay, mas se retraía temendo a reação dos pais; revelou na adolescência. Atualmente frequenta grupo de oração, faz sua oração pessoal, frequenta missas e realiza trabalhos sociais.
<b>Márcio, 55, 2º grau completo</b>	Gay	Católico	De criação católica, por influência da mãe, principalmente. Refere que os ritos da igreja dão sentido aos seus dias, trazendo mais equilíbrio interior. Sempre teve clareza de sua homossexualidade, nunca revelou à família, mas afirma que todos sabem e respeitam. Faz uso de incensos, leituras bíblicas, frequenta a missa semanalmente.
<b>Fernando, 34, pós-graduado</b>	Gay	Candomblecista	De criação católica, frequentou igreja evangélica e o espiritismo. Pratica o candomblé há 5 anos. Acredita que sua orientação sexual e religiosidade não estão interligadas. Embora

			<p>acredite que o preconceito com o candomblé é mais forte do que com a homossexualidade, evita revelar sua orientação em alguns ambientes, como trabalho e família. A família aceita bem sua religiosidade. Refere que sua vida é toda pautada no candomblé.</p>
<p><b>Ariel, 21, superior incompleto</b></p>	<p>Bissexual</p>	<p>Evangélico</p>	<p>De criação evangélica, por grande influência materna. Seguiu ritos da igreja por convenção, acredita que o pensamento evangélico o ajuda a ser uma pessoa de melhor caráter, mais justo e compassivo. Revelou para sua mãe sobre sua bissexualidade, que teve uma reação melhor que a que esperava, mas não falam sobre o assunto. Frequenta diferentes igrejas evangélicas e faz suas orações pessoais.</p>
<p><b>Maurício, 25, superior incompleto</b></p>	<p>Bissexual</p>	<p>Evangélico</p>	<p>Chegou via <i>snowball</i> como evangélico, mas durante o processo diz que vem percebendo não poder se dizer oficialmente evangélico porque a doutrina não permite. Ainda assim, se refere com pensamento evangélico. Diz sempre ter sido consciente de sua bissexualidade, que só causou conflito em terceiros quando ele começou a namorar com um homem, momento que achou ser necessário contar para sua família. Refere que sua espiritualidade lhe traz equilíbrio.</p>

			Faz orações pessoais, deixou de frequentar a igreja já na faculdade.
<b>Iara, 19, superior incompleto</b>	Bissexual	Espiritualizada	De criação evangélica, foi se afastando da igreja a partir do contato com pensamento crítico acerca das religiões cristãs. Culpava-se por ser bissexual e sentiu-se mais livre ao sair da igreja. Quanto à sua orientação sexual, refere que a família de origem foi suportiva, mas há conflitos na família extensa. Busca acessar sua espiritualidade sem se engajar em nenhuma religião, por meio de meditação e astrologia, principalmente, e faz doações.
<b>Bárbara, 33, pós-graduada</b>	Lésbica	Católica	De criação católica desde a infância, não considerava a possibilidade de uma sexualidade não heterossexual até a chegada na vida adulta. Sofreu conflitos internos iniciais, mas por fim aceitou e compreendeu sua orientação sexual. Embora tenha participado muito tempo de grupos de oração, não participa mais, mas reza o terço, ouve homilias e músicas católicas, vai à missa e faz suas orações pessoais.
<b>Sofia, 46, superior completo</b>	Lésbica	Espírita	De criação católica, descobriu o espiritismo aos 25 anos, ao acompanhar uma amiga que estava com problemas. Sente-se livre ao viver uma doutrina em que é possível questionar. Acredita que nem ela e

			nem sua família tiveram conflitos acerca de sua orientação sexual. Faz trabalhos sociais e frequenta o centro espírita.
<b>Selene, 42, 2º grau completo</b>	Lésbica	Espírita	Decidiu que não se engajaria na igreja católica durante a infância ao se recusar fazer a primeira eucaristia. Conheceu e se engajou no espiritismo na adolescência. Descobriu sua homossexualidade na vida adulta, após se separar do marido. Estuda o evangelho com sua companheira, faz orações, escuta músicas espíritas, e participa em projetos sociais.
<b>Cecília, 37, 2º grau completo</b>	Lésbica	Espírita	Filha de mãe umbandista e posteriormente convertida evangélica, estudou em escola católica. Frequentou a igreja evangélica e, posteriormente, elegeu a renovação carismática (igreja católica) como movimento espiritual. Vivenciou conflitos com a sexualidade devido aos dogmas da igreja e sofreu agressões físicas e psicológicas dos pais. Depois de algumas vivências conheceu a doutrina espírita que segue até hoje como um estilo de vida. Estuda o evangelho em casa, faz preces diárias e pede orações, faz trabalhos sociais e frequenta o centro espírita.





## **Análises do IRAMUTEQ: Definição de Categorias Temáticas**

O *corpus* geral de análise foi constituído por 10 entrevistas (unidades de contexto inicial – UCI), totalizando 45.990 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 1.853 palavras distintas. O conteúdo analisado foi distribuído em três classes. Destaca-se que essas três classes se encontram divididas em duas ramificações (A e B) do *corpus* total em análise.

O *subcorpus* A, composto pela Classe 1 (“*R/E e Família de origem*”), recebe o nome de sua única classe, e refere-se à influência da família de origem acerca da religiosidade/espiritualidade dos participantes. O *subcorpus* B, por sua vez, contém os discursos correspondentes à Classe 2 (“*Estratégias de integração R/E e Orientação sexual*”) e da Classe 3 (“*Resultado da integração entre orientação sexual e R/E*”) e foi denominado “Religiosidade X espiritualidade”, que contempla as diferenças percebidas entre religiosidade e espiritualidade, as estratégias de integração utilizadas para a convivência harmônica entre R/E e orientação sexual (Classe 2). A seguir serão descritas e exemplificadas cada uma dessas classes.



*Figura 2.* Dendrograma da separação em 3 classes fornecidas pelo programa IRAMUTEQ a partir dos discursos dos participantes

## **Subcorpus A – Religiosidade/Espiritualidade e Família de origem**

### **Classe 1 – Religiosidade/Espiritualidade e Família de origem**

A Classe 1 foi constituída por 457 UCIs, representando 39% do *corpus* total analisado. Essa classe é composta por palavras e radicais como “família”, “pai”, “mãe”, “irmão”, “igreja” e “espírita”. Na análise realizada, verificou-se que estão contemplados os discursos sobre a influência da família de origem na trajetória religiosa/espiritual dos participantes.

Nove dos dez participantes nasceram em lares referidos como cristãos. Esta informação corrobora os dados indicados pelo IBGE (2010), que indicam que a maioria dos brasileiros se nomeiam como cristãos, católicos ou evangélicos. A participante Cecília, ainda que tenha nascido em lar umbandista, cresceu sob o cristianismo, pois sua família se converteu à religião evangélica durante a infância da entrevistada, fato que lhe rendeu uma série de espancamentos e ataques verbais por parte de sua família. Segundo Cecília, sua estratégia para escapar da violência foi recorrer ao uso de drogas. Quanto à origem da sua criação católica, a participante Bárbara comenta:

Eu nasci numa família católica, minha avó paterna ela é ministra de eucaristia, fazia, como é que chama? Ela era catequista lá da paróquia, aquelas senhorinhas da paróquia. Até hoje se você chegar elas sabem quem é, sabe!? (...) Assim, minha mãe e meu pai se conheceram dando “paz de cristo” (Bárbara, 32, católica, lésbica)

Outra questão relacionada à influência da família de origem e religião/espiritualidade, assim como no caso de Cecília, foi a presença do preconceito vivenciado neste contexto, como ilustra a narrativa de Selene:

Aí ele [irmão] pegou e disse assim “você cala a sua boca, porque você não segura homem e agora é sapatão”. Porque ele não tinha mostrado pra mim que ele tinha esse preconceito. Tanto é que um dia minha mãe foi lá e disse que meu irmão disse pra gente não receber você, que você é sapatão. Ele durante algum tempo frequentou a igreja dos evangélicos, protestantismo. Talvez a semente da religião onde ele frequentou durante um tempo esteja dentro dele e ele tem esse preconceito automático de achar que era errado (Selene, 42, espírita, lésbica).

Também sobre a questão da aceitação, encontra-se no discurso de Márcio, a presença de sua homossexualidade diante da família sendo entendida por ele como aceita e respeitada, ainda que velada. Seu discurso remete ao caminho sinuoso percorrido pela homofobia internalizada:

Tipo assim, a questão de você, com relação à família, que família que é uma coisa primordial na vida, ninguém vive sem família e tal. Como seria isso? Eu sou querido e respeitado por todos, nunca tive a necessidade de chegar e dizer “eu sou gay”, mas eu acho eles de uma extrema inteligência e sensibilidade, que captaram com certeza isso. É, não se fala sobre isso e aceita-se. Essa questão, até por isso foi mais fácil pra mim porque nunca vi atitudes mais extremas deles dizerem “eu não quero um irmão gay; eu não amo um irmão gay!” (Márcio, 55, católico, gay).

As participantes de filiação espírita, não tinham em sua família de origem uma criação cristã ‘praticante’, o que significa dizer que, ainda que se referissem católicas, as famílias não participavam em ritos, referindo-se católicas mais por tradição do que por fé e adesão à religião. A jornada em busca de caminhos diferentes de acesso à espiritualidade, inclusive no caso de Cecília, foram eventualmente aceitos pelas famílias. No caso de Fernando, candomblecista, sua religiosidade é bem aceita pela família, pois sua mãe e tias se interessam pelo ocultismo das religiões de base africana.

Cinco dos nove participantes permaneceram na religião doutrinada na família de origem. A presença e importância da religiosidade/espiritualidade parece ter sido, para estes entrevistados, um valor transmitido pela família, e que permeia suas relações com a própria orientação sexual. Em estudo longitudinal, Copen e Silverstein (2009) investigam a transmissão intergeracional da religião e apontam para o impacto e influência do legado religioso/espiritual na trajetória dos descendentes ao longo da vida. Outros autores mencionam, ainda, a presença atual da herança religiosa/espiritual como meio de relacionamento familiar e formação de valores de uma geração para a outra (Dollahite & Marks, 2009; Snarey & Dollahite, 2001; Wendel, 2003).

Ainda que se tenha constatado a influência das famílias de origem para o legado espiritual, percebeu-se no discurso dos participantes acerca das próprias trajetórias religiosas/espirituais, o desenvolvimento de uma apropriação pessoal. Tal apropriação tomou corpo e força a partir da adolescência e/ou começo da vida adulta-jovem, expressando-se,

sobretudo, na vivência da espiritualidade, dos ritos e rituais das religiões e quanto a se denominar ou não de alguma filiação religiosa.

### **Subcorpus B- Religiosidade e espiritualidade**

Nesse subcorpus os participantes definiram as diferenças entre religiosidade e espiritualidade. Seus discursos corroboram a literatura quando esta define a religiosidade como um sistema de crenças organizado, com valores morais, crença na existência de Deus- ou Ser superior-, e que convoca as pessoas a formarem uma comunidade e partilharem da mesma fé; e espiritualidade como um fenômeno existencial, mais íntimo, que pode ser vivenciada dentro ou fora de uma comunidade religiosa formal (Bowland, Foster, & Volsler, 2013; Bruscatin, 2004; Heerman, Wiggins, & Rutter, 2007; Jeffries et al., 2014; Louceiro, 2007; Pinto, 2009; Tan, 2008; Walsh, 2005). O participante Fernando, por exemplo, dá o seguinte contorno à diferença entre religiosidade e espiritualidade:

Porque eu tenho um conceito, sempre achei legal esse conceito quando eu vi, que religião é uma roupa que lhe veste. Na verdade, você tem uma espiritualidade, todos nós temos. São coisas diferentes. Espiritualidade todos nós temos, espiritualidade na verdade é um, pra mim, no meio conceito, é uma vontade de se conectar com o divino. Agora qual é o divino, em que forma, como ele se expressa com você, como você se expressa com ele, pra mim tá mais ligado à religião. (Fernando, 34, candomblecista, gay)

Maurício, que, embora se considere evangélico, tem experimentado recentemente sua espiritualidade em um caminho fora da religião institucional, descreve:

Espiritualidade tá acima de religião. Não é uma prisão, é uma liberdade. Ter saído da ideia de religião, ah, ser religioso dentro de uma igreja é muito fácil. Ser religioso fora é que eu quero ver o bicho pegando. (Maurício, 25, evangélico, bissexual).

Ainda que os participantes verifiquem a diferença entre religião e espiritualidade, à exceção de Iara (que se define como espiritualista) e Maurício (que evita definir-se oficialmente como evangélico porque a doutrina não permite), os participantes tenderam a se filiar em religiões específicas. Esse recorte pode ser explicado devido aos critérios de inclusão definidos no processo de seleção dos participantes. A partir do subcorpus B surgiram as classes

2 e 3, que contemplam os contextos descritos a seguir:

### **Classe 2 – Estratégias de integração R/E e Orientação sexual**

A Classe 2 representa 47,8% do *corpus* total analisado. Essa classe é composta por palavras e radicais como “Deus”, “espiritualidade”, “pecado”, “religião” e “espiritual”. Na análise realizada, verificou-se que estão contemplados os discursos dos participantes sobre as estratégias de integração R/E e Orientação sexual, a saber: saída do armário seletiva; utilização da rede de apoio social; mudança na percepção/foco; ativismo religioso; e práticas espirituais individuais.

#### *Saída do armário seletiva*

A saída do armário seletiva ocorre quando os indivíduos acreditam que alguns espaços nos quais participam não sejam cientes de sua homossexualidade e, assim, preferem manter a orientação sexual em segredo nesses determinados contextos para fugir de uma possível discriminação (García, Gray-Stanley, & Ramirez-Valles, 2008; Jeffries et al., 2014; Liboro & Walsh, 2015), pretendendo assim evitar consequências indesejadas socialmente, como consequências relacionadas à família, não desejando serem fonte de desonra, desgraça, vergonha e/ou constrangimento (Figuroa & Tasker, 2013; Liboro & Walsh, 2015).

A estratégia da saída seletiva do armário é ilustrada na fala de Ariel, que se mostra apreensivo quanto à possível abordagem a que sua mãe seria submetida, caso os participantes da igreja evangélica que participam, descobrissem sobre sua bissexualidade. Ariel destaca, ainda, a evitação de estratégias de conversão da homossexualidade, além de indicar que para sua congregação a homossexualidade é considerada como uma possessão espiritual:

Tipo, até hoje eles [da igreja] não sabem. E por que eles não sabem? Pelo tipo de comentários [dirigidos à sua mãe] que eles fazem. ‘Olha, onde é que você errou? Olha você tem que ver seu filho... eu tô falando essas igrejas no interior, ‘vamos levantar uma campanha’, que é a cara deles levantar uma campanha de oração por alguma causa, alguma doença, chega a ser a esse ponto mesmo. Então de se juntarem, fazer uma campanha de 7 dias pra achar que esse espírito vai sair. E falar mesmo realmente que seja um espírito que está dentro de mim. (Ariel, 21, evangélico, bissexual)

O entrevistado Márcio parece acolher sua situação de gay e católico a partir de aspectos

condicionais, como por exemplo, o gay ser comprometido com causas sociais, trabalho e família. Nesse caso, ele não apresentaria “nada de errado”. O participante entende que a saída do armário deve ser feita mais internamente e para as pessoas significativas do que para a sociedade, embora o entrevistado não tenha revelado para a família, que considera como principal apoio social:

Porque assim, antes de tudo você tem que se aceitar como você é. Essa decisão não tem que ser pra o mundo. O mundo não precisa saber que você é gay. É importante que você seja gay pras pessoas que te querem bem, que te amam, te respeitam, o mundo não precisa saber. Então a partir do momento que você se aceita, que você assume essa postura de gay, mas um gay que é comprometido com causas sociais, que é comprometido com o trabalho, com a família, sabe? (Márcio, 55, católico, gay)

Constatou-se, ainda, em um dos entrevistados uma situação de “duplo armário”. Fernando, que é candomblecista, pertence a uma realidade de dupla minoria, e considera, inclusive, que seria mais atingido pelo preconceito explícito no que diz respeito à sua religião, e afirma que “a caça às bruxas ainda não terminou”. Fernando descreve o manejo de seu “duplo armário” da seguinte forma:

Então, por exemplo, dentro lá do meu trabalho eu não escondo (ser candomblecista), porém não mostro. Vamo lá, dentro da minha gaveta eu tenho uma conta de santo lá, mas dentro da minha gaveta lá atrás, entendeu? Bem escondido mesmo (...). Mas então o único lugar que eu me escondo [sobre ser gay] é no trabalho (...). Na minha família de origem, é tranquilo porque é um assunto que não se comenta. Não é que seja proibido. Mas até eu mesmo não quero. Porque eu não quero chegar um momento de eu ter que me indispor com a minha mãe. Então, eu já soube que quando ela soube [da homossexualidade] ela teve os momentos de sofrimento dela. Do candomblé é bem tranquilo porque ela gosta um pouco. (Fernando, 34, candomblecista, gay)

Como em estudos analisados (e.g. Figueroa & Tasker, 2013; Liboro & Walsh, 2015), alguns dos participantes do presente estudo creem que a revelação da orientação sexual pode levar a constrangimentos a partir de intervenções indesejadas por parte da igreja, como vimos no caso de Ariel; sofrimentos em suas famílias de origem, nos três casos apresentados e até ao ostracismo em suas comunidades, no caso de Fernando, caso fique explícita sua religiosidade

no ambiente de trabalho. Neste caso, o participante Fernando alega que seus colegas poderiam atribuir que a sua ascensão profissional ou a queda profissional de terceiros se daria devido a feitiços/macumba engendrados por este.

Se faz necessário lançar luz à problematização acerca do preconceito contra a minoria religiosa, posto que oficialmente participamos de um estado laico, que teoricamente prescindiria da religião como elemento de conexão social. Oro (2011) rememora que, à época da ditadura, fazer parte de religiões não cristãs, como espiritismo e candomblé era sinônimo de repressão policial, incluindo invasões ostensivas aos terreiros. Segundo Oro (2011), o esforço conjunto do estado, igreja e intelectuais contribuiu para moldar uma representação social negativa das religiões de origem africana. Tal empreitada repercute até os dias atuais, como se pode observar no discurso de Fernando.

#### *Utilização da rede de apoio social*

A utilização da rede de apoio social refere-se à aceitação da família e/ou amigos como elemento que aliviaria o fardo de uma interação apreensiva entre religiosidade e homossexualidade (Figuroa & Tasker, 2013; Shilo, Yossef, & Savaya, 2015; Stamatoulakis & Nearchou, 2015). Além disso, conhecer outros pares na mesma situação foi considerado como uma rede de ajuda àqueles que se sentiam únicos em seu conflito de identidade (Lalich & McLaren, 2010; Siraj, 2012).

No caso de Bárbara, esta assimilação se deu ao participar de encontros científicos, nos quais a comunidade LGBT era representada de forma espontânea, além de descobrir o apoio e pertencimento na família da companheira:

Os eventos que eu fui, né de chegar em evento em universidade federal e ver as pessoas falando com muita naturalidade (...). Mas também a questão que não somos só nós duas. Quando a gente começou a namorar, tinham as meninas, as sobrinhas né dela, que na época tinham acabado de fazer um ano, e assim, eu me apeguei muito às meninas, e elas muito a mim, então, hoje a gente invariavelmente, fim de semana, feriado, ou a mãe delas viaja, elas ficam com a gente, a gente leva pra escola, as pessoas da escola conhecem. Há dois anos nasceu o irmãozinho delas, e meu cunhado não tem coragem de entrar em sala de parto, então quem entrou fui eu. (Bárbara, 33, católica, lésbica)

Na história de Selene, ela encontra suporte em suas pessoas significativas, família de origem, família atual (mulher e dois filhos), e pessoas próximas, como os vizinhos. Sente-se

resguardada para enfrentar o mundo, participando, assim como Fernando, de uma dupla minoria, em que ser gay e pertencer a uma doutrina diferente da cristã são motivos de preconceito:

Eu não tenho medo de falar da minha sexualidade com meus filhos, com meus vizinhos, com meus pais. Pra que ter medo de encarar o mundo, se eu fui aceita pelas pessoas que eu mais amo, que me interessam? (...). Isso facilitou todos os aspectos. Tanto no religioso, porque sabe que a doutrina espírita não é tão aceita, e, principalmente cidade pequena né, ela não é tão aceita e homossexualidade muito menos (Selene, 42, espírita, lésbica)

O suporte social amplia as possibilidades de uma vivência sem ambiguidades da homossexualidade em harmonia com a religiosidade. Por outro lado, a falta desse suporte social provoca a invisibilidade da experiência dos sujeitos, gerando o aumento de sentimentos de inadequação e rejeição, ainda que, segundo Araújo (2014), seja relativamente comum a existência de inúmeras pessoas das congregações, tanto fiéis, quanto líderes religiosos, que vivem sexualidades não-heterossexuais.

#### *Mudança na percepção/foco*

Neste tópico, prevaleceram os discursos dos entrevistados que cresceram em espaços que tinham a filiação cristã como pano de fundo. Encontramos nesse tópico algumas especificidades que dizem respeito à própria igreja, como no caso de Maurício, por exemplo. O jovem se considera com pensamento evangélico, mas não participa mais da igreja devido às configurações institucionais da referida filiação que não aceita a integração entre bissexualidade e a doutrina pregada pela religião. O jovem conta que transformou sua relação com Deus em uma interação mais direta, sem intermediários.

Maurício consegue captar também as discrepâncias entre os discursos pregados e ações vividas entre pessoas da igreja, o que o fez (re) definir seus próprios conceitos sobre o que considera pecado ou não:

Então eu resolvi ver a questão de pecado igual algo pecaminoso algo que faria mal a si, aos outros, entendeu? Mudei, e isso muda totalmente a doutrina. Né? Porque eles já deixam pré-estabelecido o que é pecado e o que não é, qual substância que pode, qual que não pode, o que você pode fazer, o que não pode fazer contigo, o que é bom o que é



ruim, e te definir o que é bom, o que é ruim. Então não vou mais definir o que é bom, o que é ruim. Não. Tinham pecados iguais. Pra mim todos os pecados eram iguais. Desde transar antes do casamento seria tão ruim quanto morrer de comer lasanha. (Maurício, 25, evangélico, gay)

Pode-se perceber nos discursos de Márcio e Cecília, a ressignificação de pecado e foco na premissa “Deus é amor”. A mudança do significado de pecado e foco nesse Deus de amor levam os participantes à aceitação direta da homossexualidade. Márcio pontua acerca do amor de Deus ser maior do que as proibições “Eu fui me permitindo ser feliz sem essa coisa do pecado (...) Então foi a grandiosidade da palavra do Senhor”. Já Cecília expõe da seguinte forma:

Eu demorei a sair do armário porque eu não podia. Porque na igreja católica e na igreja evangélica isso não dá, eles são muito fechados pra isso (...) Deus ele julga pelo amor dele, o amor dele é infinito, então assim, eu acho que o amor é acima de qualquer coisa. Tanto é que quando Jesus veio, os dez mandamentos se transformou em dois: amar a Deus sobre todas as coisas, e amar ao próximo como a ti mesmo. Então não tem, ele não disse “ó, tu só vai pro céu, tu só vai ser de Deus se tu ficar com homem”, não. “Ele: ame o próximo”. Então, se eu tô amando o meu próximo numa boa, eu respeito porque o amor engloba várias coisas né? Então se eu respeito, se eu tenho uma família se tá tudo direitinho, como eu não vou tá próxima de Deus? Se Deus é amor, eu amo, eu respeito, eu tô fazendo a caridade, eu tô tentando fazer o que Jesus fez, e eu acho que é certo (Cecília, 37, espírita, lésbica).

Os participantes cristãos analisaram, principalmente através do conceito de pecado, a doutrina proposta pela igreja, e foram capazes de ressignificar esses conceitos e focar em aspectos positivos da religião, priorizando uma visão de Deus como amoroso, em detrimento de Deus punitivo. Podemos acrescentar, ainda, discursos que pontuam a percepção da homossexualidade e da relação de respeito e ajuda com outras pessoas. Por exemplo, na fala de Maurício “não fazer mal a si, aos outros”; ou Cecília “Então se eu tô amando o meu próximo numa boa”; assim como Márcio que aceita mudar o significado do relacionamento que vive de um “relacionamento de pecado” para um “relacionamento de amor”. O conjunto dessas falas ilustram a crença de que os relacionamentos estabelecidos, incluindo o homossexual, são manifestações de amor e, como tal, estão congruentes com a versão que os entrevistados têm de

Deus.

### *Ativismo religioso*

O ativismo religioso aparece na fala de apenas um entrevistado, Bernardo. Esse tópico se refere à ação de transformar a igreja de dentro para fora, posicionando-se a favor das causas LGBs e sendo exemplo de liderança nas próprias igrejas, transformando a visão de quem as frequenta acerca da homossexualidade (Bowland et al., 2013). O ativismo religioso, para além de uma integração entre R/E e orientação sexual, como uma jornada pessoal, é também um ato político.

Segundo Walton (2006), a própria existência de cristãos gays e lésbicas é ato político na medida em que enfrenta pressupostos de que o cristianismo seria semelhante a um clube exclusivo para heterossexuais, em que os homossexuais não teriam adesão. No entanto, sabe-se que há grupos de gays cristãos no Brasil, como o “Diversidade católica”, que promovem uma maior sociabilidades entre homossexuais e a igreja (Araújo, 2014). Além disso, a partir de um fenômeno relativamente recente no Brasil, as igrejas inclusivas, prioritariamente de vertente evangélica, vêm se estabelecendo. De acordo com Jesus (2010), essas igrejas entram em campo de combate no território religioso, lutando por reconhecimento, pertencimento e legitimação da autoridade religiosa e de modos de vida não heterossexuais.

Ainda assim, a rejeição de gays e lésbicas por alguns cristãos e a rejeição de cristãos por alguns gays e lésbicas não são fenômenos sociais igualmente influentes. A capacidade das ideologias cristãs de impor valores morais à sociedade é mais pronunciada do que as influências do ativismo político de gays e lésbicas nos valores sociais (Walton, 2006). As atitudes e os sentimentos anti-homossexuais, especialmente os dos cristãos, são baseados em percepções de que a população LGB estaria atacando as instituições igreja e família e os valores que representa. Na história de Bernardo, seu ser cristão não se resume em se "adequar" a uma forma de ser igreja já existente. Sua saída do armário teve um impacto sobre sua identidade cristã e vice-versa, de forma continuamente recíproca, de forma que ele percebeu essa dinâmica como missão de vida:

Uma missão. Eu acredito que seja. (...) Eu realmente tipo fiquei muito maravilhado com tudo que tava acontecendo comigo, e a partir desse momento falei “É, essa é a minha missão aqui na terra”. Eu tenho que mostrar pros meus pais que eu não sou um demônio, uma aberração que eles acham, que eles tanto acreditam. (Bernardo, 19, católico, gay)

No caso de Bernardo esse ativismo tem como alvo inicial sua própria família de origem. O jovem considera que sua saída do armário e sua permanência na igreja, permitiram que seus pais fossem mais suaves no trato com seu irmão adolescente que também é homossexual. A ideia do ativismo religioso é que a igreja deixe de ser um ambiente hostil e violento, tanto para seus membros quanto para a sociedade.

### *Práticas espirituais individuais*

Entende-se por práticas espirituais individuais, as experiências individuais relacionadas à vida religiosa/espiritual, tais como oração, meditação e leitura de material religioso (García et al., 2008; Love, Bock, Jannarone, & Richardson, 2005). No caso de Bárbara, as práticas espirituais parecem relacionadas eminentemente a uma jornada pessoal, desvinculada de uma vivência coletiva:

Missa eu vou, porque eu não preciso dizer quem eu sou, não há assim uma interação de grupo né? (...). Às vezes no sábado, às vezes no domingo, toda semana eu vou. Terço, tipo, muito, total assim, rezo muito o terço, e tipo, eu tenho muito músicas que sempre foram referência pra mim, são músicas que de vez em quando, né eu vou, eu escuto. Tem alguns padres que às vezes eu até pego homilias na internet que são padres que eu gosto. Tenho essa relação que ela é muito diária. Mas não é uma relação que é diária de achar que eu tenho que ir em um lugar, né? Eu acho que talvez se eu não fosse lésbica eu ainda acharia que se eu fosse em um lugar seria melhor, ou seria uma melhor cristã, uma melhor católica. Hoje eu não vejo mais assim, então essa prática minha ela é muito de (...) é uma prática que eu tenho através da minha rotina. (Bárbara, 33, católica, lésbica)

No caso de Cecília, sua prática espiritual principal é a prece. Ela consegue incluir a companheira nessa prática, se tornando por vezes uma prática conjugal:

Primeiro de tudo pra mim, prece. É diário. Tem juntas e às vezes de manhã por exemplo chego no trabalho, vou lá no banheiro, porque as meninas cada uma tem sua, não vou obrigar ninguém, eu faço minha parte né, aí eu vou lá no banheiro ou lá em cima em algum cantinho e faço minha prece e agradeço (...). E aí à noite a gente sempre faz

prece junto. Sempre. E quando eu tô aperreada que não consigo aí eu ligo, digo: “Mô, faz uma prece aí pra mim, eu não tô legal, não tô me sentindo bem, tô sentindo uma coisa estranha” e aí ela faz a prece e eu sei que o poder da prece é muito forte, quando feito do coração. (...) (Cecília, 37, espírita, lésbica)

Fernando comenta que o candomblé “começa a pautar sua vida”, e se alguém que convive com ele tiver o olhar mais atento, poderá perceber a presença dessas práticas que ele descreve a seguir:

Então, na verdade, a minha presença de roupas, se você for no meu guarda-roupas e ver, é de, o que, 60 a 70% branco, e o restante das cores que vem são claras, elas não, não, não posso ter essa presença de cores escuras. Isso interfere na sua vida. É um relacionamento particular. É de compromisso? É de seriedade? É de tudo isso, mas também é de muito amor, é de muito carinho. Entendeu? Então assim, é como meu pai de santo me falou uma vez, e é a mais pura verdade, a partir daquele momento você nunca mais tá só. Nunca mais você tá sozinho. Você tem alguém por você. (Fernando, 34, candomblecista, gay)

Já Márcio refere que a ida à missa no final de semana tem efeito de estruturar sua vida interior, trazendo equilíbrio e sustentação emocional em momentos que necessita:

Eu não consigo me organizar no início de uma semana sem eu ir à igreja, é uma coisa costumeira, desde pequeno. Sim, eu acho que a questão do bem-estar da religião, o que isso te traz de positivo também foi, foi diante das necessidades mesmo da vida, de obstáculos que você precisa de um suporte, então a igreja sempre teve muito presente nisso. De uma forma muito forte. (Márcio, 55, católico, gay)

As práticas espirituais individuais dos entrevistados deste estudo, parecem relacionadas a um processo individual, desvinculado de uma vivência coletiva e/ou de políticas de luta pelos direitos LGB (García et al., 2008; Love, Bock, Jannarone, & Richardson, 2005). Essa prática traz nuances grupais nos casos de Fernando, Bernardo e das participantes do espiritismo que são engajadas em projetos sociais, embora nenhum deles voltado ao público LGB.

### **Classe 3 –Resultado da integração entre orientação sexual e R/E**

A Classe 3 representa 13,2% do *corpus* total analisado. Essa classe é composta por palavras e radicais como “candomblé”, “espírito”, “compromisso”, “presença”, “ritualístico” e “força”. Na análise realizada, verificou-se que foram contempladas as implicações do uso das estratégias de integração, tal como a auto aceitação no que diz respeito à orientação sexual e R/E. Os entrevistados, para fins desta pesquisa, descreveram-se em seu momento atual como participando de uma relação harmoniosa entre religiosidade/espiritualidade e sua orientação sexual. No entanto, essa relação nem sempre foi pacífica, havendo momentos de intenso conflito e turbulência emocional. Após esse período de ajustamento cognitivo emocional, os entrevistados lançaram mão das estratégias de integração trazidos no tópico anterior, até chegarem à auto aceitação acerca de sua homossexualidade, e a integração desta com a religião/espiritualidade. A seguir pode-se visualizar o discurso de Iara:

Era uma coisa que tava ali me incomodando [a sexualidade], sempre soube, era como se fosse um caroço nas costas que eu nunca conseguia olhar pra ele. E eu não sabia o que era, e eu ficava aquela coisa confusa, misturado com culpa, e sim, eu acho que de todas as coisas, da que me fez mais mal da minha vida religiosa, foi justamente ser bissexual, era o que me deixava mais culpada de tudo, me fazia muito mal mesmo. Eu acho que foi o principal que, a coisa que mais eu me senti livre quando eu saí da religião. Porque eu olhei mais ‘pra’ mim, que era uma coisa que eu não fazia também era religiosa, era egoísmo olhar pra mim, era egoísmo ter autoconhecimento, eu tinha que olhar sempre pra Deus, pros outros, mas eu era só uma serva de Deus, como se fosse isso, sabe? Então, quando eu parei com isso e comecei a olhar pra mim e comecei a olhar pros outros também (...) (Iara, 19, espiritualizada, bissexual)

Diferentemente de Maurício, no tópico mudança de percepção/foco, o discurso de Bárbara indica que sua auto identificação como católica, independe do discurso oficial proposto pela igreja, e acrescenta que ser lésbica e católica a trouxe para uma relação mais autêntica com a religião:

Eu acho que o grande problema é porque muitas vezes a religião começa não a partir da crença, mas da identificação com um grupo. E quando a gente se coloca na posição de uma pessoa que faz parte dessa população LGB, é como se nosso pecado fosse aquele

pecado que não é permitido. Porque, por exemplo, alguém que bebe, alguém que usa drogas, esse pecado é permitido, e as pessoas tão lá dando força, é perdoado. E o nosso não é, então é como se eu faço aquilo não é porque eu tô doente é porque eu quero pecar, como se eu fosse muito capaz de casar com um cara e ser feliz o resto da minha vida e nunca mais pensar numa outra mulher (...). Acho que em termos de você ser mais consciente de quem você é, te coloca a religião como um aspecto que é importante pravocê, mais genuína (Bárbara, 33, católica, lésbica).

Para Cecília, o período anterior à sua aceitação foi de conflitos acentuados, principalmente ao experimentar se relacionar com sua primeira namorada, que era filha do pastor da igreja que frequentava:

Esse tempo foi horrível, foi muito ruim, porque o sentimento eu sentia por ela, e quando a primeira vez que a gente ficou eu pensei “pronto, vou pro inferno, meu Deus”. Era uma confusão, chegava na igreja o pastor “isso é do demônio, mulher com mulher, homem com homem, num sei que”. Aí eu: “Valha-me Deus no céu, tô com cão nos couro”. Direto mesmo, “na bíblia tá escrito homem é pra ficar com ho.... Ou, homem é pra ficar com mulher e mulher com homem”, e eu questionava “E o amor?” Porque o que eu sentia por essa menina como eu era ainda adolescente, tava descobrindo, eu não sentia só o corpo, eu sentia um sentimento. (Cecília, 37, espírita, lésbica).

Constatou-se que a aceitação da orientação sexual dos entrevistados tendeu a ser mais complicada quando esses indivíduos cresceram em contextos religiosos que professam que a homossexualidade é imoral e indesejada (Tan, 2005). Ainda que existam vozes flexíveis dentro da própria igreja, como se observa na igreja católica em alguns posicionamentos do Papa Francisco, é irrefutável a força e presença de lideranças identificadas como cristãs, que disseminam posicionamentos homofóbicos no espaço público, desqualificando as sexualidades homossexuais com argumentos de procedência religiosa, promovendo assim experiências de ansiedade e culpa em muitas pessoas que experimentam uma dissonância entre os dois pontos (Araújo, 2014; Natividade & Oliveira, 2010).

No entanto, a religiosidade seguiu sendo importante para a vida desses entrevistados, que conseguiram integrar religiosidade/espiritualidade e orientação sexual de forma a facilitar o convívio harmonioso entre ambas. A entrevistada Bárbara, que no início da descoberta da homossexualidade terminou o namoro porque havia “*Caído a ficha do sou pecadora*”,

acrescenta que “*Hoje eu posso ser mais autêntica. Não é que eu esteja presa a uma norma e por isso eu sou católica, porque se você considerar que a maioria da população é católica*”, apontando que o fato de ser lésbica a encorajou ao aprofundamento para além dos dogmas da igreja e a estabelecer uma relação mais legítima com a religião.

### Nuvem de palavras

Pelo método de nuvem de palavras, que agrupa as palavras e as arranja graficamente em função da sua frequência, a palavra “religião” foi a que teve maior frequência no corpus -147 vezes, seguida da palavra “igreja” -139 vezes (Figura 3). Nesse método, as palavras são posicionadas aleatoriamente de tal forma que as palavras mais frequentes aparecem maiores que as outras, demonstrando, assim, seu destaque no corpus de análise da pesquisa.



Figura 3. Nuvem de palavras

Na sequência das palavras centrais, surgiram na nuvem, os vocábulos: “mãe”, “pai”, “deus”, “grupo”, “família”. Considera-se que essas recorrências são elementos de relevância para as análises desse estudo, uma vez que se estava interessado em sondar a vivência religiosa dos participantes em suas famílias de origem. Dessa forma, pôde-se constatar que os participantes identificam sua pertença religiosa a partir das referências familiares em que foram criados, e que o lugar ocupado pela família de origem, segue sendo de grande valor.

Além disso, a partir do discurso dos participantes, foi possível localizar a importância do meio social, aqui representado pelo termo “grupo”, tanto no que diz respeito à satisfação com o suporte social recebido, quanto à influência na mudança de lugar ocupado pela instituição religiosa. Esses elementos ficam claros no caso de Bernardo, que sofreu preconceito e violência dos colegas ao frequentar a escola católica da comunidade que seus pais até hoje participam; e que, para se reaproximar da religião católica, encontrou um novo grupo religioso, onde pôde se sentir acolhido e ser quem era, sem que isso interferisse em sua fé católica.

No encadeamento das estruturas lexicais, encontram-se os vocábulos “espiritualidade” e “sexualidade” ocupando espaços de dimensão semelhante. A forma como os entrevistados dispuseram suas representações discursivas nomeia que a sua orientação sexual, assim como sua espiritualidade, são elementos constitutivos e inegociáveis de suas vidas.

E é essencialmente neste ponto que a questão conflitiva se abrigou e ainda comparece na narrativa de alguns dos entrevistados. Ainda que os participantes entendam os dois fenômenos como sendo fundamentais e utilizem essa convicção como existindo em um lugar possível e até certo ponto transgressivo - não importa a visão da igreja, eu me vejo católico/evangélico -, eles demonstram compreender, como no caso de Maurício, que a homossexualidade constituiria uma forma de desvio, considerando-se as prerrogativas morais de engajamento à prática da religião. Tal realidade é especialmente verdadeira para as religiões cristãs, dado o contexto institucional dominante em que ela se dá. Não à toa a palavra “igreja” apareceu com frequência nas narrativas, e se faz presente em destaque na nuvem de palavras, considerando que os demais participantes, ainda que não cristãos, sofrem as repercussões desse mesmo contexto.

### **Considerações Finais**

Com o objetivo de compreender as concepções e práticas religiosas/espirituais de gays, lésbicas e bissexuais, foi realizado este estudo. Considerando a relação historicamente controversa e turbulenta entre religiões e orientações sexuais que destoam da heteronorma, bem



como os discursos religiosos fundamentalistas que atravessam o contexto social e político brasileiro, a relevância de um estudo qualitativo, que dá voz à experiência religiosa/espiritual de lésbicas, gays e bissexuais, se faz evidente.

Para tal, o caminho trilhado buscou caracterizar a vivência religiosa dos participantes na família de origem, descrever as concepções dos participantes acerca do tema religiosidade e espiritualidade na sua vida, analisar a importância que atribuem aos temas da religiosidade e espiritualidade, identificar as práticas religiosas e espirituais dos participantes no atual momento de vida, além de descrever a percepção dos participantes acerca do processo de integração (ou não) de sua orientação sexual à sua religiosidade/espiritualidade.

É interessante perceber que, na contramão do que se imagina que seja um movimento da própria sociedade como um todo, a religiosidade e espiritualidade não está extinta, e continuam sendo caminhos de tentativas de dar sentido à vida. Sobre o percurso dos participantes ao longo da vida, percebeu-se que a participação em comunidades religiosas pôde significar a presença de conflitos, dependendo da forma como esta comunidade encara/concebe a homossexualidade, mas também de como os indivíduos LGBs assimilam sua participação nela. Concordando com outros estudos, mesmo as participantes espíritas, que referiram nunca ter enfrentado nenhum tipo de dilema, reconheceram que muitas de suas companheiras que fazem parte da comunidade LGB e são religiosas enfrentam grandes dissonâncias e sofrimento em algum momento da vida no processo de articulação entre ambos os fenômenos (Melazde & Brown, 2015).

No entanto, mesmo quando os sistemas de fé e orientação sexual colidem e desafiem a construção de um sentimento positivo de identidade LGB, os participantes desse estudo mantiveram a vida espiritual e/ou religiosa em lugar de proeminência em suas vidas, referindo benefícios na articulação entre orientação sexual e religiosidade/espiritualidade, à semelhança do que estudos anteriores evidenciam (e.g. Lease & Shulman, 2003; Shilo, Yossef & Savaya, 2015; Tan, 2005).

A vivência religiosa/espiritual positiva em sujeitos LGB se deu através das chamadas estratégias de integração entre religiosidade/espiritualidade e orientação sexual (Itzhaky & Kissil, 2015; Lease & Shulman, 2003; Wagner et al, 2010; Wilkerson et al, 2012). As estratégias utilizadas pelos entrevistados foram: a *saída do armário seletiva*, em que alguns dos entrevistados elegem não revelar sua orientação sexual em alguns espaços como família e ambiente de trabalho, ou frequentar ritos religiosos que não demandem um contato pessoal mais profundo, por exemplo, frequentar missa mas não grupos de oração, a fim de evitarem constrangimentos e sofrimento de si e/ou de pessoas significativas; *utilização da rede de apoio*

*social*, de forma que a percepção de estar acompanhado e aceito torna a integração entre religiosidade e homossexualidade mais harmoniosa; *mudança na percepção/foco*, segundo a qual os entrevistados separavam sua relação com Deus e a religião/espiritualidade das pessoas que participam ou lideram as instituições; *ativismo religioso*, no qual o pressuposto é transformar a igreja de dentro para fora, posicionando-se a favor das causas LGBs; e *práticas espirituais individuais*, que se trata do espaço ocupado pela religião/espiritualidade em suas práticas diárias (e.g. leituras e orações pessoais, etc.), as quais fortalecem a relação dos participantes com a espiritualidade.

As estratégias de integração são os meios de dar sentido e vivenciar a religião e espiritualidade, os quais se constituem como legados familiares. Religião e espiritualidade são presença cotidiana, não sendo possível assim, isola-las, tirar de contexto ou acreditar que - enquanto gays, lésbicas e bissexuais - não são merecedores/dignos do acesso ao que é sagrado. A possibilidade de religião com a teia de significados que essa experiência traz, ao contrário, parece dar sentido às suas vidas e ajuda-los a viver melhor.

A concepções e práticas religiosas/espirituais ao mesmo tempo em que são coletivas, são individuais. O discurso religioso não existe *per se*, foi construído socialmente, o que faz com que os participantes desse estudo, em especial àqueles provenientes de um contexto religioso homofóbico, ocupem espaços de questionamento e pertencimento legítimo dentro desses espaços. A expectativa é de que cada um desses processos – por mais individuais ou coletivos que sejam - permitam LGBs a viver e professar sua fé com tranquilidade; além de recusar o que o passado (heteronormativo) os convida a ser. A construção, portanto, que cada participante fez e faz da sua vivência religiosa/espiritual ilustra o quanto tais experiências não podem ser absolutizadas, de modo que o que é sagrado vai se construindo quando os sujeitos assim o nomeiam e vivenciam. Nesse sentido, ser religioso, ter uma vida espiritual e ser LGB parece sim, ser um ato político, principalmente quando se vivencia uma realidade de restrição de direitos, de avanço de discursos de ódio contra as minorias sexuais, por vezes revestida de justificativas religiosas, as quais não podem passar despercebidas.

Faz-se necessário acrescentar que se reconhece a existência das igrejas inclusivas, bem como o importante papel social e político que exercem junto à população LGB, tanto no sentido de permitir um acesso à vivência religiosa/espiritual, como também de dar visibilidade às lutas dessa população, assumindo-se como tal. No entanto não foi objetivo desse estudo escutar pessoas vinculadas à estas igrejas, realidade que já foi mais enfocada em estudos anteriores. O foco desse estudo foi abrir espaço de investigação para pessoas vinculadas a religiões consideradas tradicionais.

Em termos de limitações do presente estudo citam-se a amostragem por conveniência que implicou o recrutamento de participantes de classe socioeconômica média e moradora da capital cearense; bem como a não inclusão de pessoas transexuais dentre os participantes desse estudo. Outra limitação a ser descrita refere-se à realização de uma única entrevista com os participantes, o que pode ter limitado a possibilidade de expressão dos mesmos. Consequentemente, em termos de estudos futuros, sugere-se a inclusão de participantes de outros níveis socioeconômicos, níveis de escolaridade e de origem rural, por exemplo, a fim de evidenciar com mais clareza o papel do contexto na vivência da R/E desses participantes. Ademais, sugere-se o uso de outras estratégias e coleta de dados, que não exclusivamente a entrevista, como por exemplo grupos focais, observação participante, etc.

Por fim, ressalta-se a contribuição do presente estudo, uma vez que buscou dar voz à população LGB a respeito de um tema, sobre o qual quase nunca lhes é dado direito à fala – a religiosidade/espiritualidade. Conforme mencionado, os estudos encontrados até o encerramento desta pesquisa têm origem, sobretudo, nas Ciências Sociais e tendem a abordar a relação dos participantes LGBs com instituições e/ou culturas religiosas específicas. Acredita-se, portanto, que essa pesquisa é uma contribuição importante da Psicologia ao campo de estudo da religiosidade/espiritualidade de LGBs, sobretudo se considerando que por muito tempo a Psicologia se manteve distante dessas temáticas. Nesse sentido, ela contribui para romper um certo “ateísmo epistemológico e metodológico” da Psicologia acerca da importância da R/E.

Conforme visto, a religião e espiritualidade não se encerram em dogmas e ritos, e dizem muito mais da forma como cada pessoa dá sentido e vive a sua vida, com tudo que esta implica – nascimento, morte, sofrimento, esperança, etc. Organizar-se no mistério da vida, não significa ignorar essa importante dimensão da vida humana, suposta pelos que previam a extinção das religiões com o avanço das ciências. Significa que os discursos da psicologia talvez precisem ser menos assépticos e, assim, possam acolher à altura o poder que os elementos religiosos/espirituais exercem na vida das pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente Dissertação teve como objetivo compreender a experiência da religiosidade/espiritualidade em lésbicas, gays e bissexuais da cidade de Fortaleza, Ceará. Para alcançar este objetivo, foram realizados três estudos, sendo um de revisão integrativa da literatura e dois empíricos.

No Estudo I, buscou-se delinear a produção científica (nacional e internacional) sobre a experiência religiosa/espiritual de lésbicas, gays e bissexuais a partir da sua própria percepção. A revisão considerou as bases de dados SciELO, PePSIC, LILACS, IndexPsi, PsycINFO, PUBMED e E-journals e as publicações dos anos de 2005 a 2015. Dos 58 artigos analisados, verificou-se a predominância de estudos internacionais, norte-americanos, empíricos, transversais e qualitativos. Sobre os principais temas de investigação científica, predominaram os estudos acerca das estratégias de integração religiosidade/espiritualidade e homossexualidade, seguidos pelos estudos com foco na religiosidade/espiritualidade como fator de risco e/ou proteção para LGBs. De tal modo, verificou-se que - quando há uma dissonância cognitiva entre o paradigma da religião e a orientação sexual -, LGBs religiosos/espirituais se utilizam de estratégias para que sua orientação sexual e vida espiritual/religiosa convivam harmoniosamente, ou elegem vivenciar um aspecto em detrimento do outro.

No Estudo II, de natureza quantitativa, investigaram-se os fatores relacionados à religiosidade/espiritualidade em lésbicas, gays e bissexuais, CE. O estudo mostrou que 68,5% dos participantes se disseram engajados em alguma religião formal ou espiritualidade; que eles tendem a concentrar-se nos grupos de média e alta espiritualidade; que a R/E se correlaciona positivamente à idade, tempo coabitação e satisfação com o suporte social – família e intimidade; e negativamente à renda. Por fim, o aumento da idade e a satisfação com suporte social- intimidade, estiveram mais fortemente associados à religiosidade/espiritualidade.

No Estudo III, de abordagem qualitativa, buscou-se descrever as concepções e práticas religiosas/espirituais de lésbicas, gays e bissexuais com vinculações a distintas filiações religiosas (católica, evangélica, espíritas, candomblecista e espiritualista). Verificou-se que os participantes consideram a R/E como uma dimensão importante em suas vidas, diferenciam uma dimensão da outra e reconhecem a importância da família de origem na sua vivência religiosa/espiritual. Além disso, mencionam uma série de estratégias de integração (e.g. saída

do armário seletiva; utilização da rede de apoio social; mudança na percepção/foco; ativismo religioso; e práticas espirituais individuais), que tornam possível a vivência simultânea da sua orientação sexual e sua vinculação a religiões específicas. Embora em alguns momentos a participação em comunidades religiosas possa ter significado a presença de conflitos, dependendo da forma como esta comunidade encara/concebe a homossexualidade, os participantes desse estudo mantiveram a vida espiritual e/ou religiosa em lugar de proeminência em suas vidas. Tal resultado corrobora o papel ativo que os indivíduos LGBs exercem no processo de assimilar sua orientação sexual, integrando-a ao seu sistema de fé.

Entende-se que a realização do Estudo 1 foi fundamental, pois permitiu a sistematização das estratégias de integração R/E e orientação sexual, as quais puderam ser verificadas e nomeadas como tal, a partir das falas dos participantes no Estudo 3. Tais estratégias são tanto mais necessárias para o caso daqueles participantes que – provenientes de lares cristãos – optam por permanecer nessas igrejas, ao invés de se vincularem às igrejas inclusivas, por exemplo. Ao mesmo tempo, o Estudo 2 permitiu constatar para um número maior de participantes gays e lésbicas, a centralidade da religião, filiações a que tendem a estar mais vinculados, bem como os fatores aos quais a R/E está associada, destacando-se aí a idade, tempo de coabitação, suporte social familiar e suporte social intimidade. Em termos metodológicos, portanto, considera-se como de grande relevância a opção feita na Dissertação por se conciliar estratégias diferentes de coleta e análise de dados (delineamento multimétodos), uma vez que se compreende que um estudo pôde enriquecer e complementar o outro, fornecendo uma visão mais ampla e complexa acerca do fenômeno estudado.

Diante de uma literatura majoritariamente internacional, esta Dissertação buscou contribuir com a literatura nacional acerca da descrição e compreensão da experiência religiosa/espiritual de lésbicas, gays e bissexuais. Em termos de estudos futuros, sugere-se a realização de pesquisas empíricas (quantitativas e qualitativas) que investiguem as estratégias de integração da religiosidade/espiritualidade utilizadas por lésbicas, gays e bissexuais e transgêneros, com base nas categorias de análise aqui sistematizadas e em outras que venham porventura surgir. Estudos quantitativos mais amplos, que considerem uma maior diversidade de participantes (diferentes orientações sexuais, níveis socioeconômicos e de regiões distintas do país) também são sugeridos; assim como o desenvolvimento de pesquisas que avaliem a influência da R/E em outras dimensões da vida dessa população, como conjugalidade, parentalidade, resiliência, dentre outros.

Finalmente, faz-se importante mencionar que a realização dessa Dissertação, a partir dos três estudos que a compõem, confirmam a importância de se pesquisar a interação entre

religião/espiritualidade e homossexualidades. O volume de artigos lidos e analisados, os achados do estudo quantitativos e, sobretudo, a potência das falas dos participantes no estudo qualitativo, reiteram o quanto se trata de uma temática que demanda a atenção social e científica; sobretudo se considerada a presença (ainda) marcante da homofobia e de práticas de violência (psicológica e física), infligidas tanto pelas famílias dos participantes, quanto por algumas igrejas e setores da sociedade. Embora a expressão “integração da R/E e orientação sexual” tenha sido utilizada na Dissertação para nomear o processo ativo dos GLBs na construção de uma forma possível da vivência da R/E, nunca é demais lembrar que nem sempre esse processo é possível ou trilhado com tranquilidade. É preciso, portanto, considerar o medo, ameaças, violências, castigos e anulação de si a que muitos homossexuais são expostos; mas ao mesmo tempo valorizar os seus movimentos de enfrentamento e tentativa de (re) ligarem-se a si mesmos e a crenças específicas, as quais – conforme mostrado nesse estudo – são avaliadas como de grande valor e importância.

## REFERÊNCIAS

- Albuquerque, L. M. B. (2008) A religião cabe nos números? *Revista de Estudos da Religião*, 59-67. Retirado de [www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_albuquerque.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_albuquerque.pdf)
- Anônimo. (2015). Muslim and gay: seeking identity coherence in New Zealand. *Culture, Health & Sexuality*, 18(3), 280-293. DOI: 10.1080/13691058.2015.1079927
- Araújo, M. S. (2014) “O amor de cristo nos uniu”: construções identitárias e mudança social em narrativas de vida de gays cristãos do grupo diversidade católica. (Dissertação) apresentada à Universidade Federal de Viçosa- MG.
- Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo*. (L. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70/ Livraria Martins Fontes (Originalmente publicado em 1977).
- Barnes, D. M. & Meyer, I. H (2012) Religious affiliation, internalized homophobia, and mental health in lesbians, gay men, and bisexuals, *American Journal of Orthopsychiatry*, 82(4), 505-515. DOI: 10.1111/j.1939-0025.2012.01185.x
- Böing, E, Crepaldi, M.A & Moré, Carmen L. O. O. (2008). Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(40), 251-266.
- Bowland, S. E; Foster, K; Vosler, N. R.(2013). Culturally competent and spirituality sensitive therapy with lesbian and gay christians. *Social Work*, 58(4), 321-332. DOI: 10.1093/sw/swt037.
- Bradshaw, K.; Dehlin, J. P; Crowell, K. A; Galliher, R. V; Bradshaw, W. S. (2014). Sexual orientation change efforts through psychotherapy for LGBTQ individuals affiliated with the

- church of Jesus Christ of latter-day saints. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 41(4), 391-412. DOI:10.1080/0092623X.2014.915907.
- Bruscagin, C. (2004). Família e religião. In C.M.O. Cerveny (Org.), *Família, comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição* (pp. 163-186). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Busin, V. M. (2011). Religião, sexualidades e gênero. *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, 11(1), 105-124.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
- Cambuy, K; AmatuZZi, M. M, & Antunes, T. A (2008) Psicologia clínica e experiência religiosa. *Revista de Estudos da Religião*, 3, 77-93.
- Carvalho, A. D. Z. D. (2014). Entre Política e Religião: diferenciação funcional e laicidade seletiva no Brasil. *Rivista Krypton-RomaTrE-Press*, 123-133. Retirado de <file:///C:/Users/Normanda/Downloads/SSRN-id2476886.pdf>
- Cavnar, C (2014) The effects of ayahuasca ritual participation on gay and lesbian identity. *Journal of Psychoactive Drugs*, 46(3), 252-260. DOI: 10.1080/02791072.2014.920117.
- Dessen, M. A. & Costa Júnior, Á. L. (2011). As contribuições da ciência do desenvolvimento para a psicologia da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16,1599-1609.
- Cerqueira-Santos, E. (2008). *Comportamento sexual e religiosidade: Um estudo com jovens brasileiros*. (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Cerqueira-Santos, E., Koller, S., Wilcox, B. (2008) Condom use, contraceptive methods, and religiosity among youth of social economic level. *The Spanish Journal of Psychology*, 11(1), 94-112
- Costa, P. A., Caldeira, S., Fernandes, I., Rita, C., Pereira, H., & Leal, I. (2013). Atitudes da população Portuguesa em relação à Homoparentalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4),790-798.
- Cruz, R. R. M. (2016). Prefiro ir de bicicleta – Um estudo sobre mobilidade a partir de experiências cotidianas. *Dissertação não publicada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR*.
- Dahl, A. L & Galliher, R. V. (2012). LGBTQ adolescents and young adults raised within a Christian religious context: Positive and negative outcomes. *Journal of Adolescence*, 35, 1611–1618.
- Dehlin, J. P; Galliher, R. V; Bradshaw, W. S; Hyde, D. C; & Crowell, K. A. (2015). Sexual orientation change efforts among current or former LDS church members. *Journal of Counseling Psychology*, 62(2), 95-105. DOI: 10.1037/cou0000011.

- Domínguez, D. G., Bobele, M., Coppock, J., & Peña, E. (2015). LGBTQ relationally based positive psychology: An inclusive and systemic framework. *Psychological services, 12*(2), 177-185.
- Ferreira, R. J., & da Silva, M. G. (2015). A organização eclesiástica da Comunidade Cristã Nova Esperança: entre acolhimentos e desacolhimentos. *Horizonte, 13*(40), 2292-2307.
- Figueroa, V, & Tasker, F. (2013). "I always have the idea of sin in my mind. ...". Family of origin, religion, and chilean young gay men. *Journal of GLBT Family Studies, 10*(3), 269-297. DOI: 10.1080/1550428X.2013.834424.
- Finlay, B. & Walther, C.S. (2003). The Relation of Religious Affiliation, Service Attendance, and Other Factors to Homophobic Attitudes Among University Students. *Review of Religious Research, 44*(4), 370–393.
- Fleck, Z; Borges, N; Bolognesi, G, & Rocha, N. S. (2003). Desenvolvimento do WHOQOL, Módulo Espiritualidade, Religiosidade e Crenças Pessoais. *Revista Saúde Pública, 37*(4), 446-455.
- Foster, K. A; Bowland, S. E; & Vosler A. N. (2015). All the pain along with all the joy: spiritual resilience in lesbian and gay christians. *American Journal of Community Psychology, 55*, 191-201. DOI: 10.1007/s10464-015-9704-4.
- Foster, M. L; Arnold, E; Rebchook, G; & Kegeles, S. M. (2011). ‘It's my inner strength’: spirituality, religion and HIV in the lives of young African American men who have sex with men. *Culture, Health & Sexuality: An International Journal for Research, Intervention and Care, 13*(9), 1103-1117. DOI: 10.1080/13691058.2011.600460.
- Furtado, M. S. (2014). Diversidade sexual e sua relação com a ciência e religião. *Caderno de Estudos em Ciências da Religião, 23*, 24-37.
- Ganzevoort, R. R. (2011). Growing up gay and religious. Conflict, dialogue, and religious identity strategies. *Mental Health, Religion & Culture, 14*(3), 209-222. DOI: 10.1080/13674670903452132.
- Garcia, D; Gray-Stanley, J; & Ramires-Vallez, J. (2008). "The priest obviously doesn't know that i'm gay": The religious and spiritual journeys of Latino gay men. *Journal of Homosexuality, 55*(3), 411-436. DOI: 10.1080/00918360802345149.
- Gato, J., Carneiro, N. S., & Fontaine, A. M. (2011). Contributo para uma revisitação histórica e crítica do preconceito contra as pessoas não heterossexuais. *Revista Crítica E Sociedade, 1*(1), 139-167.
- Gattis, M. N; Woodford, M. R; & Han, Y. (2014). Discrimination and depressive symptoms among sexual minority youth: Is gay-affirming religious affiliation a protective factor? *Archives Sexual Behavior, 43*, 1589–1599. DOI: 10.1007/s10508014-0342-y.



- Gibbs, J. J; & Goldbach, J. (2015). Religious conflict, sexual identity, and suicidal behaviors among LGBT young adults. *Archives of Suicide Research, 19(4)*, 472-488. DOI: 10.1080/13811118.2015.1004476.
- Goodrich, K. M; Buser, J. K; Luke, M; & Buser, T. J. (2015). Spiritual and Sexual Identity: Exploring Lesbian, Gay, and bisexual Clients' Perspectives of Counseling. *Journal of Homosexuality, 1-25*. DOI:10.1080/00918369.2015.1112192.
- Griffith, J. L. (1986). Employing the God-family relationship with religious families. *Family Process, 25*, 609-618.
- Guerriero, S. (2005). Desafios atuais ao estudo das religiões. *ComCiência: Ciência e Religião. Revista da SPBC Edição Eletrônica*. Retirada de <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/10.shtml>
- Guerriero, S. (2009). A religião em pedaços. In: A. J. S. Almeida, S. Ferreti & L. Santos (Orgs.). *Religião, raça e identidade: Colóquio do Centenário da Morte de Nina Rodrigues* (pp. 115-121). São Paulo: Paulinas.
- Hamblin, R. J. & Gross, A. M. (2014). Religious faith, homosexuality, and psychological well-being: a theoretical and empirical review. *Journal of Gay and Lesbian Mental Health, 18(1)*, 67-82. DOI: 10.1080/19359705.2013.804898.
- Hansen, J. E. & Lambert, S. M (2011). Grief and Loss of Religion: The experiences of four rural lesbians. *Journal of Lesbian Studies, 15*, 187-196. DOI: 10.1080/10894160.2011.521103.
- Hatzenbuehler, M. L. Pachankis, J. E., & Wolff, J. (2012). Religious climate and health risk behavior in sexual minority youths: A population-based study. *American Journal of Public Health, 102(4)*, 657-663. DOI: 10.2105/AJPH.2011.300517.
- Heerman, M., Wiggins, M., & Rutter, P. (2007). Creating space for spiritual practice: pastoral possibilities with sexual minorities. *Pastoral Psychol, 55*, pp. 711-721. doi:10.1007/s11089-007-0085-y.
- Henning- Geronasso, M. C & Moré, C. L. O. O. (2015). Influência da religiosidade/espiritualidade no contexto psicoterapêutico. *Psicologia: Ciência e Profissão, 35(3)*, 711-125. DOI: 10.1590/1982-3703000942014.
- Hodge, D. (2005). Epistemological frameworks, homosexuality, and religion: How people of faith understand the intersection between homosexuality and religion. *Social Work, 50*, 207-218. Doi: 17141329.
- IBGE. (2010). <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>
- Itzhaky, H & Kissil, K. (2015). "It's a horrible sin. If they find out, i will not be able to stay": Orthodox jewish gay men's experience living in secrecy. *Journal of Homosexuality, 62*, 621-

643. DOI: 10.1080/00918369.2014.988532

- Jaspal, R. (2012). 'I never faced up to being gay': sexual, religious and ethnic identities among british indian and british pakistani gay men. *Culture, Health and Sexuality: An internacional Journal for research, Intervention and Care*, 14(7), 767- 780. DOI: 10.1080/13691058.2012.693626.
- Jaspal, R & Cinnirella, M. (2010). Coping with potentially incompatible identities: Accounts of religious, ethnic, and sexual identities from British Pakistani men who identify as Muslim and gay. *British Journal of Social Psychology*, 49, 849–870. DOI:10.1348/014466609X485025.
- Jeffries I. V. W. L & Dodge, B; Sandfort, T. (2008). Religion and spirituality among bisexual men in the USA. *Culture Health & Sexuality*, 10(5): 463-477. DOI: 10.1080/13691050701877526.
- Jeffries V. I. W. L, Okeke, J. O, Gelaude, D. J, Torrone, E. A, Gasiorowicz, M, Oster, A. M, McCree D. H. & Bertolli, J. (2014). An exploration of religion and spirituality among young, HIV-infected gay and bisexual men in the USA. *Culture Health & Sexuality: An International Journal for Research, Intervention and Care*, 16(9), 1070-1083. DOI: 10.1080/13691058.2014.928370.
- Jesus, F. W. A Cruz e o Arco-Íris: Refletindo sobre Gênero e Sexualidade a partir de uma “Igreja Inclusiva” no Brasil. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 12(12), 131-146.
- Kissil, K. & Itzhaky, H. (2015). Experiences of the marital relationship among orthodox jewish gay men in mixed-orientation marriages. *Journal of LGBT family studies*, 11(2), 151-172. DOI: 10.1080/1550428X.2014.900659.
- Koller, S. H., Cerqueira-Santos, E., Morais, N. A., & Ribeiro, J. (2005). *Juventude brasileira*. Relatório técnico para o Banco Mundial.
- Kralovec, K., Fartacek, C., Fartacek, R. & Ploderl, M. (2012). Religion and suicide risk in lesbian, gay and bisexual Austrians. *Journal of Religion and Health*, 53(2), 413-423. DOI 10.1007/s10943-012-9645-2.
- Kubicek, K., McDavitt, B., Carpineto, J., Weiss, G., Iverson, E., & Kipke, M. D. (2009). "God made me gay for a reason" Young men who have sex with men's resiliency in resolving internalized homophobia from religious sources. *Journal of Adolescent Research*, 24(5), 601-633. DOI: 10.1177/0743558409341078.
- Lalich, J. & McLaren, K. (2010). Inside and outcast: multifaceted stigma and redemption in the lives of gay and lesbian Jehovah's Witnesses. *Journal of Homosexuality*, 57, 1303- 1333. DOI: 10.1080/00918369.2010.517076.
- Lapinski, J. & McKirnan, D. (2013). Forgive me father for i have sinned: The role of a christian

- upbringing on lesbian, gay, and bisexual identity development. *Journal of Homosexuality*, 60(6), 853-872. DOI: 10.1080/00918369.2013.774844.
- Lease, S. H & Shulman (2003) A preliminar investigatuon of the role of religion for Family members of lesbian, gay male, or bissexual male and female individuals. *Counseling and values*. 47, 195-209.
- Liboro, R. M. & Walsh, R. T. G. (2015) Understanding the irony: canadian gay men living with HIV/AIDS, their catholic devotion, and greater well-being. *Journal of Religious Health*, 55(2), 650-670. DOI: 10.1007/s10943-015-0087-5.
- Louceiro, L. M (2007). As variedades da experiência religiosa de William James revisitadas. *Cognitio-Estudos Revista Eletrônica de Filosofia*, 4(2), 103-120.
- Lytle, M. C., De Luca, S. M., Blosnich, J. R. & Brownson, C. (2014). Associations of racial/ethnic Identities and religious affiliation with suicidal ideation among lesbian, gay, bisexual, and questioning individuals. *Journal of Affective Disorders* 1(178), 39-45. DOI: 10.1016/j.jad.2014.07.039.
- Maccio, E. M. (2010). Influence of family, religion, and social conformity on client participation in sexual reorientation therapy. *Journal of Homosexuality*, 57(3), 441-458.
- Machado, M. D. D. C., Barros, M. L. D., & Piccolo, F. D. (2010). Judaísmo e homossexualidade no Rio de Janeiro: notas de uma pesquisa. *Religião & Sociedade*, 30(1), 11-31.
- Moon, D. (2014) “Beyond the Dichotomy: Six Religious Views of Homosexuality.”. *Journal of Homosexuality*, 61(9), 1215-1241.
- Love, P.G., Bock, M., Jannarone, A., & Richardson, P. (2005). Indentity interaction: Exploring the spiritual experiences of lesbian and gay college students. *Journal of College StudentDevelopment* 46(2) 193-209.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (5. ed.). Pêro Pinheiro, Portugal: Report Number.
- Marôco, J., Campos, J. A. D. B., Vinagre, M. D. G., & Pais-Ribeiro, J. L. (2014). Adaptação transcultural Brasil-Portugal da Escala de Satisfacao com o Suporte Social para estudantes do ensino superior. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 247-256.
- Marques, L. F., Cerqueira- Santos, E., Koller, S. H. & Dell’Aglío, D. D. (2011). Religiosidade e identidade positiva na adolescência. In: D. D. Dell’Aglío & S. H. Koller (Orgs). *Adolescência e Juventude: Vulnerabilidade e Contextos de Proteção* (pp. 77-108). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marques, L. M & Aguiar, A. P. A (2014) Instrumentos de mensuração da religiosidade/espiritualidade (R/E) e seus construtos. *Revista Pistis Praxis*, 6(1), 727-745.

- Martins, E. & Szymanski, H. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(1), 63-77.
- Matos, M. J. S. (2012) Liberdade religiosa e a conquista dos direitos dos homossexuais: um breve estudo sobre um dos debates mais polêmicos no Brasil. *Etic - Encontro de Iniciação Científica* (2015). Retirado de [intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/3655/3414](http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/3655/3414)
- Mavhandu-Mudzusi, A. H. & Sandy, P. T. (2015). Religion-related stigma and discrimination experienced by lesbian, gay, bisexual and transgender students at a South African rural-based university. *Culture, Health & Sexuality*, 17(8), 1049– 1056. DOI: 10.1080/13691058.2015.1015614.
- Mbetbo, J. M. (2013). Internalised conflicts in the practice of religion among kwandengue living with HIV in Douala, Cameroun. *Culture, Health & Sexuality: An International Journal for Research, Intervention and Care*, 15(sup1), 76-87. DOI:10.1080/13691058.2013.779025
- Melazde, P; Brown J (2015) Religion, sexuality, and internalized homonegativity: Confronting cognitive dissonance in the abrahamic religions. *Journal of Religious Health*, 54(5), 1950-1962. DOI: 10.1007/s10943-015-0018-5.
- Mesquita, D & Perucchi (2016). Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105>
- Milligan, A. K (2014) Expanding sisterhood: Jewish lesbians and externalizations of jewishness. *Journal of Lesbian Studies*, 18(4), 437-455, DOI 10.1080/10894160.2014.908270.
- Morais, N. A. D. (2009). *Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: entre o risco e a proteção*. (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Moreira-Almeida, A.; Pinsky, I.; Zaleski, M.; & Laranjeira, R. (2010). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 37(1), 12-15.
- Moreira-Almeida, A. & Lucchetti, G. (2016). Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. *Ciência e Cultura*, 68(1), 54-57.
- Natividade, M. (2010). Uma homossexualidade santificada? etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e sociedade*, 30(2), pp. 90-121.
- Neri, M. C (2011) *Novo Mapa das Religiões*. CPS, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- Nunes, M. C. (2013) *Família cristã e homoafetiva na modernidade religiosa*. III Seminário

internacional enlaçando sexualidades

- Oliveira, E. N. (2015) Adoção por casais homoafetivos em uma visão crítico-jurídica e social. *Revista Lexmax*, 3(3), 101-107.
- Oswald, R. F. (2002). Resilience within the family networks of lesbians and gay men: intentionality and redefinition. *Journal of Marriage and Family*, 64, 374-383.
- Page, M. J. L; Lindhal, K. M; Malik, N. M. (2013). The role of religion and stress in sexual identity and mental health among LGB youth. *Journal of Research on Adolescence*, 23(4),665-677. DOI: 10.1111/jora.12025.
- Pais-Ribeiro, J. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3, 547-558.
- Pierucci, A. F (2004). "Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, 18(52), 17-28. Retrieved March 13, 2016, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142004000300003&lng=en&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142004000300003&lng=en&lng=pt).
- Pinto, E. B. (2009). Espiritualidade e religiosidade: articulações. *Revista de Estudos da Religião*. 68-83.
- Pitt, R. N. (2009). "Still looking for my Jonathan": Gay black men's management of religious and sexual identity conflicts. *Journal of Homosexuality*, 57(1), 39-53, DOI: 10.1080/00918360903285566.
- Portella, R. (2006). Religião, sensibilidades religiosas e pós modernidade. Da ciranda entre religião e secularização. *Revista de Estudos da Religião*, 2, 71-87.
- Pinto, E. B (2009), Espiritualidade e religiosidade: articulações. *Revista de Estudos da Religião*, 68-83.
- Quinn, K; & Dicson-Gomez, J. (2015). Homonegativity, religiosity, and the intersecting identities of young black men who have sex with men. *AIDS Behav.* 20. 51– 64, DOI 10.1007/s10461-015-1200-1.
- Quinn, K; Dickson-Gomez, J; & Kelly, J. A (2015) The role of the Black Church in the lives of young Black men who have sex with men. *Culture, Health & Sexuality*, 1-14, DOI: 10.1080/13691058.2015.1091509
- Rostosky, S. S; Riggle, E. D. B; Brodnicki, C; Olson, A (2008) An exploration of lived religion in same-sex couples from judeo-christian traditions. *Family process*, 47(3), 389-403.
- Sbardelotto, M. (2012). Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet. *Cadernos Teologia Pública*. N. 70, 5-40.
- Severson, N; Muñoz-Laboy, N; Kaufman, R (2014) 'At times, I feel like I'm sinning': the

- paradoxical role of non-lesbian, gay, bisexual and transgender-affirming religion in the lives of behaviourally-bisexual Latino men. *Culture, Health & Sexuality: An International Journal for Research, Intervention and Care*, 16(2), 136-148, DOI: 10.1080/13691058.2013.843722.
- Shilo, G; Yossef, I; Savaya R (2015) Religious coping strategies and mental health among religious jewish gay and bisexual men. *Archives of Sexual Behavior*, 1-11, DOI: 10.1007/s10508-015-0567-4.
- Siqueira, D. (2013). Religião e religiosidade: indivíduo e sociedade, *Estud. Sociol. Araraquara*, 18 (34), 117-134.
- Siraj, A. (2011). Isolated, Invisible, and in the Closet: The life story of a scottish muslim lesbian. *Journal of Lesbian Studies*, 15,99–121, DOI: 10.1080/10894160.2010.490503.
- Siraj, A. (2012). "I don't want to taint the name of islam": The influence of religion on the lives of muslim lesbians, *Journal of Lesbian Studies*, 16(4), 449- 467, DOI: 10.1080/10894160.2012.681268.
- Smallwood, S. W; Spencer, M; Ingram, L. A;Thrasher, J. F; Thompson-Robinson, M. V. (2015). Examining the relationships between religiosity, spirituality, internalized homonegativity, and condom use among african american men who have sex with men in the deep South. *American Journal of Men's Health*, 1–12, DOI: 10.1177/1557988315590835.
- Sousa P. L. R; Tillmann I. A; Horta C. L & Oliveira F.M (2001). A religiosidade e suas interfaces com a medicina, a psicologia e a educação: o estado de arte. *Psiquiatria*, 34(4), 112-7.
- Souza, R. M. D. (2013). *A salvação da homossexualidade: reflexões sobre uma comunidade inclusiva cristã*. TCC Universidade de Brasília-UNB.
- Sowe, B. J; Brown, J; Taylor, A. J (2014) Sex and the sinner: comparing religious and nonreligious same-sex attracted adults on internalized homonegativity and distress, *American Journal of Orthopsychiatry*, 84 (5), 530–544. DOI: 10.1037/ort0000021.
- Stamatoulakis, K. K; Nearchou, F (2015) Homosexuality and priesthood: conflict in the life of a norwegian woman. *Procedia- Social and Behavior Sciences*, 185, 160-164.
- Stander, V; Piercy, F. P; Mackinnon, D & Helmeke, K (1994) Spirituality, religion and Family therapy: Competing or complementary worlds? *The american Journal of Family therapy*, 22(1), 27-41, DOI: 10.1080/01926189408251295.
- Subhi, N; Geelan, D (2012) When christianity and homosexuality collide: understanding the potential intrapersonal conflict, *Journal of Homosexuality*, 59, 1382–1402. DOI: 10.1080/00918369.2012.724638.
- Tan, P (2005) The importance of spirituality among gay and lesbian individuals, *Journal of Homosexuality*, 49 (2), 135-144, DOI: 10.1300/j082v49n02\_08.

- Taranu (2011) *Estudo da relação entre religiosidade e espiritualidade numa amostra portuguesa*. (Mestrado). Universidade de Lisboa.
- Taylor, Y; Snowdon, R (2014) Making space for young lesbians in church? Intersectional sites, scripts, and sticking points, *Journal of Lesbian Studies*, 18(4), 393-414. DOI: 10.1080/10894160.2014.899831.
- Teixeira, F. S. (2011). Homofobia e sua relação com as práticas “psi”, *Cadernos Temáticos CRP: Psicologia e diversidade sexual*, 11, 41-57.
- Trammel, J. Y (2015) “Homosexuality Is Bad for Me”: An Analysis of Homosexual Christian Testimonies in Christianity Today Magazine, *Journal of Media and Religion*, 14, 1-15. DOI: 10.1080/15348423.2014.971560.
- Trevisan, J (2013), A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no estado laico brasileiro. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*, 16(1), 29-57.
- Valle, E (2006) A igreja católica ante a homossexualidade: ênfases e deslocamento de posições, *Revista de Estudos da Religião*, 1, 153-185.
- Vilaça, H., & Oliveira, M. J. (2015). Clivagens e cumplicidades entre e a Igreja Católica e o estado: o casamento entre pessoas do mesmo sexo. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (78), 29-47.
- Walsh, F. (2005). Fortalecendo a resiliência familiar. São Paulo: Roca.
- Wilkerson, J. M; Smolenski, D. J; Brady, S. S; Rosser, B. R. S (2012) Religiosity, internalized homonegativity and outness in christian men who have sex with men, *Sexual and Relationship Therapy*, 27(2), 122-132. DOI: 10.1080/14681994.2012.698259.
- Walton, G (2006): “Fag Church”: men who integrate gay and Christian identities. *Journal of Homosexuality*, 51(2), 1-17.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4.ed. Porto Alegre: Bookman.
- Yossef, I; & Savaya, R. (2015). Religious coping strategies and mental health among religious jewish gay and bisexual men. *Archives of Sexual Behavior*, 1-11. DOI: 10.1007/s10508-015-0567-4.
- Walker, J. J; Longmire-Avital, B (2013) The impact of religious faith and internalized homonegativity on resiliency for black lesbian, gay, and bisexual emerging adults, *Developmental Psychology*, 49 (9), 1723-1731, DOI: 10.1037/a0031059.
- Watkins Jr, T. L; Simpson, C; Cofield, S. S; Davies, S; Kohler, C; & Usdan, S (2015). The relationship between HIV risk, high-risk behavior, religiosity, and spirituality among black men who have sex with men (MSM): An Exploratory Study. *Journal of Religion and Health*, 1-14, DOI 10.1007/s10943-015-0142-2.
- Wendel D, R (2003) Lived religion and Family therapy: what does spirituality have to do with it?

*Family Process*, 42, 165-179.

- Wilkerson, J. M; Smolenski, D. J; Brady, S. S; & Rosser, B. R. S (2012) Religiosity, internalized homonegativity and outness in christian men who have sex with men, *Sexual and Relationship Therapy*, 27(2), 122-132. DOI: 10.1080/14681994.2012.698259.
- Wood, A. W; Conley, A. H (2014) Loss of religious or spiritual identities among the LGBT population, *Counseling and Values*, 59, 95-111, DOI: 10.1002/j.2162007X.2014.00044X.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4.ed. Porto Alegre: Bookman.
- Zamora, M. H. & Kuenerz, C (2008) “Eu só conto mesmo é com Deus”: Fé e religiosidade como base de apoio. *O Social em Questão*, 7(7), 75-98.



## **ANEXOS**

### **ANEXO A**

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Famílias Homoparentais na Cidade de Fortaleza, CE: Um Estudo sobre Satisfação Conjugal, Estilos Parentais, Estigmatização Homofóbica e Redes de Apoio Social

**Pesquisador:** Normanda Araujo de Moraes

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 32153114.0.0000.5052

**Instituição Proponente:** Fundação Edson Queiroz

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 715.705

**Data da Relatoria:** 30/06/2014

**Apresentação do Projeto:**

Nos últimos 50 anos temos acompanhado significativas mudanças no âmbito da família e da sexualidade. Os progressos da medicina colaboraram para desvincular a procriação e sexualidade e, em consequência, a filiação não é mais relacionada, necessariamente, à realidade biológica. O aumento do número de divórcios e separações também promoveu uma desconexão entre conjugalidade e parentalidade, ganhando espaço a pluriparentalidade. Uma variedade de formas e arranjos familiares nas sociedades ocidentais se revelam na contemporaneidade e põe em debate a ideia tradicional de família formada a partir do casamento heterossexual, monogâmico e procriador como o modelo hegemônico a ser seguido por todos. Desse modo, qualquer expressão sexual e/ou afetiva que fuja a essa ordem, e questione estes princípios, é considerada como desviante ou 'anormal'. Diversos são os desafios ainda vividos por essas famílias, especialmente no que se refere ao preconceito nas diversas esferas da vida (familiar e social) e em lidar com os contextos jurídicos, social, comunitário e na área da saúde, que não têm dado um suporte legal às relações homossexuais. É diante do contexto descrito que este trabalho tem como objetivo caracterizar famílias homoparentais em Fortaleza quanto aos aspectos sociodemográficos, satisfação conjugal, estilos parentais, vivências de estigmatização homofóbica e redes de apoio social.

**Endereço:** Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria  
**Bairro:** sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905  
**UF:** CE **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br

## ANEXO B

Cidade: _____ Coletador: _____	ID: _____
Data da aplicação: ____/____/____	

### Dados Sociodemográficos

1. Idade: \_\_\_\_\_ anos 3. Sexo: ( ) M ( ) F ( ) Outro Qual? \_\_\_\_\_  
 2. Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ 4. Cidade em que mora: \_\_\_\_\_

5. Escolaridade cursada/cursando:

- |  |  |  |
|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> Analfabeto                    | <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós-graduação |
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino médio completo   |  |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo   | <input type="checkbox"/> Graduação               |  |

6. Você trabalha? ( ) Não ( ) Sim 8. Qual a sua renda individual média? \_\_\_\_\_

7. Qual a sua ocupação? \_\_ 9. Qual a renda familiar média? \_\_

10. Possui religião? ( ) Não ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_

11. Quanto tempo de relacionamento você tem com seu(a) companheiro(a) atual? \_\_\_\_\_ ano(s) \_\_\_\_\_ meses

12. Vocês moram juntos? [Se não, vá para a pergunta número 15] ( ) Não ( ) Sim

13. Há quanto tempo mora com o/a seu/sua companheiro/a atual? \_\_\_\_\_ ano(s) \_\_\_\_\_ meses

14. Considerando apenas os companheiros/as que você morou junto, o/a companheiro/a atual, é o/a seu/sua:

( ) 1º companheiro/a ( ) 2º companheiro/a ( ) 3º companheiro/a ( ) 4º companheiro/a ou +

15. Como você define seu relacionamento amoroso? Você pode marcar mais de uma opção.

União estável  Relacionamento sério

Morando junto sem união estável  Casamento

Outro: \_\_\_\_\_

16. Marque a(s) opção(ões) que você possui em conjunto com seu(sua) atual companheiro(a):

Casamento civil  Trabalho ou empreendimento  Plano de saúde

Declaração de união estável  Seguro de vida  Conta conjunta

Outro: \_\_\_\_\_

17. Tem filhos? [Se não, vá para a pergunta número 19] ( ) Não ( ) Sim

18. Quantos filhos você tem? \_\_\_\_\_

19. Seu/sua companheiro/a tem filhos de relações anteriores? ( ) Não ( ) Sim. Quantos? \_\_\_\_\_ 20. Sobre seus filhos, responda a tabela a seguir:

Filho 1	Idade: _____ /anos	Sexo: _____	<b>Origem:</b> <input type="checkbox"/> Relações anteriores <input type="checkbox"/> Relação atual <b>Forma:</b> <input type="checkbox"/> Adoção <input type="checkbox"/> Relação sexual com o sexo oposto <input type="checkbox"/> Fertilização <i>in-vitro</i> <input type="checkbox"/> Barriga de aluguel <input type="checkbox"/> Inseminação artificial <input type="checkbox"/> _____ Outro(s): _____
Filho 2	Idade: _____ /anos	Sexo: _____	<b>Origem:</b> <input type="checkbox"/> Relações anteriores <input type="checkbox"/> Relação atual <b>Forma:</b> <input type="checkbox"/> Adoção <input type="checkbox"/> Relação sexual com o sexo oposto <input type="checkbox"/> Fertilização <i>in-vitro</i> <input type="checkbox"/> Barriga de aluguel <input type="checkbox"/> Inseminação artificial <input type="checkbox"/> _____ Outro(s): _____

Filho 3	Idade: _____ /anos	Sexo: _____	<b>Origem:</b> <input type="checkbox"/> Relações anteriores <input type="checkbox"/> Relação atual
---------	--------------------	-------------	--

			<b>Forma:</b> <input type="checkbox"/> Adoção <input type="checkbox"/> Relação sexual com o sexo oposto <input type="checkbox"/> Fertilização <i>in-vitro</i> <input type="checkbox"/> Barriga de aluguel <input type="checkbox"/> Inseminação artificial <input type="checkbox"/> Outro(s): _____
Filho 4	Idade: _____ /anos	Sexo: _____	<b>Origem:</b> <input type="checkbox"/> Relações anteriores <input type="checkbox"/> Relação atual <b>Forma:</b> <input type="checkbox"/> Adoção <input type="checkbox"/> Relação sexual com o sexo oposto <input type="checkbox"/> Fertilização <i>in-vitro</i> <input type="checkbox"/> Barriga de aluguel <input type="checkbox"/> Inseminação artificial <input type="checkbox"/> Outro(s): _____

21. Deseja ter filhos? [Se não, vá para a pergunta número 23] ( ) Não ( ) Sim 22.

De que forma você teria filhos? Marque quantas alternativas achar necessário.

Adoção  Fertilização *in-vitro*  Inseminação artificial

Relação sexual com o sexo oposto  Barriga de aluguel  Outro(s): \_\_\_\_\_ 23.

Marque com um X a alternativa que descreve quantas pessoas sabem de forma aberta/explicita sobre como você vive sua vida afetiva e sexual?

	1-Ninguém sabe	2-Poucos sabem	3-Alguns sabem	4-Muitos sabem	5-Todos sabem	Não se aplica
Família	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	X
Amigos	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	
Trabalho	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	( )
Escola	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	( )

Obs: Caso não esteja trabalhando e/ou frequentando a escola marque a opção não se aplica.

24. É associado/a ou está integrado/a a algum grupo organizado como associação ou coletividade?

Associação LGBT  Não  Sim

Associação desportiva  Não  Sim

Partido político  Não  Sim

Associação Religiosa  Não  Sim

Outros  Não  Sim. Quais? \_\_\_\_\_

## Religiosidade/Espiritualidade

Por favor, marque com X no número que mais corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

ITEM	Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre
1. A religião/espiritualidade tem sido importante para a minha vida	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
2. Costumo frequentar encontros, cultos ou rituais religiosos	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
3. Costumo fazer orações no dia-a-dia	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
4. Costumo ler livros sagrados no dia-a-dia (Bíblia, Alcorão, etc.)	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
5. Costumo agradecer a Deus pelo que acontece comigo	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
6. Peço ajuda a Deus para resolver meus problemas	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
7. Costumo fazer orações quando estou em momentos difíceis	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
8. Busco ajuda da minha instituição religiosa (igreja, templo, etc.) quando estou em dificuldades	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
9. Sigo recomendações religiosas na minha vida diária	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )

## Homofobia

Pensando sobre o tema da homofobia, responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve a sua opinião em relação aos gays, lésbicas, bissexuais etc. Marque com um X a resposta correspondente.

ITEM	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Homens gays obviamente efeminados fazem-me sentir desconfortável.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>2. Prefiro ter parceiros/as sexuais anônimos/as.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
3. A vida seria mais fácil se eu fosse heterossexual.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>4. A maioria dos meus amigos/as são gays, lésbicas e/ou bissexuais.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
5. Não me sinto confiante para me “atirar” a uma pessoa do mesmo sexo que eu.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>6. Sinto-me confortável em bares gays/lésbicos.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
7. Situações sociais com homens gays ou mulheres lésbicas fazem-me sentir desconfortável.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>8. Não gosto de pensar na minha homossexualidade/bissexualidade.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
9. Quando penso em homens gays, mulheres lésbicas ou pessoas bissexuais, penso em situações negativas.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>10. Sinto-me confortável ao ser visto em público com um homem explicitamente gay ou uma mulher explicitamente lésbica.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
11. Sinto-me confortável ao falar sobre homossexualidade/bissexualidade num local público.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>12. É importante para mim controlar quem sabe da minha homo/bissexualidade.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
13. A maioria das pessoas tem reações negativas à homossexualidade.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>14. A homossexualidade não é contra a vontade de Deus.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
15. A sociedade ainda pune as pessoas por serem gays, lésbicas ou bissexuais.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>16. Eu protesto se contarem alguma piada contra gays ou lésbicas na minha presença.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )

17. Preocupo-me com o meu envelhecimento sendo homossexual/bissexual.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>18. Preocupo-me em deixar de ficar atraente.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
19. Eu preferia ser heterossexual.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>20. A maioria das pessoas não discrimina os gays e as lésbicas.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
21. Sinto-me confortável com a minha homossexualidade/bissexualidade.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>22. A homossexualidade é moralmente aceitável.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
23. Não me preocupa que descubram que sou gay/lésbica/bissexual.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>24. A discriminação contra gays e lésbicas ainda é comum.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
25. Mesmo que pudesse mudar a minha orientação sexual, não mudaria.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
<b>26. A homossexualidade é tão natural quanto a heterossexualidade.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )
27. Mulheres lésbicas obviamente masculinas fazem -me sentir desconfortável.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )

### Satisfação com o Suporte Social

A seguir você vai encontrar várias afirmações sobre as suas relações sociais. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve a sua opinião. Marque com um X a resposta correspondente:

ITEM	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
1. Os/as meus/minhas amigos/as não me procuram tantas vezes quanto eu gostaria.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
<b>2. Estou satisfeito/a com a quantidade de amigos/as que tenho.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
3. Estou satisfeito/a com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos/as.	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )
<b>4. Estou satisfeito/a com as atividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos/as.</b>	( 1 )	( 2 )	( 3 )	( 4 )	( 5 )

5. Estou satisfeito/a com o tipo de amigos/as que tenho.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
<b>6. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio.</b>	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
7. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos/as com quem o fazer.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
<b>8. Mesmo nas situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer.</b>	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
9. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntimo/a que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
<b>10. Estou satisfeito/a com a forma como me relaciono com a minha família.</b>	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
11. Estou satisfeito/a com a quantidade de tempo que passo com a minha família.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
<b>12. Estou satisfeito/a com o que faço em conjunto com a minha família.</b>	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
13. Não saio com amigos/as tantas vezes quantas eu gostaria.	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
<b>14. Sinto falta de atividades sociais que me satisfaçam.</b>	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
15. Gostava de participar mais em atividades de organizações (p. ex. clubes desportivos, escuteiros, partidos políticos, etc.).	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)



## ANEXO C



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**TÍTULO DA PESQUISA:** Famílias Homoparentais na Cidade de Fortaleza, CE: Um Estudo sobre Satisfação Conjugal, Estilos Parentais, Estigmatização Homofóbica e Redes de Apoio Social

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Dra. Normanda Araujo de Moraes

Prezado/a Colaborador/a,

Você está sendo convidada/o a participar desta pesquisa que tem como objetivo caracterizar famílias homoparentais em Fortaleza, quanto aos aspectos sociodemográficos, satisfação conjugal, estilos parentais, vivências de estigmatização homofóbica e redes de apoio social.

Ao colaborar com este estudo pretende-se realizar um encontro em que serão gerenciados questionários auto-aplicáveis, tendo o tempo médio estimado de aplicação de 50 minutos. Durante a aplicação, o pesquisador estará disponível para retirar quaisquer dúvidas dos participantes. Lembramos que a sua participação é voluntária. Portanto, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter aceitado preenchido o questionário, sem nenhum prejuízo para você.

Acerca do preenchimento dos instrumentos da presente pesquisa, este momento poderá mobilizar memórias e/ou sentimentos que mobilizem os participantes, uma vez que se busca investigar aspectos relacionados à conjugalidade, parentalidade, homofobia/preconceito vivido e rede de apoio social de casais homossexuais, assuntos carregados de afetos/emoções. O risco, portanto, de participação na presente pesquisa pode ser de mínimo a elevado, dependendo da história de cada participante. Apesar disso, tal risco pode ser amenizado já que a equipe de pesquisa envolvida na coleta de dados é composta por psicólogas formadas e/ou bolsistas de iniciação científica, os quais estarão devidamente capacitados teórica-eticamente para manejar as situações de pesquisa.

Além disso, será disponibilizada a assistência aos participantes da pesquisa, caso se avalie que algum/a deles/as necessitam de acompanhamento psicológico em virtude da participação na presente pesquisa. Nesse caso, os participantes poderão ser encaminhados para o Serviço de Psicologia da Universidade de Fortaleza (SPA), localizado no Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI).

Por fim, os benefícios esperados com esta pesquisa são de devolver à comunidade os conhecimentos adquiridos a fim de contribuir para a elaboração, implementação e/ou avaliação de políticas públicas inclusivas, voltadas ao atendimento da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) e que favorecem a diminuição dos estereótipos e preconceitos com relação aos mesmos.

Todas as informações que você nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Todas os dados coletados ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum das entrevistas e nem quando os resultados forem

apresentados.

Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento a pesquisadora responsável.

Nome da pesquisadora responsável: Normanda Araujo de Moraes  
Endereço: Avenida Washington Soares, 1321 - Edson Queiroz, Fortaleza - CE  
Telefone para contato: 3477-3219  
Horário de atendimento: As segundas pela manhã (09:30h às 11:00h)

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, CE.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA  
Universidade de Fortaleza.  
Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar.  
Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341.  
Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza, Ce.

Caso você aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira. Por último, se estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

**O sujeito de pesquisa** ou seu representante legal, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

**O pesquisador responsável** deverá, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

## CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) \_\_\_\_\_, portador(a) da cédula de identidade \_\_\_\_\_, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza-Ce., \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Ou Representante legal



Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador



---

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

## ANEXO D

### CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA/ PERGUNTA DISPARADORA/ ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### Caracterização Sociodemográfica

Idade:

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro. Qual?

Cidade em que mora:

Escolaridade:

Você trabalha: ( ) Não ( ) Sim Qual

a sua ocupação?

Renda individual média:

Renda familiar média:

Possui religião: ( ) Não ( ) Sim Qual?

Status de relacionamento: ( ) Solteiro ( ) Namorando ( ) União Estável ( ) Casado

Tem filhos: ( ) Não ( ) Sim Quantos?

#### Pergunta disparadora

*“Você poderia me contar um pouco sobre a presença da religiosidade/espiritualidade ao longo da sua vida?”*

#### Roteiro de entrevista<sup>6</sup>

- 1) Para você o que é religiosidade? E espiritualidade?
- 2) Você possui alguma crença religiosa? Se sim, qual?
- 3) Que tipos de práticas religiosas e espirituais você possui?
- 4) Na sua vida, qual a importância da religiosidade e da espiritualidade?
- 5) Como é o contexto religioso/espiritual que participa atualmente?
- 6) Você poderia me contar um pouco sobre a vivência religiosa da sua família de origem?

---

<sup>6</sup> Embora as perguntas estejam descritas de forma mais diretiva, durante a entrevista, foram usadas apenas como “guia”, dado que a pergunta disparadora foi quem deflagrou a entrevista e a relação da pesquisadora com o/a participante. Nesse sentido, as perguntas funcionaram como uma espécie de *check list*, a fim da pesquisadora verificar se o participante já havia falado daquele tópico e, se não, pontuar o mesmo para que o entrevistado pudesse complementar a sua fala.

- 7) E na sua vida, como se deu a experiência religiosa (antes e depois da revelação/início da vivência da homossexualidade)?
- 8) Como é para você conciliar a sua orientação sexual e a religiosidade/espiritualidade?
- 9) Se há conflitos (ou se houve no passado) em fazer a integração dessas esferas, como você vivenciou isso?
- 10) Você pode contar sobre benefícios e/ou dificuldades sobre ser gay/lésbica/bissexual e fazer parte de uma religião/ser espiritualizado?
- 11) O que você diria para outros gays, lésbicas e bissexuais que têm uma luta interna religião/espiritualidade x orientação sexual?
- 12) Há algo a mais que você gostaria de acrescentar ao que conversamos?



UNIVERSIDADE DE  
FORTALEZA (UNIFOR)/  
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ



---

ANEXO E

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A EXPERIÊNCIA DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM GAYS, LÉSBICAS E BISSEXUAIS

**Pesquisador:** FLORA MATTOS DOURADO DE MESQUITA **Área**

**Temática: Versão:** 2

**CAAE:** 56839816.8.0000.5052

**Instituição Proponente:** Fundação Edson Queiroz

**Patrocinador Principal:** FUNCAP **Número do Parecer:** 2.010.791

## ANEXO F

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: A EXPERIÊNCIA DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM GAYS, LÉSBICAS E BISSEXUAIS.

NOME DO PESQUISADOR: FLORA MATTOS DOURADO DE MESQUITA

ENDEREÇO: Av. Washington Soares, 1321, Bloco N

TELEFONE: (85) 98113-0605

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa, desenvolvida por Flora Mattos Dourado de Mesquita, que irá investigar a experiência da religiosidade/espiritualidade em gays, lésbicas e bissexuais (GLB). Este trabalho é de grande relevância acadêmica e social uma vez que se pode considerar a pluralidade como uma das características mais marcantes dos novos tempos e, em contrapartida, a forte presença da homofobia. Parte-se do pressuposto de que a experiência religiosa/espiritual dos GLBs é marcada por variadas tensões, conflitos e soluções. Tratar dessa temática – espiritualidade/religiosidade nos GLB- é uma tentativa de contribuir com a diminuição do desconhecimento e preconceito, bem como de tornar mais visíveis algumas experiências e dificuldades vividas pelos GLBs. Nós estamos desenvolvendo esta pesquisa porque queremos saber de que forma gays, lésbicas e bissexuais vivenciam individual e socialmente sua religiosidade/espiritualidade.

---

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

#### **1. POR QUE VOCÊ ESTÁ SENDO CONVIDADO A PARTICIPAR?**

O convite para a sua participação se deve ao fato de você fazer parte do grupo de pessoas gay, lésbica ou bissexuais, atendendo aos critérios de inclusão dessa pesquisa, quais sejam: (1) autodeclarar-se gay, lésbica ou bissexual; (2) ser maior de 18 anos; (3) declarar que religiosidade/espiritualidade são importantes na sua vida.

#### **2. COMO SERÁ A MINHA PARTICIPAÇÃO?**

Ao participar desta pesquisa, você deverá responder a uma entrevista estruturada e produção do instrumento genograma familiar, propostos pelo pesquisador. Lembramos que a sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia e liberdade para decidir se quer ou não participar. Você pode desistir da sua participação a qualquer momento, mesmo após ter iniciado a responder a entrevista e produção do genograma, sem nenhum prejuízo para você. Não haverá nenhuma penalização caso você decida não consentir a sua participação, ou desistir dela. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. A qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.



### **3. QUEM SABERÁ SE EU DECIDIR PARTICIPAR?**

Somente o pesquisador responsável e sua equipe saberá que você está participando desta pesquisa. Ninguém mais saberá da sua participação. Entretanto, caso você deseje que o seu nome / seu rosto / sua voz ou o nome da sua instituição conste do trabalho final, nós respeitaremos sua decisão. Basta que você marque ao final deste termo a sua opção.

### **4. GARANTIA DA CONFIDENCIALIDADE E PRIVACIDADE.**

Todos os dados e informações que você nos fornecer serão guardados de forma sigilosa. Garantimos a confidencialidade e a privacidade dos seus dados e das suas informações. Tudo que o(a) Sr.(a) nos fornecer ou que sejam conseguidas por dados pessoais, entrevista(s), respostas etc. serão utilizadas(os) somente para esta pesquisa. Em caso da necessidade de alguma gravação em áudio, esta só será efetivada com sua expressa autorização. Algumas vezes, a gravação de alguns diálogos com o/a pesquisador/a se faz necessário tendo em vista a garantia de conferência de fidedignidade do relato do participante da pesquisa. As gravações permitem as transcrições dos diálogos e ajudam a corrigir erros, evitar repostas induzidas e/ou mau interpretadas. Todas as transcrições serão sigilosas e de uso apenas para os recortes referentes às análises da pesquisa. O material da pesquisa, com os seus dados e informações, será armazenado em local seguro e guardado em arquivo por pelo menos 5 anos após o término da pesquisa. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa. Caso você autorize que sua voz seja publicada, teremos o cuidado de anonimizá-la, ou seja, sua voz ficará diferente e ninguém saberá que é sua. Caso você autorize que sua imagem seja publicada, teremos o cuidado de anonimizá-la, ou seja, seu rosto ficará desfocado e/ou colocaremos uma tarja preta na imagem dos seus olhos e ninguém saberá que é você.

---

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

### **5. EXISTE ALGUM RISCO SE EU PARTICIPAR?**

O(s) procedimento(s) utilizado(s) na pesquisa poderá(ão) trazer algum desconforto como níveis moderados de constrangimento, tendo em vista se tratar de uma pesquisa sobre parentalidade em um contexto restrito. O(s) procedimento(s) utilizado(s) na pesquisa poderá(ão) trazer algum desconforto, como algum constrangimento durante o preenchimento do questionário ou uma observação. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será reduzido pela(o) observação das normas éticas e do sigilo necessários.

### **6. EXISTE ALGUM BENEFÍCIO SE EU PARTICIPAR?**

Os benefícios esperados com a pesquisa são no sentido de contribuirmos com conhecimentos e reflexões sobre o debate no meio acadêmico e social a respeito da religiosidade/espiritualidade em gays, lésbicas e bissexuais, tendo em vista uma ética que leve em conta as diferentes formas de vivência religiosa espiritual e orientação sexual, que configuram a contemporaneidade e que, muitas vezes, vivenciam a não legitimação, a estigmatização, a violência e o preconceito. Como benefício imediato esperado com a pesquisa está a promoção de conhecimentos e reflexões sobre o debate no meio acadêmico e social a respeito da religiosidade/espiritualidade em GLBs, bem como a promoção da expressão da subjetividade dos participantes tendo em vista o alívio da fala e a elaboração das tensões relacionadas à possível homofobia vivenciada. Como benefícios à longo prazo, espera-se contribuir para modificações nas políticas públicas tendo em vista a priorização do combate às desigualdades sociais.

### **7. FORMAS DE ASSISTÊNCIA E RESSARCIMENTO DAS DESPESAS.**

Se você necessitar de algum (tratamento, orientação, encaminhamento, etc.) como resultado

encontrado nesta pesquisa, você será encaminhado(a) por Flora Mattos Dourado de Mesquita/ (85)98113 2404 para o Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) da Universidade de Fortaleza – UNIFOR (Rua Desembargador Floriano Benevides, 221, Edson Queiroz / (85) 3477.3611 ). Caso o(a) Sr.(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira. No caso de algum gasto resultante da sua participação na pesquisa e dela decorrentes, você será ressarcido, ou seja, o pesquisador responsável cobrirá todas as suas despesas e de seus acompanhantes, quando for o caso, para a sua vinda até o centro de pesquisa.

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

## **8. ESCLARECIMENTOS**

Se você tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados nela, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Flora Mattos Dourado de Mesquita

Endereço: Av. Washington Soares, 1321, Bloco N

Telefone para contato: (85) 8669.8569 // 9618.1236

Horário de atendimento: 8h às 18h

Se você desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa, poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza. O Comitê de Ética tem como finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza –  
COÉTICA

Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar.

Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341.

Horário de Funcionamento: 08:00hs às 12:00hs e 13:30hs às 18:00hs.

Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza-CE.

## **9. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO**

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar da pesquisa, deve preencher e assinar este documento, que será elaborado em duas vias: uma via deste Termo ficará com o(a) Senhor(a) e a outra ficará com o pesquisador. O participante de pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, deve rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, apondo a sua assinatura na última página do referido Termo. O pesquisador responsável deve, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

---

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

### 10. USO DE VOZ E/OU IMAGEM

Caso o(a) Senhor(a) deseje que seu nome, seu rosto, sua voz ou o nome da sua instituição apareça nos resultados da pesquisa, sem serem anonimizados, marque um dos itens abaixo.

\_\_\_\_\_ Eu desejo que o meu nome conste do trabalho final.

\_\_\_\_\_ Eu desejo que o meu rosto/face conste do trabalho final.

\_\_\_\_\_ Eu desejo que a minha voz conste do trabalho final.

\_\_\_\_\_ Eu desejo que o nome da minha instituição conste do trabalho final.

### 11. CONSENTIMENTO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. (a) \_\_\_\_\_, portador(a) da cédula de identidade \_\_\_\_\_, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores. Ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante ou representante legal

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
Impressão dactiloscópica